A MÃO ESQUERDA DE VÊNUS

Fernanda Young

GLOBO LIVROS

Sumário

OFICINA
DA PALAVRA
E DA IMAGEM

DINAMO-AZARI
PEPERO FUTURISTA

99
EXERCÍCIOS
DE
ESCRITA.

AS PESSOAS DIZEM: QUE LINDA!
E EU PASSO COM A ALMA EMBOLORADA.
ELAS FALAM DOS MEUS OLHOS, E EU SIGO ASSOMBRADA
PEDEM QUE AS TOQUEM, MAS TENHO
AS MÃO SUADAS.
CHAMAM-ME PELO NOME, QUANDO PASSO APRESSADA.
COMO ME CHAMO?
QUAL É A COR DOS MEUS CABELOS?
SOU NEGRA OU SARDENTA?
AFINAL QUAL É A COR DOS MEUS OLHOS?

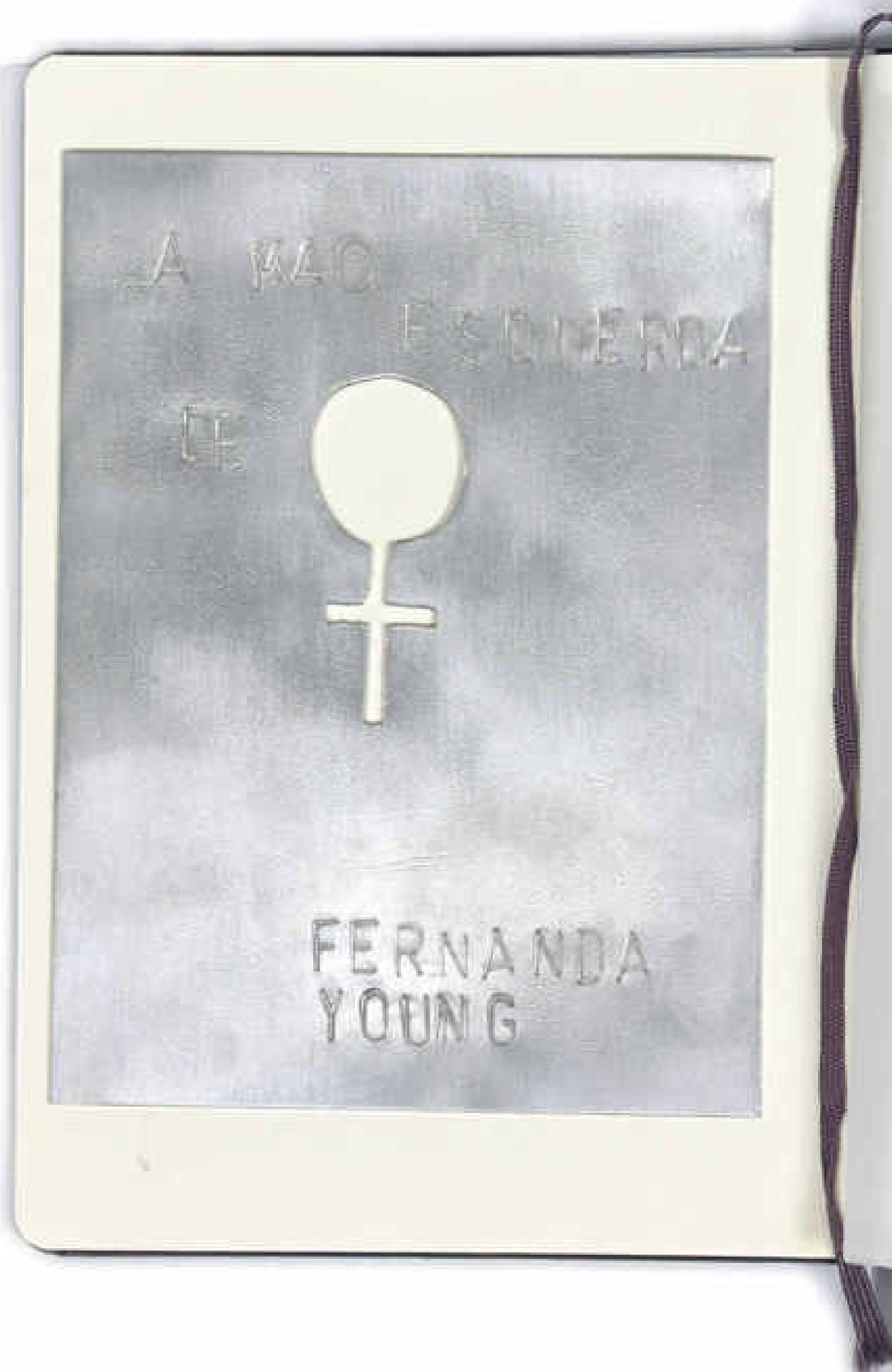
AS PESSOAS DIZEM: LINDA!
_ NÃO ME ENXERGO! BERRO.
MAS ESTOU AMORDAÇADA



FERNANDA YOUNG

A MÃO ESQUERDA DE VÊNUS

GLOBO LIVROS


A MÃO
ESQUERDA
DE
FERNANDA
YOUNG

OFICINA
DA PALAVRA
E DA IMAGEM
→ 20/10/15

PEPERO FUTURISTA

LES MOTS EN LIBERTÉ
↳ MARINETTE
AEROPOESIA

EXERCÍCIOS
DE
ESCRITA.

PROFESSIONAL NOTEBOOK

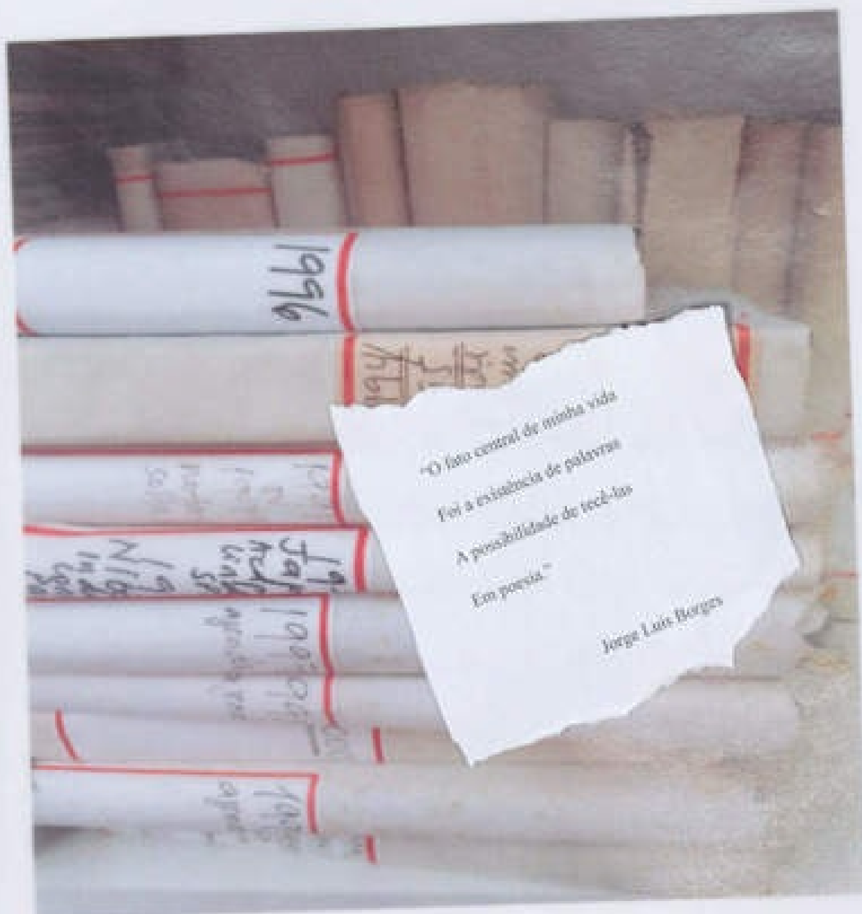
PARA MINHA IRMÃ,

PRESENTE PARA MINHA IRMÃ

Queria lhe dar uma jóia,
que me endividasse para o resto da vida.
Derradeira e límpida feito um brilhante,
lágrima lapidada, azulada-pedra.
Queria lhe dar uma jóia
feito este poema, só que não bruto.
É o solitário que queria em seus dedos,
um soneto anelado, um raro poema.

À MEMORIA DE LAURA FIGUEIREDO

[Página de Epígrafe - Borges]



OFICINA DA PALAVRA E DA IMAGEM

PEPERO FUTURISTA

EXERCÍCIOS DE ESCRITA.

LES MOTS EN LIBERTÉ

MARINETTE

AEROPOESIA

A MÃO ESQUERDA FICA MORTA AO LADO DO MEU CORPO BRANCO E RABISCADO. E VOCÊ, BEM SEI, DEVE ESTAR MEIO MORTO COM O CORPO SEM SER TOCADO.

A MÃO DE ESQUERDA DE VÊNUS QUE AFAGA OS SEUS CABELOS E TOCA-LHE UMA PUNHETA CANHOTA, NÃO SABE RESPEITAR O TEMPO DO TEMPO E SUA GRAVIDADE SATURNINA PELA MAIS

ENQUANTO SATURNO CATEGÓRICO AMARGO DIZ:

A MÃO QUER TODA ENT

BEM FEITO!

ELA É RECEBER TANTO OFERE NÃO S QUE



OS TAPETES, REDE TEVE UM DE UM ENQUANTO VÊNUS COM A SUA MÃO NERVOSA ESTAPEIA O ROSTO QUE QUER LAMBER. VOCÊ ME DEIXA


EU ME
IMPORTO

OFICINA
DA PALAVRA
E DA IMAGEM → 20/10/15

DEPERO FUTURISTA

LES MOTS EN LIBERTÉ
→ MARINETTE

49
EXERCÍCIOS
DE
ESCRITA.

1. SOU ESSA.

Eu bordo o labirinto quente das minhas veias.
Repito as palavras como mantras, nas voltas que a agulha faz.
Por vezes me furo e não o pano, gosto de levar esse susto.
É a digital de sangue que deixo ali: minhas lágrimas, cervejas, rompantes.
Se me revelo expondo as fraquezas, confusão, raiva,
Não me constranjo.
Há muito cansei de
Desculpar-me.
Sou essa, e aceito não ser querida.
Se me arrependo de algo,
Digo aqui e bordarei:
Foi ter saído de mim,
Para deixar alguns entrarem.

2.

Uma multidão de olhos
Julgando
Ou não,
Gostando ou
Não, podendo
Ou não, querendo
Ou não, gozando
Ou não, à toa ou não.

OFICINA DA PALAVRA E DA IMAGEM

DINAMO-AZARI PEPERO FUTURISTA

99 EXERCÍCIOS DE ESCRITA.

LES MOTS EN LIBERTÉ

20/10/15 — MARINETTE ?

AEROPOESIA



JULIO PLAZA LUA NA ÁGUA — 1923?

MARILÁ DARDOT

AZUL NÃO TINHA NOME ATÉ O SEC XIV

JOGO DE AMARELINHA CORTAZAR

FÁBIO MORAES

VOCÊ É MEU ESPELHO,
MEU MAL ESTAR

PRECISO
URGENTE
DE UM
DRINQUE

EU E VOCÊ

OU DE UM
PEDIDO DE
DESCULPA

O MITO É UMA
HISTÓRIA.
NÃO HÁ VERDADE
OU MENTIRA

REAL

IREI PEGAR UM MOMENTO
E IREI REFAZER
A MEMORIA


IREI PEGAR
UM MOMENTO
E REFAZER
A MEMÓRIA


LE BATELEUR
IL MAGO
THE MAGICIAN
EL MAGO
DER MAGIER
DE MAGIER
I

REFAZER

SOU A SUA NOIVA NA AUSÊNCIA



54

A mão esquerda de Vênus

A mão esquerda de Vênus
Que afaga seus cabelos e
Toca-lhe uma punheta canhota.
Não sabe respeitar o Tempo.
Do Tempo, e sua gravidade
Saturnina, ela debocha
Pela mais pura ansiedade.

A mão quer prazer e
Esfrega-se toda
Entre as - minhas -
Pernas.

Ela é geniosa e espera
Receber o tanto que oferece.
Não sabe que o duro Marte se
Assusta por ser mais frágil.
Por ser bem mais frágil do que
Ela - é difícil mesmo de entender!





3. CONT.

A mão esquerda fica morta
Ao lado do meu corpo
Branco e rabiscado.

E você, bem sei, deve estar
Meio morto,
Com o corpo sem ser tocado.

Enquanto Saturno categórico e amargo
Diz: benfeito.


LA PAPESSE
LA PAPESSE
THE HIGH PRIESTESS
II

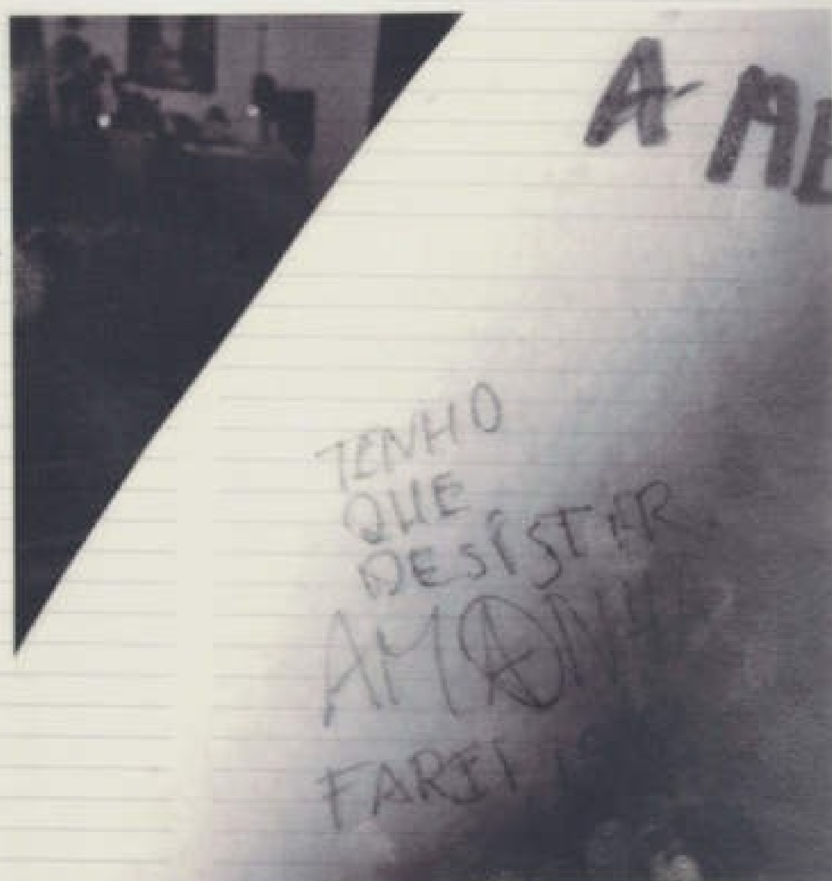
3. coM.

A mão esquerda fica morta
Ao lado do meu corpo
Branco e rabiscado.

E você, bem sei, deve estar
Meio morto,
Com o corpo sem ser tocado.

Enquanto Saturno categórico e amargo
Diz: benfeito.




TENHO
QUE
DESÍSTIR
FAREI

Tenho que desistir,
Amanhã farei isso.



DEZ PÁGINAS

SOU UMA CASA COMPLETA TENHO RECAN

ORGULHOSO, E GOSTA DE OUVIR: O QUE

BOA

DOBRAS, LAREIRA E

ASSINAM A CONTA

OSEM A NOVOS CON

ÁGUA OFERECIDO

MACIDE UM

PESA ENCOMENDA

A SOB

AO LADO.

PARA CHIARA MARTINI

5.

Sou uma casa completa.
Tenho recantos em minhas
Dobras, lareira e um belo
Jardim de tulipas negras.

Também sou uma caravela
Que corre ruidosa e
Escorregadia sobre os oceanos
Que conduzem a novos
Continentes.

E uma caneta macia de um
Garçom orgulhoso; ele gosta
De ouvir: – Que caneta boa!
Quando assinam a conta.

Posso ser os elásticos de
Pompom nas chiquinhas de
Uma menina que chora,
Chata, no pátio ao lado.


LE ETOILES
THE STARS XVII

Ficar aqui.

Esse aqui que vaga e

Ressente.

A MANIPULAÇÃO

DADAS

SUBVERTER

"DADÁ NÃO SIGNIFICA NADA."
TRISTAN TZARA

ROUBANDO-ME
COM A ESPERA
DE ALGO QUE EU
NÃO TINHA,
SE EU NÃO TINHA
POR QUE QUERO
TANTO, AGORA?

NICOLAS BOURRIAUD
ESTÉTICA RELACIONAL
INTERSTÍCIO

LINHA DE COSTURA
EDITH DERDIK
PERMANENTE

GORDON MATTA CLARK

KURT SCHWITTERS
MERZBAU

AESTÉTICO

"BOITE EM VALISE"
MARCEL DUCHAMP

05/10/15

CRIATIVIDADE

"SÓ HÁ UMA IDÉIA DO
QUE A MINHA NATUREZA
ENTENDE COMO PAIXÃO. O
CORPO REAGE ASSIM: TAQUICÁRDIACO,
ETÍLICO, ESFOMEADO. NA ANSIEDADE
TORNO AQUELA QUE NÃO SUPORTO,
A MESMA QUE FICAVA NA ESCADA
ESPERANDO SER LEVADA PARA ALGUM
LUGAR, LONGE DALI. O QUE ENTENDO?
DEVO EXPLICAR? OK. O QUE AGUARDO
É ESTAR LONGE DESSA MENINA QUE
ESTÁ SENTADA NOS DEGRAUS FRIOS
DAQUELA ESCADA. NAS HORAS EM QUE
O MÁRMORE BRANCO, DESSAS HORAS,
HORAS DE UMA TABELA TONAL DE
CINZA, FICO EM DÚVIDA SE QUERO
REALMENTE QUE O OUTRO
CHEGUE. DUVIDAR DO QUE
DESEJO ANGUSTIA TANTO,
A PONTO DE ME FAZER
FUGIR. E QUANDO DECIDO
IR, AMEAÇO, TESTANDO
QUEM ESPERO TER

RAOUL HAUSMANN

TABO

HUGO BALL
POEMA SONORISTA

O GADJI BERI BIMBA

FRANCIS PICABIA
MÁQUINAS AMOROSAS

MANIFESTO CANIBAL DADA

6.

Só há uma ideia do que a minha natureza
entende como paixão.
O corpo reage assim: taquicardíaco,
etílico, esfomeado.
Na ansiedade torno-me aquela que
não suporto;
A mesma que esperava na escada,
querendo ser levada
para algum lugar, longe dali.
O que aguardo é ficar longe
dessa menina que está sentada nos
degraus frios da escada.
E nas horas em que o mármore branco,
dessas horas, horas de uma tabela tonal
cinza-rato, gelam meu sexo, minha pele,
fico em dúvida se quero,
realmente, que o outro chegue.
Duvidar do que desejo angustia tanto,
a ponto de me fazer fugir.
E quando decido ir, ameaço,
testando aquele de quem espero ter atenção.
Deixando tudo mais tenso,
nervoso,
excitante.
Então, molhada eu fico, ainda ali
nos tais degraus de ansiedade,
lisos e frios,
de mármore-medo.

OFICINA

NICOLAS

KURT
SCHWITTE
MERZ

05/10/15.
CRIATIVIDADE



RAOUL
HAUSMANN

HUGO B
POEMA
SONORO

O GADJI
BERI
BIMBA

PONTO DE ME FAZER
FUGIR. E QUANDO DECIDO
IR, AMEAÇO, TESTANDO
QUEM ESPERO TER

MANIFESTO
CANIBAL
DADA

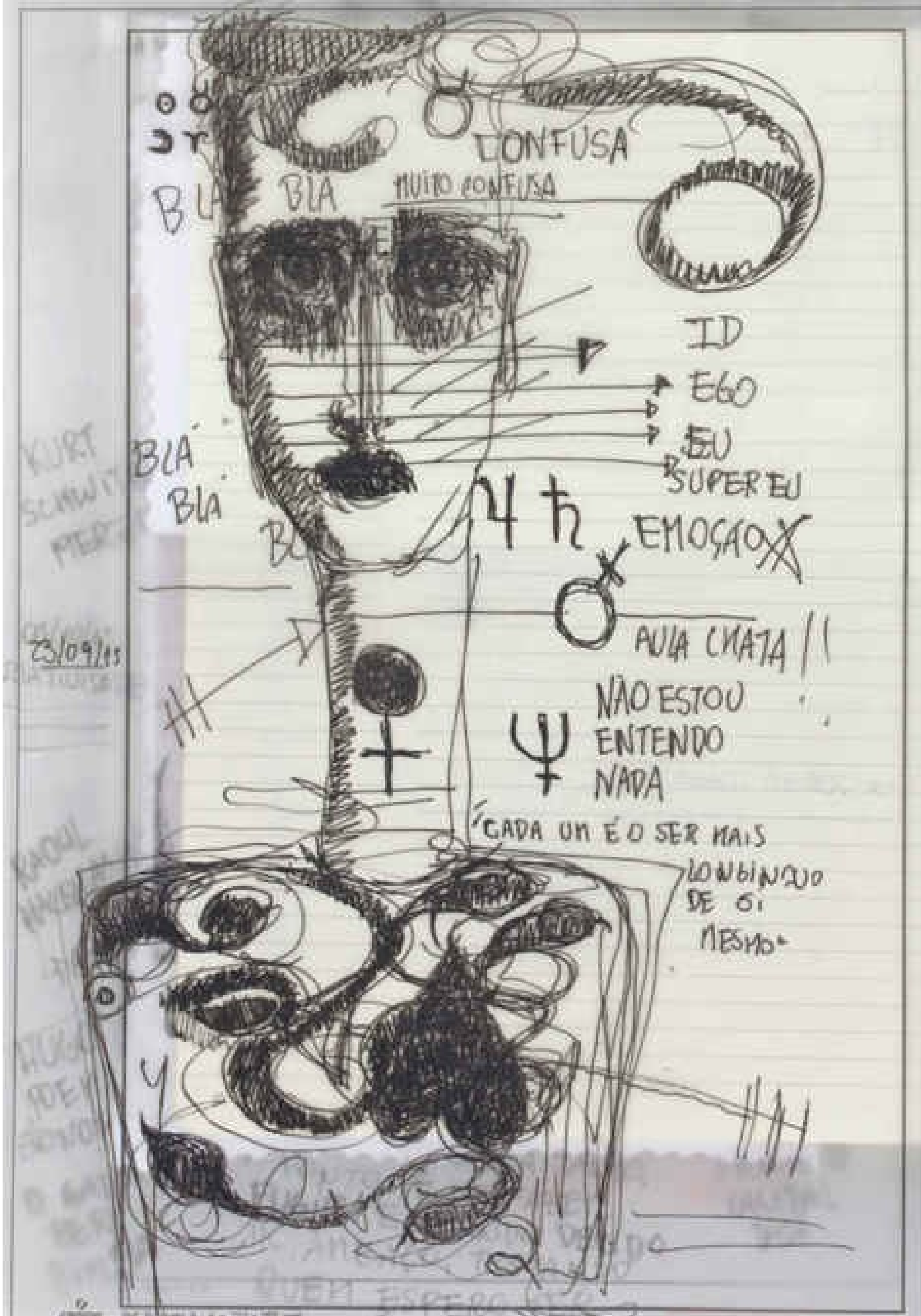
37.

Agora fumo um cigarro. E eu não fumo cigarros. Mas agora eu quis fumar um, e de filtro escuro, pois impregna mais o sangue, ou ao menos dá esta impressão. É melhor assim, quando o proibido é tão simples e cabe num maço. Numa caixinha de papel compacta. Com tampa. No caso dessa, tampa vermelha.

Eu não fumo cigarros. E acho que estou ficando maluca.

→ QUE ME TRAGA

ESCREVI → 14:30


OFICINA
CONFUSA
BLA BLA
MUITO CONFUSA
ID
EGO
EU
SUPEREU
BLÁ
BLA
EMOÇÃO
23/09/15
ALÉM CHATA !!
NÃO ESTOU
ENTENDO
NADA
"CADA UM É O SER MAIS
LONGÍNQUO
DE SI
MESMO"

OFICINA DA PALAVRA E DA IMAGEM

8-

Sou a antimonalisa,
Sou desproporcional
Toda a minha roupa
Feita de retalhos
Bordada por rezas
Para acordar e d
Um mantra que
Você vai cons
Cuidarei de v
Seja prudente
Menininha b
Arrumo m
E passo m
vermelho
Todo o c
Discipli
Fina p
branc
Tola

SOU A ANTI-MONALISA,
SOU DESPROPORCIONAL,
TODA MINHA ROUPA É FEITA DE
RETALHOS, BORDADA ~~POR~~ COM
REZAS QUE FAÇO PARA ACORDAR
E DORMIR
UM MANTRA QUE REPITO:
VOCÊ VAI CONSEGUIR
EU CUIDAREI DE VOCÊ
SEJA PRUDENTE, MINHA
MENININHA BOA E TOLA.
ARRUMO OS MEUS CABELOS E
PASSO O TAL BATOM VERMELHO.
TODO O CORPO MOLDADO NA
DISCIPLINA
E A FINA PELE DE PORCELANA
FRIA BRANCA DESENHADA
COBERTA DE CONDECORAÇÕES
— AMORES, VINGANÇAS, VERSOS —
ARRUMO OS CABELOS NUNCA
SATISFEITA, PASSO O MESMO
BATOM VERMELHO.

SOU UMA PINHATA PERFEITA,
JAMAIS UMA MONALISA.

HÁ 3 VERSÕES
DESENHO DO PAREDE,
ESCREVI ↗



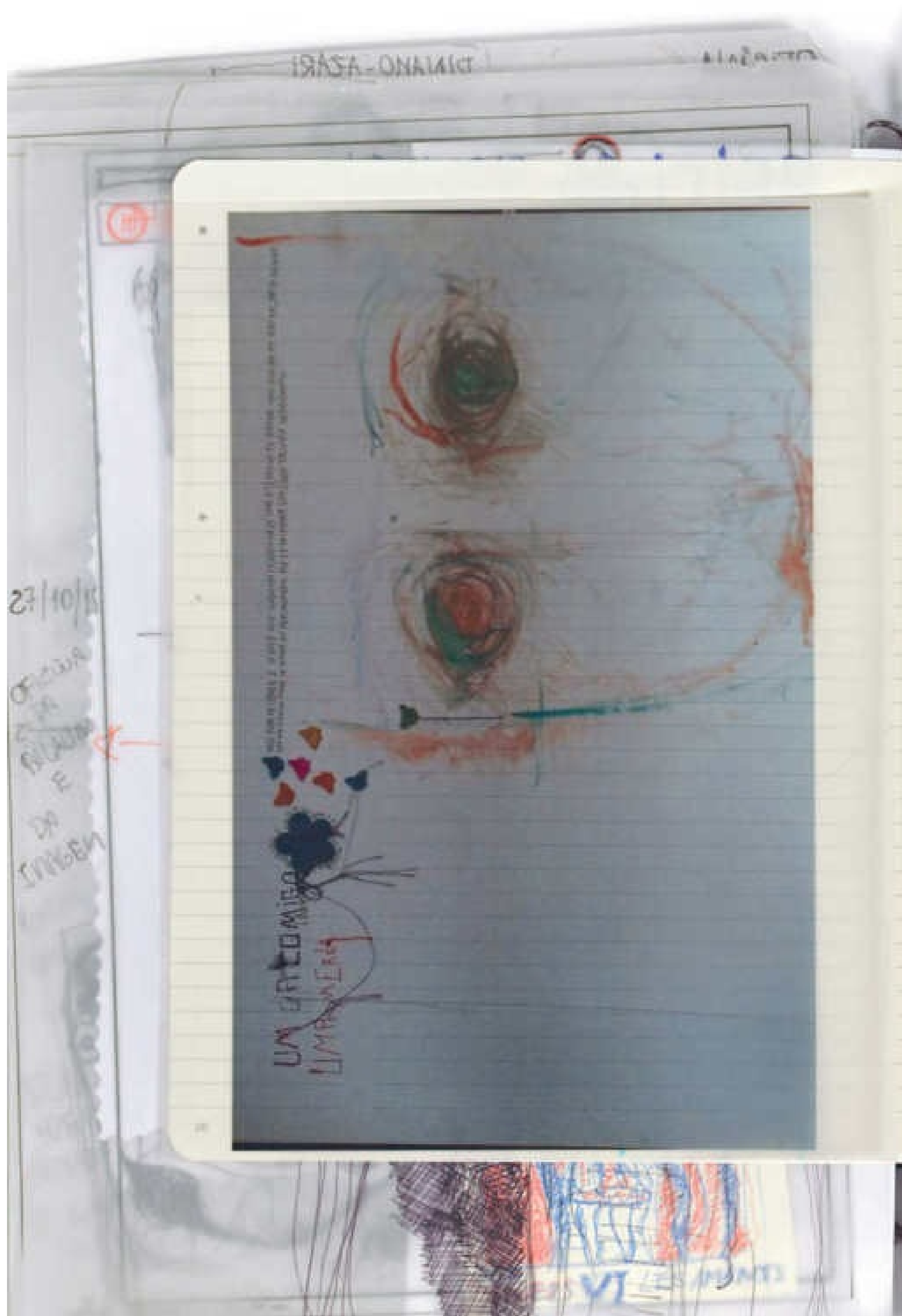
27/10/15

OFICINA DA FIGURA E DA IMAGEM



OFICINA DA PALAVRA E DA IMAGEM

TERÇA-FEIRA
QUE ESTÁ
PASSANDO
LENTA EM
DIREÇÃO
DA MORTE



COLOCAR O TEXTO DO QUADRO AQUI


CONFUSA

10 1. ***

Nada é bom para mim, aprenda.
Eu pareço razoável, até mesmo
Bela, mas sou essa, bem estranha,
E muitas vezes doente.
Não se deixe levar por minha
Tradução de My Funny Valentin
Eu sou a mais escrota do bairro
De qualquer cidade.
Mas eu irei mudar meu cabelo,
E não será por você.
Vou te contar minha história,
E você irá achar que é mentira.
Tudo que posso dizer é:
Fique.
Hoje não é o nosso dia,
Mas fique.




PERDÃO

***

Queria ser simples. De tudo que já quis,
juro, esse me parece o mais disparatado
De todas as ideias de
e essa é a que mais fere.
e importar se o Noturno número dois
mal interpretado. Porque
endo de piano e não posso
é uma merda de uma
Mas eu sei que é uma
ne fere os nervos mais que
re tanto quanto a idéia de
ueria ser simples a ponto
Querida por ser querida e
pecial. O especial é
o. Intratável em sua
ngeleza. Porque eu poderia
ou delicada, e implorar sem
uidados. Queria ser simples
om esmero. Porque a minha
icidade iria sugerir atenção.
nplicidade me traria sopas,
garidas. Mas eu ganhei fama
e minha criada acaba de trazer um petisco
que só vende em uma padaria bem longe.



A CONCHA E O SOPRO DE SEFERO




LA FORCE
LA FUERZA XI LA FORÇA

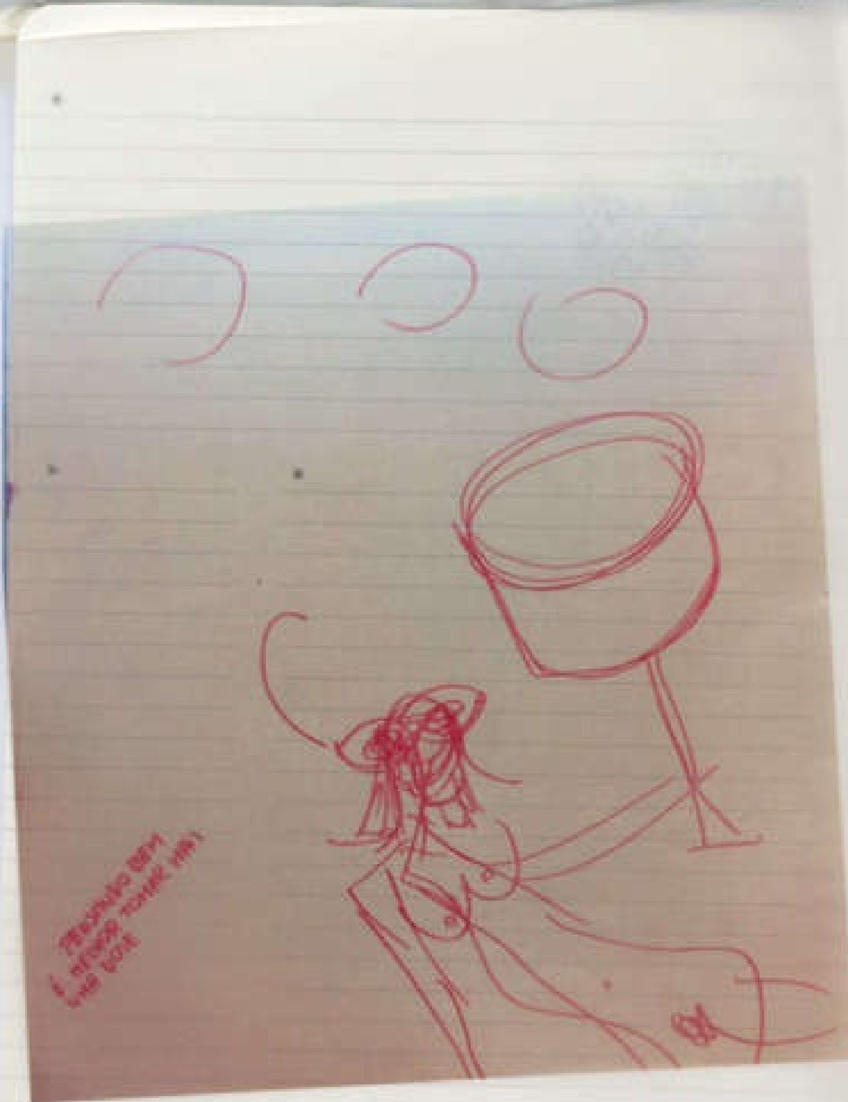
A CONCHA E O SOPRO DE SEFERO



12

Não irei mudar essa veste em que habito há muito,
Já a descrevi inúmeras vezes, reconheço os remendos,
As reentrâncias amarrotadas, em que disfarço o bolor
Com cânfora e alfazema.
Minha casa, ora tão iluminada pelo mais fresco sol do outono de maio,
Ora de um sombrio da cor mais negra que um poço artesanal chinês, vi
Não irei mudar, fato.
Todas as vezes que disse que iria, acreditei que pudesse,
Não menti, mas não mudei;
Ou talvez tenha mudado um pouco, bem pouco,
Pois não acredito mais nisso, nem vou mentir.
Não vou mudar e assumo.
Por mais horrível que seja o tal poço que por vezes me jogo, e a você tı
meu poço.
E ali enxergo coisas lindas.
Se o sol fresco do meu outono não o aquece o ano inteiro,
Ele sabe acolhê-**lo**, e aos que me aguentam na escuridão.
Não irei mudar!
Ficarei muda,
Muda mas vestida de mim mesma.

A CONCHA E O SOPRO DE SEFERO



Não compensa arrumar, de novo e de novo, as malas cheias de tules e cha
eterno retorno ao que sou.
Não vou mudar,
Também não espero que você mude,
Minha casa é grande, tem muitos quartos, mas sou espaçosa.
Essa é uma novidade, não uma mudança.
Troquei os móveis de lugar, o estofado de alguns antigos sofás.
Aceito que você esteja ao meu lado, como você é,
torço até que você pernoite de vez em quando.
Te ofereci todo o meu branco,
Talvez você consiga entender o meu traje preto
...mais uma vez,
Não prometo mais nada.
Nunca mais me rastejo em desculpas.
Não sou um monstro,
Jogo apenas a mim no umbral que
Talvez eu, de tempos em tempos,
necessite revisitar.
Não mudo quem sou, não troco meu lugar com ninguém, nem permito q
meu lugar.
Saio do túnel enxergando melhor,
Um jogo de cego: tateio, farejo, lambo, reviro
Volto para mim reconhecendo o que fiz,
Quem machuquei - quase sempre somente a mim mesma, bem sei me m

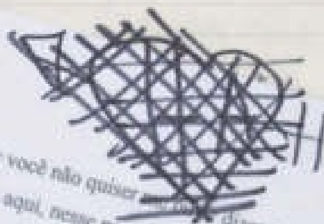

CUIDAR DOS MEUS FILHOS
MANTER O FOCO
EU
NÃO DESISTIR
-AGORA-
45
EMAGRECER 5 QUILOS
PUBLICAR MEU NOVO LIVRO
DEIXAR MEU CABELO CRESCER
NÃO DEIXAR O PESSIMISMO VENCER
APRENDER FAZER GRAVURA EM METAL
SABER DESCANSAR.

Não compensa arrumar, de novo e de novo, as malas cheias de tules e cha
eterno retorno ao que sou.
Não vou mudar,
Também não espero que você mude,
Minha casa é grande, tem muitos quartos, mas sou espaçosa.
Essa é uma novidade, não uma mudança.
Troquei os móveis de lugar, o estofado de alguns antigos sofás.
Aceito que você esteja ao meu lado, como você é,
torço até que você pernoite de vez em quando.
Te ofereci todo o meu branco,
Talvez você consiga entender o meu traje preto
...mais uma vez,
Não prometo mais nada.
Nunca mais me rastejo em desculpas.
Não sou um monstro,
Jogo apenas a mim no umbral que
Talvez eu, de tempos em tempos,
necessite revisitar.
Não mudo quem sou, não troco meu lugar com ninguém, nem permito q
meu lugar.
Saio do túnel enxergando melhor,
Um jogo de cego: tateio, farejo, lambo, reviro.
Volto para mim reconhecendo o que fiz,
Quem machuquei - quase sempre somente a mim mesma, bem sei

A MAO ESQUERDA

DE ♀

FERNANDA YOUNG



Fico muda, se você não quiser [redacted] dizer te amo,
Mas comigo, e aqui, nesse papel: eterna.
14.

GAL.NEVES@GMAIL.COM

T → C

↳ PALAVRA MATERIALIZADA

WILLIAN BLAKE - LIVROS FEITOS COM A ESPOSA - LITOGRAVURAS 6 A 7 EXEMPLARES
TEXTOS E IMAGENS
FINAL DO SEC XVIII
MANUALIDADE ERA IMPORTANTE COM O MÍSTICO.
IMAGENS E TEXTO PRODUZIDOS JUNTOS

HOLY THURSDAY

LINDOS LIVROS

LINDO

FALSINITI 1907 FUTURISTAS

20/10

OFICINA DA PALAVRA E DA IMAGEM

ATÉ O SEC XIV NÃO HAVIA VIRGULAS, NEM PONTOS

THE DIVINE IMAGE

WILLIAM MORRIS "NÃO DISTANCIAR A MÃO DO TEXTO"

SONGS OF INNOCENCE

MALARME - UM LANCE DE DADOS...
↳ MAQUINA DE POESIA

RETRATO BRANCO E PRETO
↳ ALBUM DE FIGURINHA COM RETRATOS DE SONETOS PB

RETRATO BRANCO E PRETO

CHICO BUARQUE FOTOS DE ...

↳ CAPA ↳ CONTRA CAPA



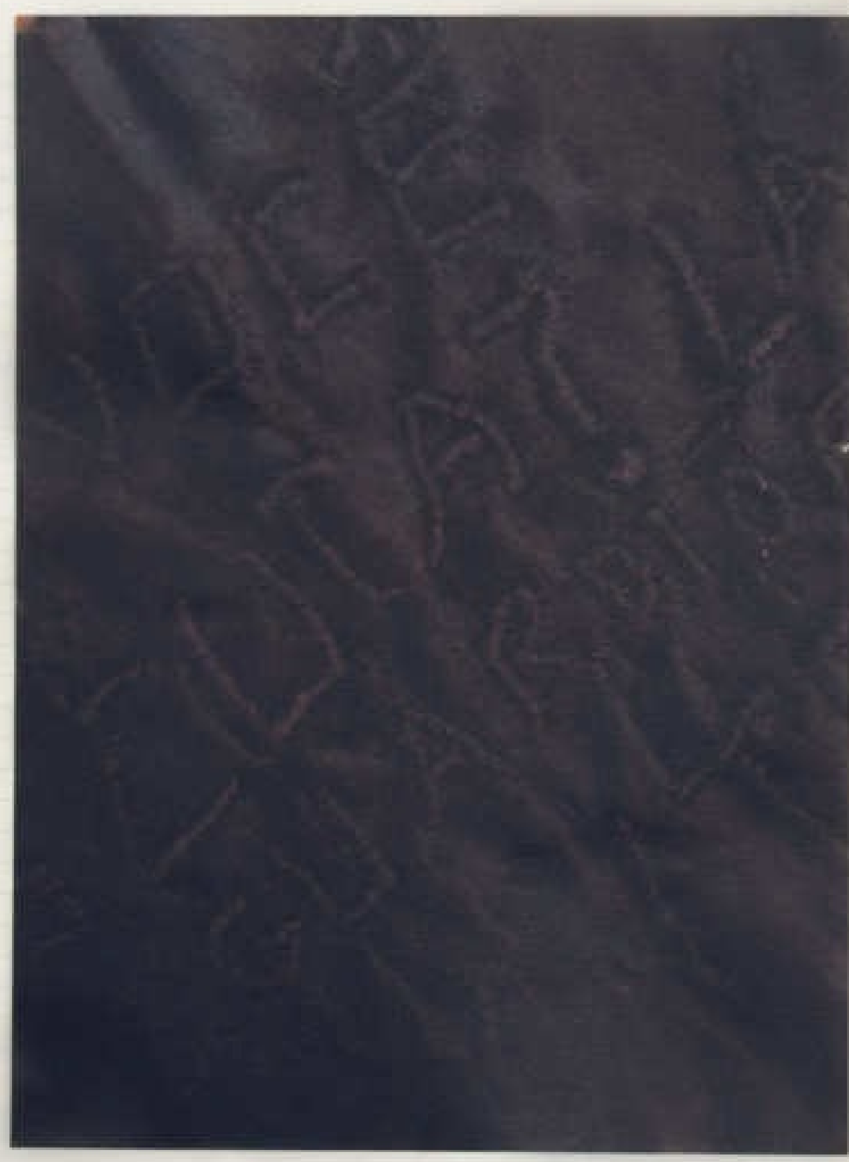


CALIGRAMMES
↳ APOLLINAIRE

14

Odeio ouvir campainha ao longe.
Ou ela toca por mim, ou não deve tocar.
Não, não há ninguém em casa, é melhor ir embora.
Quem você quer, não quer atender a sua chamada!
Será lindo se alguma máquina disparar:
você irá chorar e recitar para ela.
Mas a campainha continua estridente.
E você continua um otário.
Teimosos esses, que procuram os que não estão.
Ou que fingem não estar.
Tenho essa sensibilidade para detectar esperas.
Como se todos os ansiosos estivessem conectados a mim.
Sou aquele que aguarda, sem sinal, nem guarda-chuva, na sua porta.
Aquele, que não tem um cigarro em casa,
que não consegue dormir pois espera uma notícia sua.
Sou você, que deseja, que eu seja quem jamais serei.
Eu, que quero você, sendo esse mesmo,
que não me dará o que aguardo.
- A pessoa nunca se cura do que é.





15



…ta? Lá?
…Ontem,
…m sobre
…mos fazer?
…rem!

…se beijo,

… lábios nesse beijo!

…m seus próprios lábios,
…beijo, nesse beijo!
…ento, mais que uma ordem,
…ochamos dessas almas amargas,
…m saber de tudo, nos beijando.
…rdiões do Ontem cantam
hoje para alguns que,
como nós, não acreditam em pragas.

Em certo momento, todos choram.

POSSO MORRER AFOGADA, POSSO...
ESTAMOS Todos MORRENDO AFOGADOS,
INCLUSIVE.
POSSO MORRER de TRISTE, dói MENOS
do QUE ÁGUA NOS PULMÕES.
NENHUMA PNEUMONIA ME MATOU.
CUSPIA SANGUE. MAS NÃO MORRI.
HOUVE MOFO, EU CHORAVA PARA RESPIRAR
E NÃO MORRI.
OS BRÔNQUIOS FECHARAM E...
NÃO MORRI.
SOU ORFÃ, SOU FORTE, SOU LEVE,
SOU MÃE, SOU LINDA.
NÃO MORREREI AFOGADA NO SEU ÓDIO E
E INVEJA.
MORRO E NASÇO Todos OS DIAS.
SOU A RESSUREIÇÃO. SOU EU, VOCÊ
E Todo MUNDO.
IMORTAL
E bêbada.

Foi-se o tempo em que um poema me salvava
das duras penas de viver — tão desgastante!
Se um verso poupasse o poeta,
Gerard de Nerval não teria
os suspensórios no pescoço.

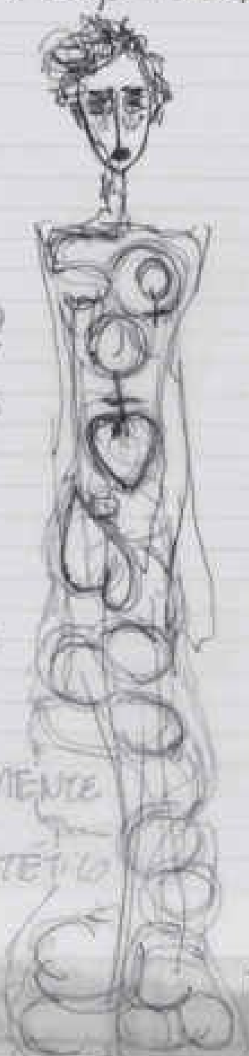
A CARTA DE AMOR
JOHANNES VERMEER → TRANSPARÊNCIA

LINDO ← JASPER JOHNS - FOOL'S HOUSE - 1962

DEGAS, A PASSADEIRA

MINHA EXPRESSÃO PARALIZADA,
RETINAS DILATADAS,
CORIZA.
OPACA PELE RESSECADA,
O SUSTO DO FLAGRA, — VOLTOU A SER, DE NOVO, HUMANA —
ESSE PERÍODO PÓS-FLAGRA,
QUANDO CREMOS TERMOS
SOBREVIVIDO AO CRIME.
NÃO, NINGUÉM PASSARÁ
IMPUNEMENTE.
ALGUÉM AQUI PENSOU QUE
PODERIA RIR TANTO, GOZAR
TANTO, TANTOS AMORES,
ASSIM, SEM CONDENAÇÃO?
O CRISTIANISMO NADA
TE ENSINOU, TRISTES CRÉDULOS
APAIXONADOS?
JÁ NÃO SERIA TEMPO DE
RECOLHER SUA BELEZA,
SEU SEXO, ENTERRANDO
TODA SEDA, POESIA NESSE
DESERTO INEVITÁVEL DO
ESQUECIMENTO?
AH, QUERIDA! VOCÊ É REALMENTE
TOLA!
SEU ROSTO LEMBRA O PATÉTICO
DE UMA JÓIA OCA.

HIST. DA ARTE 10/11/15



ELIPSE

"EU PINTO PARA RESSURGIR"
KLEE

Canson formato A4 210 x 297 mm



paralisada,
atadas,

e ressecada
do flagra
ser, de novo, humana.
odo pós-flagra,
cremos termos
vido ao crime.
nguém passará impunemente.
aqui pensou que poderia
to, gozar tanto,
amores, assim,
ondenação?
eja nada lhe ensinou,
crédula apaixonada?
io seria tempo de recolher
beleza, seu sexo,
Enterrando toda seda,
Poesia, nesse deserto inevitável
Do esquecimento?
Ah, querida! Você é mesmo tola!
O seu rosto lembra o patético
De uma joia oca.



18

Querido, querido, meu
Querido,
Bem sei que você está
Gastando o
Tempo com outras.
Mas cada dia, chore, você
Está mais perto da morte.
Eu, você e elas.
Eu não temo o tempo, nem
a morte.
Esse é o caminho que nos
Iguala,
As putas e os poetas, todos
No mesmo barco do adeus.
Você nada entendeu quando
Contei que sou mágica.
Você é cético,
Você gosta de vulgares.
Eu de seculares hábitos,
Viciada em eternidade.
Só de falar, gozo...
Sou aquela que conhece
Histórias infindáveis,
Aquela que com a língua
Afiada na lâmina,
Novas lendas para você,
Inventou.
Mas alguns não toleram o

19 - (conti)

Corte da flecha que entra
Pelos ouvidos.
A seta é sempre maior
Na saída.
O mundo fica mais doloroso
E lindo.
No entanto os seus olhos,
Treinados para estratégias
E lucros, não o deixam enxergar
O que há por baixo de minhas
Exuberantes vestes.
Eu me despi para você,
Eu o deixei entrar,
Querendo ser vista.
Mas não sei a dança do ventre,
Minha moeda é o verbo em minha
Boca, a mesma que você tanto beijou,
Sem nada pagar.
Agora não há mais verso nenhum
Que lhe caiba,
Meu querido mercador.
Você roubou minha
Inspiração
Sendo cego e falando errado.
Então ficarei quieta,
O punhal da sua ignorância me
Roubou a inspiração.
Resta-me aguardar outro rei para
Enfeitiçar, beijar e torná-lo obra,
Para enfim guardar em papel o que
Já foi amor.

(A REVELAÇÃO DA (MINHA) VERDADE)




YOUR SONG
BUCETA
CARALHO

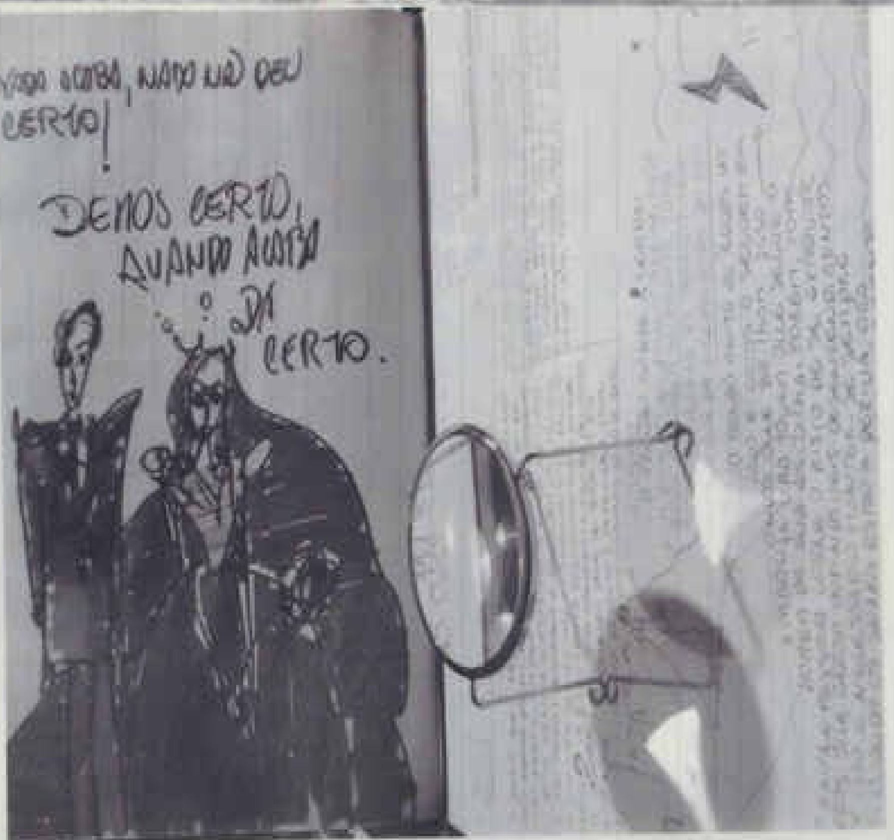


Foto 2

19. ***

Há certas águas que não matam a sede,
Você já notou?
Como a saudade que não nos conduz a
Nenhuma epifania.
Saudade deveria sempre render um verso
Perfeito, visto que para nada serve.
Acordamos cansados por
Senti-la,
Se é que dormimos.
Ela nos rouba o presente,
Nos cega o futuro.
Estou assim agora: presa
Ao passado quando
Estive com você.
É claro, sou sábia, que nada
Do que lembro
É verdade.
O criei numa memória, toda
Feita de
Papelão pintado.
Uma maquete de arquétipos
Românticos.
Nesse local em que rosas
Amarelas,
De você ganhei,
Nos mantenho
Grampeados.



Lábios e braços.

REVELADA

APOLÍNEO – A ARTE COMO UMA CORTINA QUE
COBRE A REALIDADE X DIONISÍACO



Mente tonta essa minha,
Não me canso de desenhar
Um outro ideal que me
Deixa sempre.
Poemas salvam-me da
Eterna estupidez de
Sentir-me abandonada, mas
Eles são tão
Raros...
Já sei, já sei, repito a
Rejeição da infância,
Quando matei minha mãe e
Perdi meu pai para uma
Nova mulher.
Me explicaram direitinho,
Sou uma doente
Muito bem medicada.
Reconheço ser viciada em
Desprezo.
Estarei sempre esperando,
Na tal escada já
Tantas vezes descrita, um
Alguém que voltará
- precisará ir, senão não há
como voltar -
Para mim, com as rosas na
Mão, e um pedido
De desculpas nos olhos,
Lábios e braços.

UTERINO

REVELADA

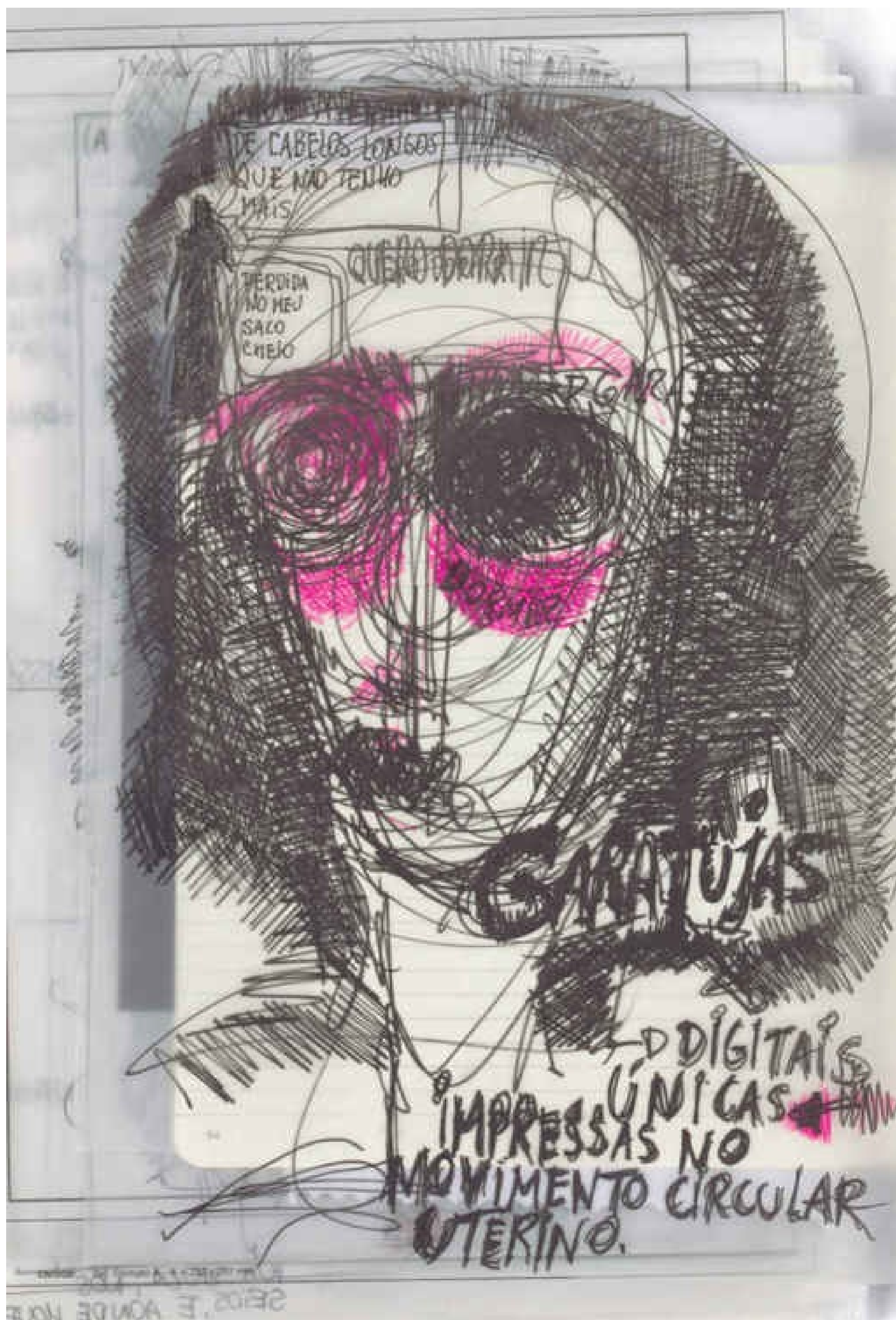
APOLÍNEO – A ARTE COMO UMA CORTINA QUE



19. cont?

Nade em minha direção!,
Rezo atordoada pela
Insônia, crendo que você
Seja digno do meu
Perdão, e sigo com sede.

APOLÍNEO - A ARTE COMO UMA CORTINA QUE
COBRE A REALIDADE X DIONISÍACO



DE CABELOS LONGOS
QUE NÃO TENHO
MAIS
PERDIDA
NO MEU
SACO
CHEIO
GARATUJAS
DIGITAIS
ÚNICAS
IMPRESSAS NO
MOVIMENTO CIRCULAR
UTERINO.

PAINEL N1. 06/10/ HISTÓRIA DA ARTE

REAL ACADEMIA DE PINTURA E ESCULTURA
FUNDADA 1648 / LUIS XIV
DISSOLUIDA PELA REVOLUÇÃO
1816 - VOLTA EM NAPOLEÃO
→ O MITO QUE VOLTA EM CENA
WINCKELMANN

VILA DOS MISTÉRIOS



FÍDIA



→ DESPREZO PELO BARROCO
→ VOLTAR PARA O MODELO GREGO
≠ BERNINI = BARROCO
→ UMA IDEIA SOBRE HUMANA
→ NEOCLACISSISMO

TORNA-SE SUPERFLUO SABER QUEM É O ARTISTA.
WINCKELMANN

A ARTE COMEÇA PELO O ÚTIL

PASSA PELO BELO
VAI AO SUPERFLUO
O EXCESSO
E A ABUNDANCIA

ENCICLOPÉDIA
DIDEROT

A VERDADE QUE TEM QUE SER REVELADA

APOLÍNEO - A ARTE COMO UMA CORTINA QUE
COBRE A REALIDADE VERDADEIRA

APOLÍNEO X DIONISÍACO

22/09/15


CISÃO
O RASGO.
AMORES
E NÃO VOO.

Sem andar não mas A

CULPAVA, TORNO-ME SANTA.

ESSE ESTADO PERMANENTE DO AGUARDAR
POR QUE TANTA MALDADE?
EU, ESTATELADA EM MEU LEITO DE
PROSTITUTA, TODA PARAMENTADA.
LAÇO NO PESCOÇO, FLOR NA CABEÇA,
PULSEIRA DE OURO NO MEU FINO
PULSO, PRESENTES DE AMANTES
PRESENTES,
VOCÊ NÃO ME TRAZ NEM UMA
TAÇA DE VINHO,
VOCÊ ME FAZ ESPERAR...
VOCÊ ME TIRA DO CELESTIAL
VOCÊ ROUBA MINHA VÊNUS
VOCÊ ME VICIA NAS MORTAIS
QUÍMICAS DO MEDO E DA
INSEGURANÇA
VOCÊ ME ~~[illegible]~~ ENTRA EM MINHAS
EPIFANIAS.
FUZILA MEU TEMPO COM A BURRICE
DA ANSIEDADE.
TRISTE, DESOLADA, DESPIDA,
CHORO.
VOCÊ É VELHO E VOCÊ NÃO PODE
NADA.
VOCÊ ME DEIXA SÓ
E CRIA-ME EM SUA SEMELHANÇA:
PRESA.
NUA, ENFEITADA COM ADORNOS
QUE ME ~~[illegible]~~ ~~[illegible]~~ REVELAM PUTA.
A MAIS ESTÚPIDA DE TODAS:
ESSA QUE AGUARDA O HOMEM
QUE NÃO TRAZ A MOEDA.
E SE HÁ ALGO QUE O REDIME DESSA
MÁGOA, É QUE EU QUE ASSIM QUIS.
CULPADA, TORNO-ME SANTA.

21

Esse estado permanente do aguardar,
Por que tanta maldade?
Eu, estatelada em meu leito de
Prostituta, toda paramentada:
Laço no pescoço, flor na cabeça,
Pulseira de ouro no meu fino
Pulso, presentes de amantes
Presentes,
Você não me traz
Taça de vinho,
Você me faz esp
Você me tira do c
Você rouba a minh
Você me vicia nas m
Químicas do medo e d
Você entra em minhas
Fuzila meu tempo com a
Da ansiedade;
Triste, desolada, despida,
Choro.
Você é velho e você não pode
Nada.
Você me deixa só
E cria-me à sua semelhança:
Presa.
Nua, enfeitada com adornos
Que me revelam puta.
A mais estúpida de todas:
Essa que aguarda o homem
Que não traz a moeda.
E se há algo que o redime dessa



ESSE ESTADO PERMANENTE DO AGUARDAR
POR QUE TANTA MALDADE?
EU, ESTATELADA EM
PROSTITUTA, TODA
LAÇO NO PESCOÇO
PULSEIRA DE OU
PULSO, PRESEN
PRESENTES.
VOCÊ NÃO ME T
TAÇA DE VINH
VOCÊ ME FAZ E
VOCÊ ME TIRA
VOCÊ ROUBA
VOCÊ ME VI
QUÍMICAS D
INSEGURANÇ
VOCÊ ME ~~TIRA~~
EPIFANIAS.
FUZILA MEU T
DA ANSIEDAD
TRISTE, DESC
CHORO.
VOCÊ É VELH
NADA.
VOCÊ ME DE
E CRIA-ME
PRESA.
NUA, ENFEIT
QUE ME RE
A MAIS EST
ESSA QUE
QUE NÃO
SE HÁ ALGO
MÁGOA, É QUE
CULPADA, TORNO-ME SANTA.

60

21 (cont'd)

(21)

Mágoa é que eu assim quis.
Culpada, torno-me santa.

PEDIDO À MNEMOSYNE

DEUSA, DEUSA, DEUSA! IMPLORO
RASTEJANTE E EXAUSTA, ME
DEIXE EM PAZ.
VEJO-O NOS SONHOS,
VEJO-O NAS MÚSICAS,
NOS RIOS,
NUM INÓSPITO VIDRO DE
CONSERVA.
LEMBRO-ME DELE EM MEU
CHEIRO.
NÃO ME SUPORTO
NESSA LEMBRANÇA CONSTANTE,
POIS O PERDI.
ACORDO E DURMO EM PESADELO,
ME DEIXE EM PAZ,
DEUSA DA MEMÓRIA, MÁ E
RANCOROSA.
IMPLORO PELO ESQUECIMENTO
E NESSA LACUNA,
NA AUSÊNCIA DELE,
VIVEREI AUSENTE.

PERDÃO.


LA TEMPERANCE XIV

PEDIDO À MNEMOSYNE



23.

É quando uma barata tem o peso exato para quebrar alguém. E ela quebrou! Tudo que parecia ser possível aguentar, mesmo que de forma já visivelmente esgotada, e frágil, foi por água abaixo com a barata na banheira. Não, não é justo. Encarou "leões" nas últimas semanas, e poderia rolar com um numa savana, porém uma barata - do tamanho de uma orelha e alta - era sacanagem demais, diabólica demais, simbolicamente inútil demais; principalmente por ela estar sentada no vaso sanitário, prestes a fazer xixi, pensando no homem que, não via há 20 dias e que não demonstrou nenhum desejo em tê-la. Uma barata, enquanto ele estava na sala, querendo ir embora jantar em sua casa, teve o peso que seus nervos não podiam aguentar. E por isso, teve um colapso. Viu a barata quando iria começar a urinar, e saiu vestindo a calça, com a calcinha ainda nas cochas, berrando e pulando e estranhamente, sem sombra de dúvidas, cantando: "brilha, brilha estrelinha". Ele soube que havia uma barata na banheira e prontamente a matou. Mas uma barata morta, não deixa de ser uma barata vista. E mesmo os barulhos feitos por ele, enquanto a matava, não diminuíram a sensação de podridão e inferno, que uma barata traz. Uma barata num banheiro. Numa banheira limpa. Uma barata que veio dos canos de outras casas, das entranhas, uma barata que assistiu outros dramas, dramas que vieram com ela - a barata - e por isso a fez vil, cascuda e testemunha de algo que também deveria ter de podre, no banheiro em que ela mijava... a barata a quebrou. E ela chorou. Ele foi. E a barata ficou na latinha do banheiro.

PEDIDO A MNEMOSYNE



do,
tivo

fado
rro

nossa música.
Não houve nem
mesmo um aperto
cordial de mãos,
quanto mais um
lençol manchado
por nós dois.
Não houve um tapa na cara, uma
mordida.
A assepsia do
adeus que não foi
falado.
A liturgia da nossa
separação foi uma
mensagem teclada

~~PLATÃO~~ O PROPÓSITO DA VIDA: O BELO
O JUSTO
O VERDADEIRO,

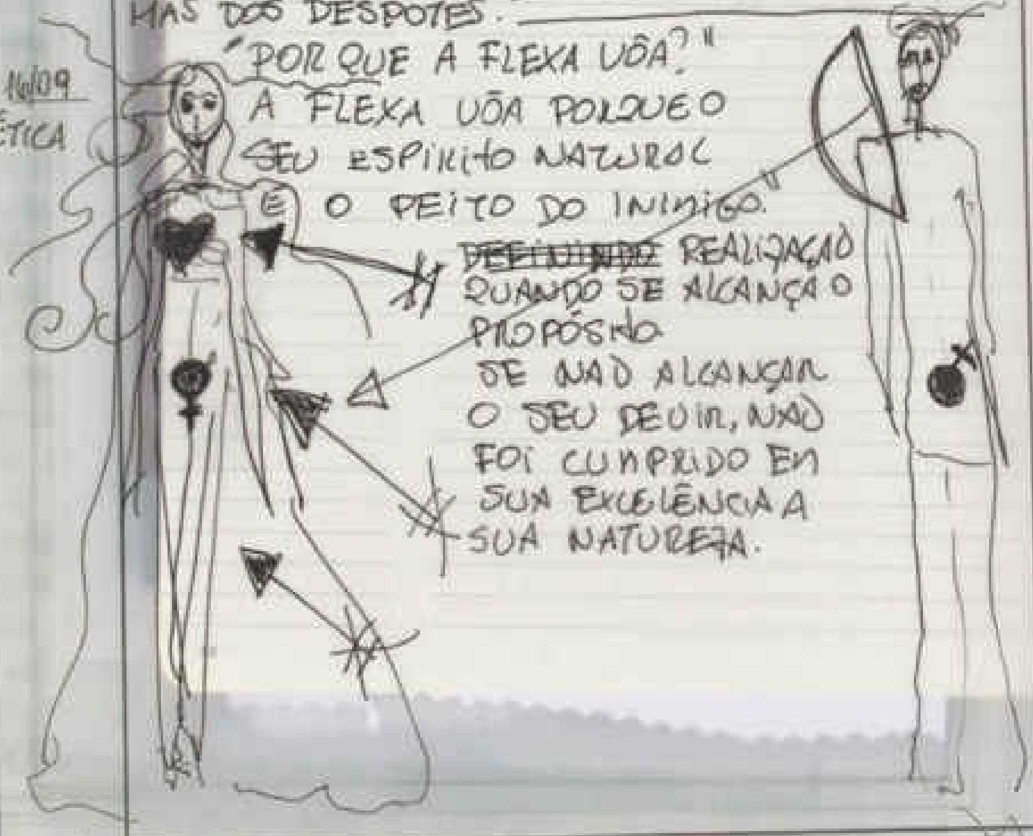
PLATÃO

A VERDADE ESTÁ CONCENTRADO NA IDÉIA DE JUSTIÇA.

ARISTOTELES - CUMPRIR A SUA FUNÇÃO NATURAL NO ATO PERFEITO / O PROPÓSITO DO HOMEM É ALCANÇAR A FELICIDADE. / PRAZER NUM SENTIDO PRÁTICO, O MÁXIMO DA VIRTUDE.

DESPOTÉS = DONOS DE ESCRAVOS.
→ DOMINUS. FELICIDADE NÃO É ATRIBUTO,
→ SENHORIO É CONQUISTADO, ATRAVÉS DO BEM COMUM. NÃO DO BEM COMUM DE TODOS, MAS DOS DESPOTÉS.

14/09
ÉTICA



"POR QUE A FLEXA VÔA?"
A FLEXA VÔA PORQUE O SEU ESPÍRITO NATURAL É O PEITO DO INIMIGO.
~~[illegible]~~ REALIZAÇÃO QUANDO SE ALCANÇA O PROPÓSITO
SE NÃO ALCANÇAR O SEU DEVIR, NÃO FOI CUMPRIDO EM SUA EXCELÊNCIA A SUA NATUREZA.

às pressas.
Deus, como isso
dói!
Essa sensação de
ter sido banalizada,
de fazer parte da
lista das muitas
que você magoou.
Mas em mim,
mesmo sendo um
nome a mais nessa
lista, e isso
me constrange tanto,
ficaram os versos
que escrevi.
Os versos que
estão a caminho,
os que sei,
irão fazer desse
encontro algo mais
digno do que
apenas um erro.
Estou na lista, mas
Sou grata.
Não o espero, esse
soldado que foi
para as trincheiras
não o procuro,
esse fugitivo,
disfarçado,
não o quero,
exilado político.
Você é como um
ilusionista

PLATÃO O PROPÓSITO DA VIDA: O BELO

A VERDA
NA IDE

ARISTOT
NO ATO

DESPOT

BEM
MAS

109
CA



Canson Ref. Formato A-4 210 x 297 mm

25

25.

As três vozes que dizem Sim,
As três vozes que dizem Não,
musas que cantam em minha
cabeça a mesma ladainha da dúvida.
Reconheço o timbre de cada uma.
Há aquela que sussurra um Sim atraente de amante, ela me excita com doçura;
essa mesma, contradiz o convite com um Não duro e certeiro. Um Não que resume:
Não há nada aqui para você: suma!
Uma outra, um pouco mais estridente, afirma: Sim!, com a pontuação de uma ordem.
Ela não dá chance alguma para um talvez, com a sua contundência.
Mas logo canta um Não choroso, de quem implora não ser machucada.
Já a mais rouca das três cantarola monocórdica e
com inesgotável temosia: Sim, Não, Sim, Não, Sim, Não.
Ela me enfada com o mistério de sua contradição, e o seu tom asséptico me faz dormir.
Essa mulheres vestem-se com esmero, seus cabelos são
longos, e nunca envelhecem.
Convivo com elas desde pequena,
Escuto vozes que me cansam, confundem, mas que me guiam
no entrelaçado novelo de um poema.
Quando chego até a ponta da linha, elas calam o que eu escrevo.
Então faz-se o silêncio que salva.

O PROPÓSITO DA VIDA: O BELO

Quis escrever um
verso que, sei,
já foi escrito por
alguém, mas
não me lembro.
Era sobre a rosa
perfeita. Esperei
passar a vontade
e você não veio.
Não há rosas entre nós.
Esperei um recado —
perfeito.
Só houve espera e a
sensação-plágio de mim
mesma, sobre essa
surpresa que nunca
chega.
Fumo mais um cigarro
entupindo o espaço
da sua ausência.



SOU UMA
COMPLETA TENHO
DE OUVIR
A NOVOS
OFERECID
AO LADO

~~PLATÃO~~ O PROPÓSITO DA VIDA: O BELO ——

COM VOCÊ APRENDI A, O QUE FAZ DE UM A, UM A BONITO
NÃO TENHO UMA BOA LETRA,
TENHO UM BOM MARTELO,
TENHO UMA BOA TESOURA,
TENHO ALFINETES,
AGULHAS

AMOR amor

TENHO ALGUNS AMIGOS QUE TEM UM BOM A,
MAS O SEU, DE FATO, É O MAIS BONITO.
TALVEZ SEJA PORQUE VOCÊ O APRENDEU COM ALGUÉM
QUE AMOU, E QUE TINHA UM NOME QUE COMEÇAVA
COM A, TALVEZ SEJA PORQUE SEU NOME COMEÇA COM A
O A DEVE TER UM ÂNGULO RETO EM SEU BICO,
DE SER TRIANGULAR, E SUA ABERTURA DEVE SER
CURTA A E O TRAÇO INTERNO DEVE SE ESFORÇAR
PARA CONTER-SE ENTRE AS PERNAS LONGAS
E ABERTAS, DO A
EU NUNCA TIVE UM A A → DESSE
BOM A, NEM B, NEM C
TENHO DÚVIDAS SE O Z É PARA LÁ OU PARA CÁ.
MAS EU TENHO PREGOS,
ARAME,
BRITADEIRA.
EU TENHO CADEADO, UMA FAIXA E UMA CORRENTE
ALI GUARDAREI SEU A E VOLTAREI AO MEU SINGELO A
DEVOLVO-LHE SEU AMOR, FICO COM O MEU.

26.

PARA ADRIANE LISBOA

Com você aprendi A, o que faz de um A, um A bonito.

Não tenho uma boa letra,

Tenho um bom martelo,

Tenho uma boa tesoura,

Tenho alfinetes,



que tem um bom A,

o mais bonito.

ocê o aprendeu com alguém

a um nome que começa com A.

gulo reto em seu bico,

sua abertura deve ser

no deve se esforçar

as pernas longas

n C

Z é para lá ou para cá.

os,

Eu tenho cadeado, uma faixa e uma corrente.

Ali guardarei seu A e voltarei ao meu singelo A.

Devolvo-lhe seu amor, fico com o meu.

QUERO ESCREVER ALGO QUE TE RASGUE
AS RETINAS,
PARA QUE VOCÊ ENXERGUE O PLANO
E CONTRA-PLANO AO MESMO TEMPO,
SUA MENTE SERÁ ENTÃO UMA TELA,
ASSIM, DESSA FORMA NÃO MAIS
CONTÍNUA, E SEM LINEARIDADE
SE EU ESCREVER VERSOS PERFEITOS
DE COMO EU VEJO, VOCÊ PODERÁ
ROMPER COM A PERSPECTIVA.
EU DEIXAREI VOCÊ ENTRAR EM TODOS
OS MEUS BURACOS.



ALGUMA

TUDO SERÁ POSSÍVEL: TODAS
AS CONSTELAÇÕES SERÃO SUAS
PORQUE VOCÊ IRÁ CONHECÊ-LAS,
CADA UMA, MESMO QUE NÃO CONSIGA
CONTAR.

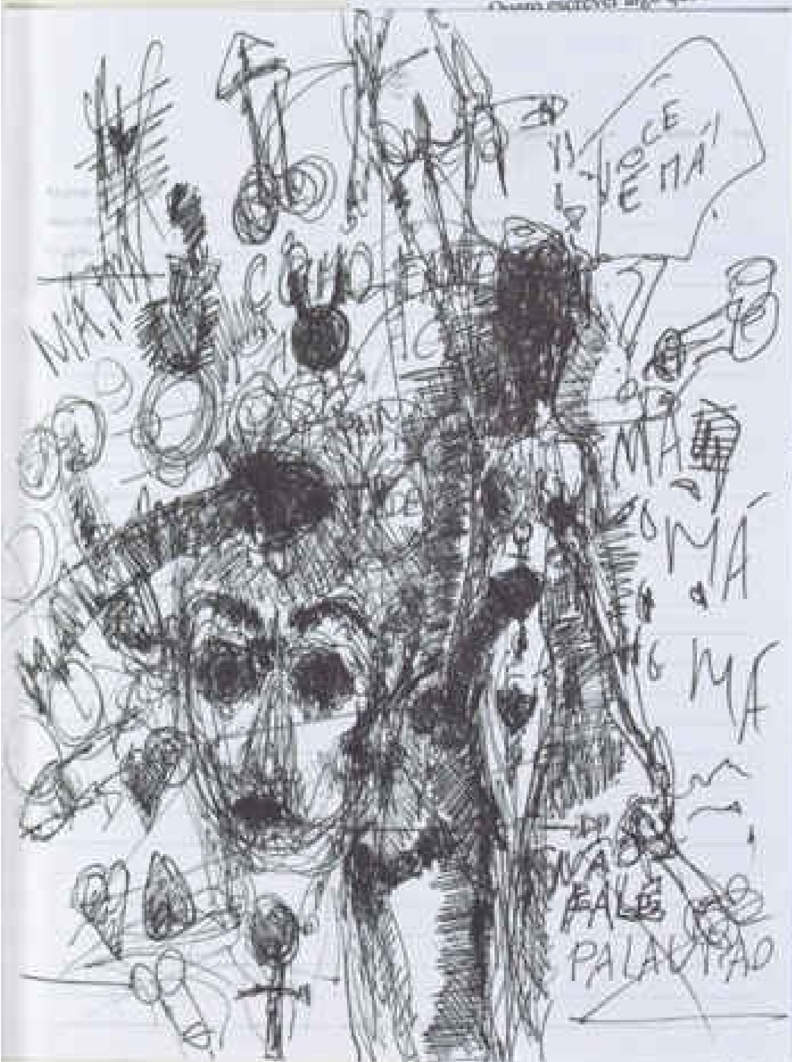
MEMENTO MORI →

LEMBRESE QUE VAI MORRER

trunfo do tarô, O Mundo,

27. ***

Quero escrever algo que te



ê entrar em

racos.

e

Perspectiva que dizem



trunfo do tarô, O Mundo,

22 (cont.

TENTAR O TRANSCREVER QUE ESTÁ ESCRITO EMBAIXO DO DESENHO

MINHA VENUS
BEM ASPECTADA
ESTÁ EM
CONJUÇÃO COM O
SEU CORPO..

trunfo do tarô, O Mundo.



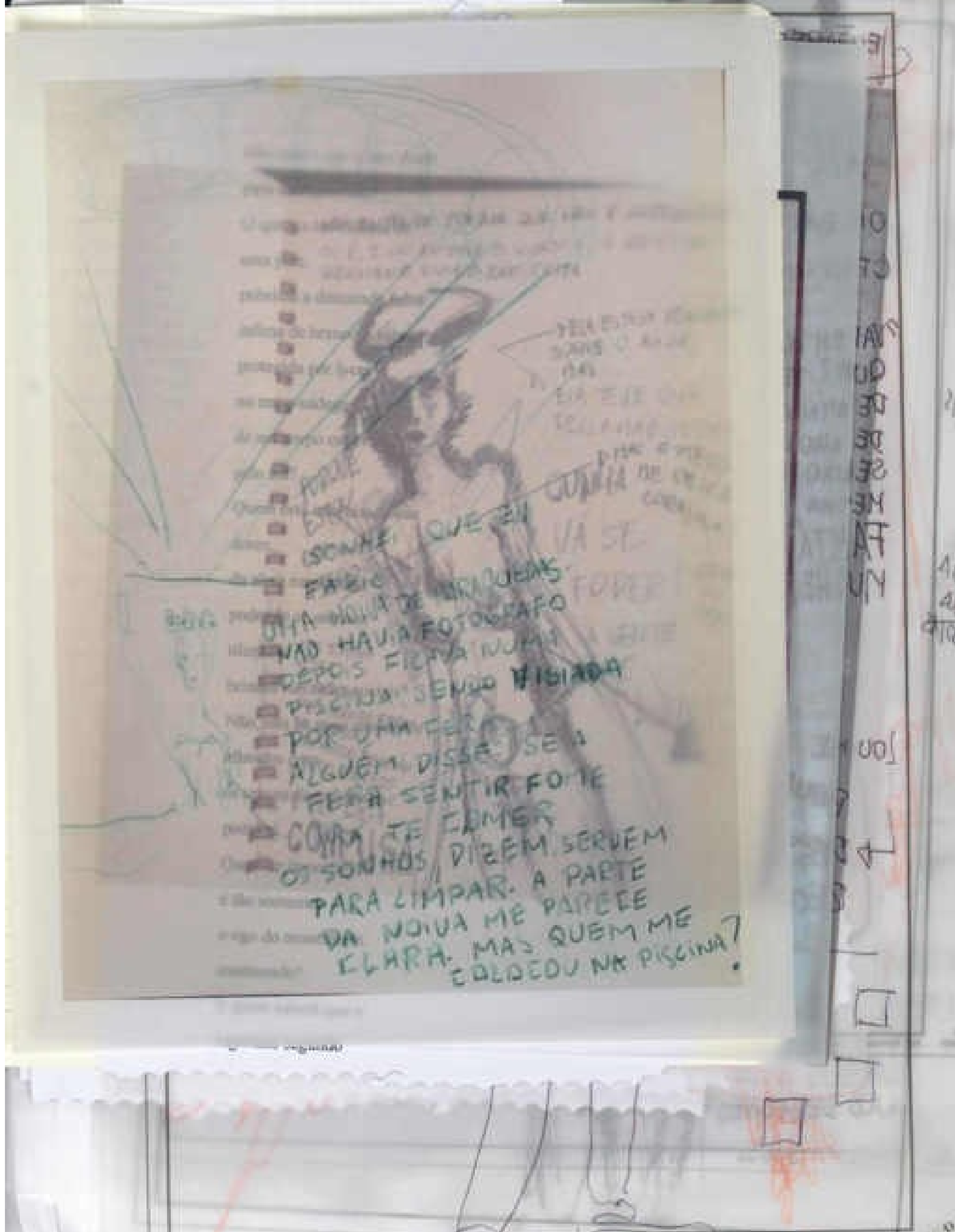
O beijo é bom

MUITAS PESSOAS DISSERAM
ME AMAR,
DISSERAM QUE EU ERA ÚNICA E BEM...
DISSERAM QUE EU ERA ÚNICA E
NÃO SERIA EM VÃO
DESSA ÉPOCA DO ANO
A FLOR DE FLORA SAIA EM MIM
E NENHUM VESTIDO ME CAI BEM
ALGUMAS PESSOAS ME AMARAM

VER COM A LUPA O QUE ESTÁ ESCRITO

Ref. Formato A - 4 = 210 x 297 mm

trunfo do tarô, O Mundo,




LE MONDE
XXI

trunfo do tarô, O Mundo,
deve fazer desse jovem um Eu
bem mais astuto do que
aquele euzinho,
que se divide entre as duas damas,
na sexta carta?
Ora, ora, ora, sua tola!
Ninguém te convenceu que
não há arquétipos para
nossa cultura atual?
Apenas siga adiante,
Tentando disfarçar
sua singularidade.
Se puder dance alguma
dança estúpida,
E ria dentes encapados.
Nunca reclame!
Não! Jamais! Não há tempo
para lamúrias!
Não revele ter no peito um
coração talhado
no amor romântico.
Não diga mais para mais ninguém:
eternamente sua!
Não revele que guarda
pétalas de rosas amarelas,
no livro de poemas de amor.
Não! Não! Não! Não escreva
poemas de amor.

ELIZABETH PAYTON | PRÓXIMO TRABALHO
100 X 150 CM 06/11

ALL OVER → POLLOCK

OIL BAR

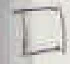
CERA WILLIAMSBURG → MINHA MARGARA

UMA TELA
PEQUENA
UMA FOTO

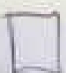
"VAI EM BUSCA DE
QUE? DE QUEM?
DE NINGUÉM,
DE NADA,
SENÃO DE SI
MESMA,
FARTA DE SER
MULHER"

LOUISE
BOURGEOIS

→ DESTRUIÇÃO DO PAI,
RECONSTRUÇÃO DO PAI → LINDO







canson Ref. Formato A-4 = 210 x 297 mm

2a (cont.)

Não raro o raro é trocado pela
mais vulgar opção ao lado.
E o raro chora porque dói andar pelos
labirintos internos que o
tornaram assim,
Tão raro, um Eu solitário e
pálido.

ELIZABETH PAYTON | PRÓXIMO TRABALHO

ALL

OI BAR

CERA

VAI EM

QUE?

DE NIN

DE NA

SENÃO

MESMA

FARTA

MULHER

OU SE

BO

DE

CE

não é porque sou [illegible] não é porque sou [illegible] não é porque sou mulher
não é porque [illegible] não é porque [illegible] possa ter [illegible]
não é porque [illegible] não é porque [illegible] não é porque
eu te amei não é [illegible] não é porque eu sou uma filha
da puta não é porque [illegible] não é porque eu sou
[illegible] não é porque [illegible] não é porque [illegible]
[illegible] não é
porque você [illegible] não é
porque hoje é [illegible] não é porque [illegible]
não é porque [illegible] eu sou [illegible] não é porque [illegible]
[illegible] não é porque [illegible]
não é porque meu [illegible] não é
porque estou com fome não é porque [illegible]
[illegible] é porque [illegible]
[illegible] não é
[illegible] porque sou escritora não é
porque [illegible] não é porque
[illegible] porque a música que toca
[illegible] eu era adolescente [illegible]
[illegible] não é porque eu [illegible]
[illegible] tempos não é porque eu
[illegible] não é porque tenho que
[illegible] não é porque é [illegible]
[illegible] não é porque amanhã é domingo
[illegible] não é porque não falo [illegible]
não é porque eu [illegible] não é porque sou [illegible]
meu pai não é porque tenho [illegible] não é porque [illegible]
não é porque eu quebrei a clavícula não é porque [illegible]
[illegible] não é porque sou [illegible] não é porque
é porque [illegible] não é porque [illegible] não é porque
[illegible] não é porque [illegible] 13 anos não é porque
eu sou [illegible] não é porque [illegible] não é porque corro não
tenho vontade de [illegible] tudo não é porque [illegible]
porque sou [illegible] não é porque [illegible]
ficar como a minha tia não é porque talvez eu fique
não é porque [illegible]
não é porque eu [illegible] desenhar não é porque faz
um calor do caralho não é porque tenho medo [illegible]
é porque eu sei que quem tem medo é [illegible]

30-

30.

Não é porque sou punk. Não é porque sou raivosa. Não é porque sou mulher. Não é porque tive o cu comido. Não é porque fui passada para trás. Não é porque estou de saco cheio. Não é porque bebo. Não é porque eu te amei. Não é porque eu minto. Não é porque eu sou uma filha da puta. Não é porque estou de saco cheio. Não é porque eu sou tatuada. Não é porque sou disléxica. Não é porque ontem esqueci de tomar meu remédio. Não é porque eu tenho asma. Não é porque você me inveja. Não é porque estou gorda. Não é porque hoje é sábado. Não é porque meu pai foi embora. Não é porque dizem que sou gay. Não é porque a minha mão está cansada. Não é porque me chamo Fernanda. Não é porque meu sobrenome é Young. Não é porque estou com fome. Não é porque nasci em Niterói. Não é porque eu nasci no dia primeiro de maio de mil novecentos e setenta. Não é porque sou mãe . Não é porque sou escritora. Não é porque estou escrevendo nessa tela. Não é porque deveria dormir. Não é porque a música que toca me lembra de quando eu era adolescente. Não é porque a minha boceta coça. Não é porque eu devo ver como estão as crianças. Não é porque eu preciso passar filtro solar. Não é porque eu tenho preguiça de procurar documentos. Não é porque é necessário poupar água. Não é porque amanhã é domingo. Não é porque eu odeio domingo. Não é porque não falo com meu pai. Não é porque tenho sono. Não é porque sou irmã. Não é porque já quebrei a clavícula. Não é porque odeio vinho branco. Não é porque sou tatuada. Não é porque eu amo pizza. Não é porque não leio jornal. Não é porque acho chato MPB. Não é porque posso ser grossa. Não é porque sou sensível. Não é porque sou sardenta. Não é porque tenho 43 anos. Não é porque tenho vontade de quebrar tudo. Não é porque corro. Não é porque sou hinduísta. Não é porque faço tudo para não ficar como a minha tia. Não é porque talvez eu fique. Não é porque aqui embaixo é mais difícil de escrever. Não é porque eu não sei desenhar. Não é porque faz um calor do caralho. Não é porque tenho medo. Não é porque eu sei que quem tem medo é burro.



?

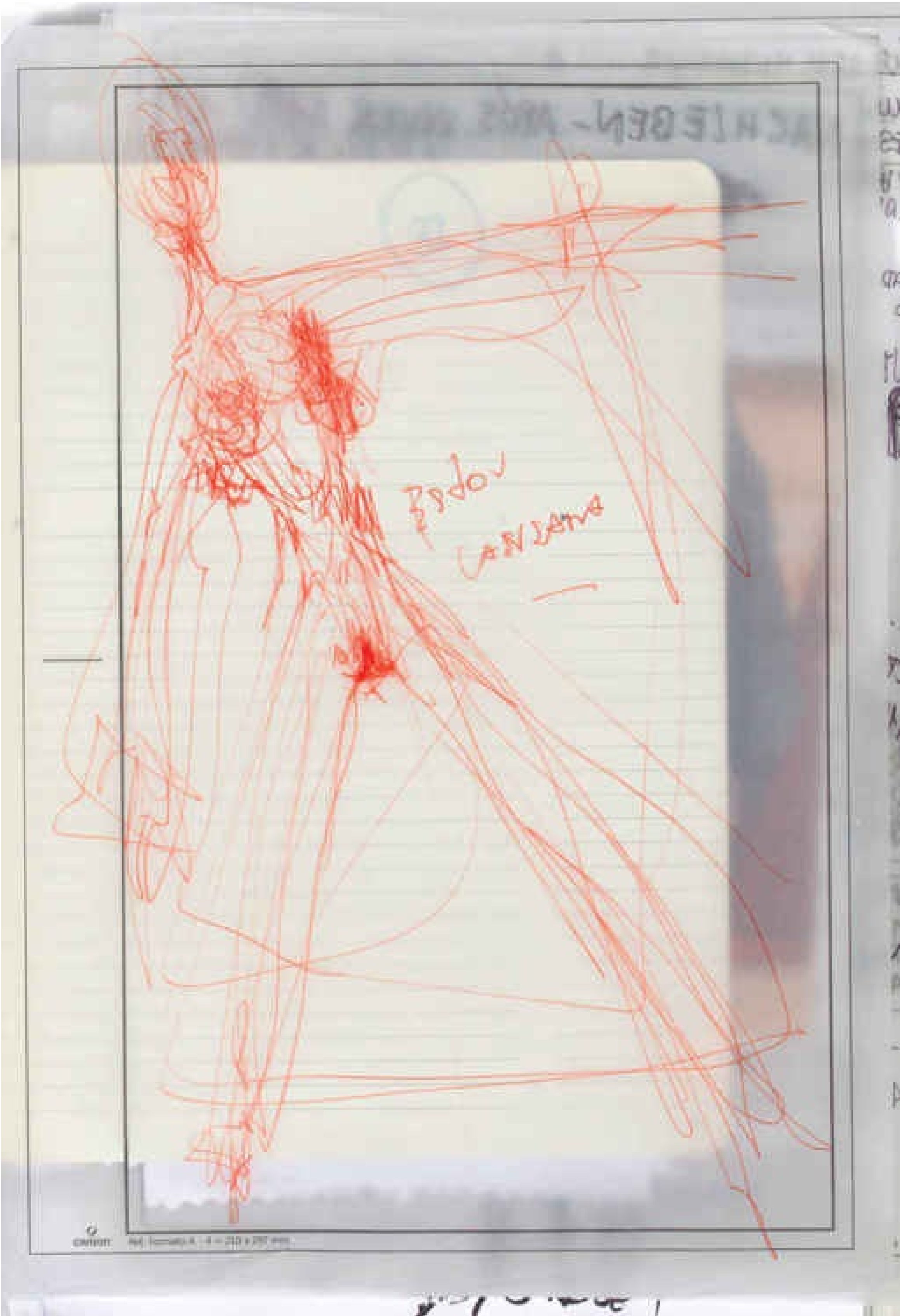
A FAIXA DE GAZA EMOCIONAL



22/09/15

31.

Uma área estreita,
Delicada ruga
- Que nego,
Não quero rugas!
Um fino bordado,
Um fino fio de ouro,
Nesse vaso delicado.
Delicado vaso
Que não quero!
Vermelho sangue,
Sangue que não quero
Que vaze.
Você se enfiou,
Estranho invasor,
Excêntrico,
Minha faixa de Gaza.



32.

Crânio

As suas outras costelas me
encarceraram em seu plexo.
Toc-toc-toc, bati com
timidez, logo que notei
Que deveria partir.
Ninguém abriu a porta.
Pedi, chorei, arranhei seu
interno. Nada.
Você não me quis, mas me
Prendeu. Você não me quis,
mas me costurou em você.

Sou um órgão
Transplantado.
Era para ser a costela
fêmea, mas virei
Um totem, um crânio de
princesa mumificado.
À luz da lua, eu fosforesço
em seu peito.
As outras costelas são
opacas,
Submissas no harém que
Organiza suas

Funções vitais. Eu não, eu
continuo tentando
Sair. Devo-lhe causar algum
Incômodo,
Afinal não me resigno:
Quero ir embora.

Irei. Saiba que sou osso
duro de roer,
Feita de natureza celta da
Mais afiada
Lâmina.
Irei. Saiba que quando
menos você esperar,
Essa costela quebrada,
Muitas vezes, um
Cristal, irá surgir feito
poema para bem longe
De você.
E o mais absurdo dessas
metáforas é
Que eu gostaria de escutar:
não vá!
E o mais absurdo é que
Você agirá feito um idiota
que perde um braço, e
continua sentindo cócegas
no vazio.

32

Crânio

As suas outr

encontr



33.

O que fica é um enorme e tísico Ah....
Um Ah que não há mais em meus pulmões, mas já houve e ainda ouço.
Um Ah........... com hálito de sangue na alma,
Ah de mofo-verde-cela de prisão.
Ah... álcool de rosas, cachaça para moças.
Um Ah... longo, enjoativo, quase refrescante
Um Ah............. Halls do adeus

PORQUE AS PESSOAS SÃO TÃO VAZIAS E CENTRADO. MAS

NACHLEBEN - APÓS VIVER

CARU - ♡

DÁ FORMA AO (ÓTIMA) MEDO.





ÍNDIOS HOPI
O RAIO E
A SERPENTE

SIMONETTA
VESPUCCI
GIORGI COSIMO
(1461-1521)

PAINEL 79

ÀS VEZES FICO À BEIRA
DE BERRAR.
BERRARIA: PUTA QUE O PARIU!!

INDIVIDUALISMO (?) → TEXTO DE MARIO DE ANDRADE

↳ O PROBLEMA NÃO É O , É PERDER A MEMÓRIA

PUTA QUE O PARIU, QUE ~~CHATICE~~!

CONSTELAÇÃO

PAINEL A
PAINEL B

HIST. ARTE
IMAGENS?

NACHLEBEN
NÃO PERTENCE
AO TEMPO
DA HISTÓRIA,
E SIM AO
TEMPO DAS
IMAGENS.



LIVRO DAS HORAS
DUQUE DE BERRY

→ WARBURG

→ HOMEM
ZODIACAL

OS FILHOS DO
PLANETA MARTE

DIVISÃO DA MÃO
SEGUNDO OS
PLANETA - PROCURAR!!

↳ DEUS ESTÁ
NOS DETALHES!

34

34.

Queria dormir.
Vivo na conjugação do
Eu queria dormi,
Eu queria descansar,
Eu queria dormir
Com você,
Eu queria viajar
Com você.
Eu sou o sujeito da
Conjugação do queria.
E é claro que não devia.
Mas devia também.
É uma conjugação minha.
Eu-queria-e-não-devia.
Eu queria, e como não posso,
Fiz algo que não devia.
Então devia desistir,
Queria.

NACHLEBEN - APÓS VIVER

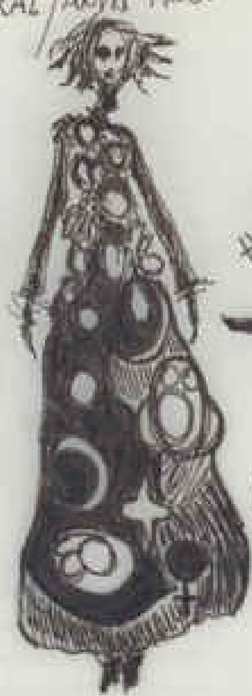
Existe um tempo no qual
o tempo não existe mais
É esse tempo que chamo
de prelúdio à Morte
Quando os segundos
doem nas têmporas
E a tristeza adormece
o céu da boca

É, eu devo ser
realmente má.
Tenho lido sinais
por todos os cantos.
Outro dia
um pianista bocejou:
— Você é má!
Minha irmã não perdoou:
— Você é má!
O terrorismo matou crianças:
— Má!
Eu sei, entendi, você não ligou
e eu disse: — Obrigada.
Sou má. Muito má.

ARACY AMARAL / ANDRÉ PROUS

O BRASIL ANTES
DOS BRASILEIROS
↳ ANDRÉ PROUS

PERNA
REALI
LIVRO





OUVIMOS MAIS O GRITO,
O ESPERNEAR,
DO QUE A CAPACIDADE
DE OBSERVAR O
BELO

~~ESSA MANIA DE FALAR E DIALOGO~~

ENTÃO, EM MEIO A PALESTRA,
UM ALUNO, DESEJOSO DE
ATENÇÃO, LEVANTA E PERGUNTA: — ALGUÉM TEM APONTADOR?

A MÃO ESQUERDA
DE VÊNUS ♀
POESIA
SE PERDEMOS O
OLHAR DO BELO
IMAGINE OS
OUVIDOS

35.

As palavras preenchem o vácuo gelado e úmido do meu coração. Entope minhas veias com sangue de letras descritivas. A P G M T O soltas no céu de minha boca. Vogais, consoante, acentos, pontuações em todos os fios do meu cabelo ralo: OUTRORA CRINA DE CAVALO.
São as palavras que organizam o caos da minha mente, que não sucumbem ao drama hereditário.
Palavras que guardam segredos, que mentem em nome da verdade, simulam alegria, fazem rir, gritam por ajuda.
SOCORRO a palavra que salta pelos meus olhos.
POR FAVOR imploram pelas narinas.
BARATA, PERCEVEJO, INCENSO, SAPATO, MENINA, LIVRO, palavras que substituem a serotonina que meu cérebro não produz.
SAUDADE, DESCASO, MEDO, INSISTÊNCIA, palavras que escrevo nesse caderno de capa vermelha.
PRETO, GÂNGLIOS, GENTE, NASCE, MORRER, palavras que encerram esse poema RUIM.


EU
TE
AMO
MERDA
PORRA
CARALHO
QUE
PAU
BUCETA
RACY AMARAL

36.

ELE: (irônico) Mas o destino não seria algo involuntário? Traçado por mãos co
sagradas, mapas astrais?

ELA: Não, o destino não é um roteiro esotérico. Não é algo que pode ser visto
meio adivinhatório.
Quiromancia, tarot, buzios, borra de café. Nada pode enxergar aquilo que já foi
escolhido há muito.
Ações racionais ou involuntárias,
São escolhas.
Escolhas conduzem aquilo que pode ser chamado de destino.
E o destino, que muitos debocham,
é um emaranhado de nós que nos ligam, nunca de forma aleatória,
uns aos outros.
Não podemos mensurar o que é o infinito. Não podemos fazer nada,
afora traçar uma linha que dita:
nos anos 4 mil antes de Cristo, alguém inventou uma forma de dizer algo sobre
superfície, e esses signos se tornariam,
um dia, um poema meu para você.
Se podemos crer que
esse poeta da antiguidade

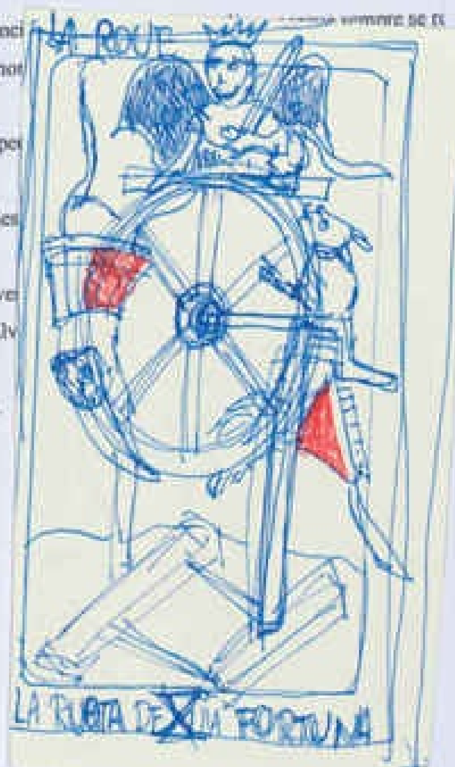
OS GUARDIÕES DO
ONTEM CANTAM
HOJE PARA ALGUNS,
QUE, COMO NÓS,
NÃO ACREDITAM
EM PRAGAS.

Quem derruba o que?
Quem ganha o que?
Casas para frente e para trás.
Sou um pino vermelho no tabuleiro.
O pino que por total força do costume, parece ser o mais destemido.
Pois, querido pino azul, eu sinto medo!

Nessa parte, a "física quântica" dela já não o interessa, e ele mexe no celular.

ELA : (cont) Se não há ciênci
padrão, como um código mo
que me conduz a dor,
devo crer que seja, então, pe
E não sei ser pecadora,
temo padecer nesse meu des
que é o inferno de amar.
Estou no ofício de descrever
e bem sei que não serei salv
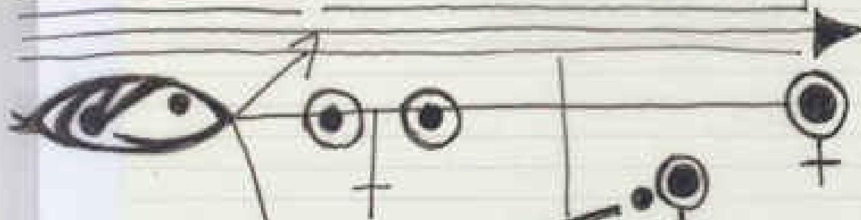
Ele responde três e-mails.



ME NEGO A DESISTIR, [redacted]
CUSPO VOMITO,
XINGO MAS ESCREVO

14/04/15 [redacted]

MINHA CABEÇA ESTÁ VAZIA
ASSUNTOS QUE ME ENJOAM
ESSAS MÁXIMAS PARECEM
- SÃO - TÃO DESINTERESSANTES
E SEM FÔLEGO, COM SONO,
SINTO ESSE QUASE PÂNICO,
POR ESTAR ASSIM TÃO EXAUSTA.





UM PAÍS CRUEL,
POESIA QUE PARECE NÃO
IMPORTAR.
COMO IMPORTAR,
SE NÃO MAQUIA,
SE NÃO EMAGRECE?
SE NÃO VENDE
QUEM CRÊ AINDA!
QUE O PAPEL SEJA
NECESSÁRIO,
QUEM LÊ POESIA?
A LÍNGUA PORTUGUESA
ESTÁ MORTA, AFINAL.
- NÃO, A MINHA LÍNGUA
ESTÁ EM MINHA
BOCA, EM MEUS
OLHOS, EM SUA
BOCA.
ENTRE AS NOSSAS
PERNAS.
O MEU CONTEÚDO
NÃO COLA NESSE
GELO QUE CALA
[redacted] → ME NEGO A DESISTIR!
CUSPO, VOMITO,
XINGO. MAS ESCREVO

[redacted]



POESIA









37.

(37)

Minha cabeça está vazia
Assuntos que enjoam
Essas máximas parecem,
E são tão desinteressantes
Sem fôlego, com sono,
Sinto esse quase pânico,
Por estar assim tão exausta.
Nesse país cruel,
Em que poesia parece
Não parece importar.
Como importar?
Se não maquia,
Se não emagrece,
Se não vende.
Quem crê, ainda,
Que o papel seja
Necessário?
Quem lê poesia?
A língua portuguesa
Está morta, afinal.
– não! A minha língua
Está em minha boca,
Em meus olhos, em
Sua boca.
Entre as nossas
Pernas.
O meu conteúdo
– o amor – não
Cola nesse gelo
Que cala.

ATLAS MNEMOSYNE (1924-1929) CAMADAS GEOLÓGICAS

MNEMOSYNE

"VOCÊ SE CONSTITUI NO MOMENTO QUE VOCÊ É VISTO"
→ GESTOS

WARBURG

O OUTRO É UM IMENSO OLHAR.

27/10/15

HISTÓRIA DA ARTE

SOMBRAS E LUZES

"MARCA ORGÂNICA DEIXADA NO CÉREBRO POR UM ACONTECIMENTO INDIVIDUAL"

PHATOSFORMELN.
↳ FORMAS DA EMOÇÃO

"SOBREVIVE SINTOMALMENTE" FREUD
A CAUSA NÃO SE VÊ, MAS HÁ O SINTOMA
FANTOMAMENTE — NÃO QUER MORRER.
"SOBREVIVIDO NO LIMBO"

ENGRAMAS - FORMAS EXPRESSIVAS DAS EMOÇÕES, AS MAIS PROFUNDAS, IMPRESSAS NA MEMÓRIA.
A MARCA QUE A PERCEPÇÃO DEIXA NA MEMÓRIA.

MEMÓRIA, LEMBRANÇAS, MUTANTES

↳ O QUE VEMOS O QUE NOS OLHA

DIDI HUBERMAN

CONFUSA



Me nego a desistir!

Cuspo, vomito,

Xingo.

Mas escrevo

Te amo.

ATLAS MNEMOSYNE (1924-1929) CAMADAS GEOLÓGICAS

ESSAS MÍNIMAS PARECE

VOCÊ SE

SOMBR

P

SOBRE

A CAUS

FANTO

SOBRE

ENG

DIDI HUBERMAN

CUSPO VÔMITO,
XINGO, MAS ESCREVO

FOTO
DA MINHA
MÃO DIREITA
RAINHA NA
PALMA DA
MÃO

L' entêtement est mon sens de famille

mais le doute est mon égoïsme infidèle



…sser

Des égos qui jouent…

Certains, plus…

Je voudrais rester…

… poète?

Je vais vous immortaliser dans des versets…

pour vous rappeler que je suis votre…

et que la vulgarité a pris le…

DE VALORES ESTÉTICOS

DE PALAVRAS IMPRESSAS

POESIA

TORNA RENTÁVEL E DESCARTÁVEL

ATLAS MNEMOSYNE (1924-1929) CAMADAS GEOLOGICAS

Le train passa au loin et une fois encore il siffla

J't'aime, j'tedéteste, j't'aime, j'tedéteste,

Et les pièces du jeu se mirent à trembler.

[Diagramação]

A teimosia é o meu sobrenome,
Mas a dúvida é minha esposa infiel.

Agora o ruído do trem que passa
É agradável,
E logo me doerá intensamente.
Foi-me dito que eu sou
Quase legal,
Outro me disse que sou a
Pessoa mais incrível.
Mas ninguém sabe quem sou.
Poucos sabem quem são.
São egos jogando xadrez.
Alguns, os mais sábios,
Mantêm a rainha em
Suspensão,
Seu silêncio desconcerta
O adversário.
Eu vou fechar meu
Português e deixa-lo na
Ausência de minha palavra,
Eu vou estar em sua
Memória como o erro mais

120

DIDI HUBERMAN

CUSPO VOMITO,
XINGO. MAS ESCREVO

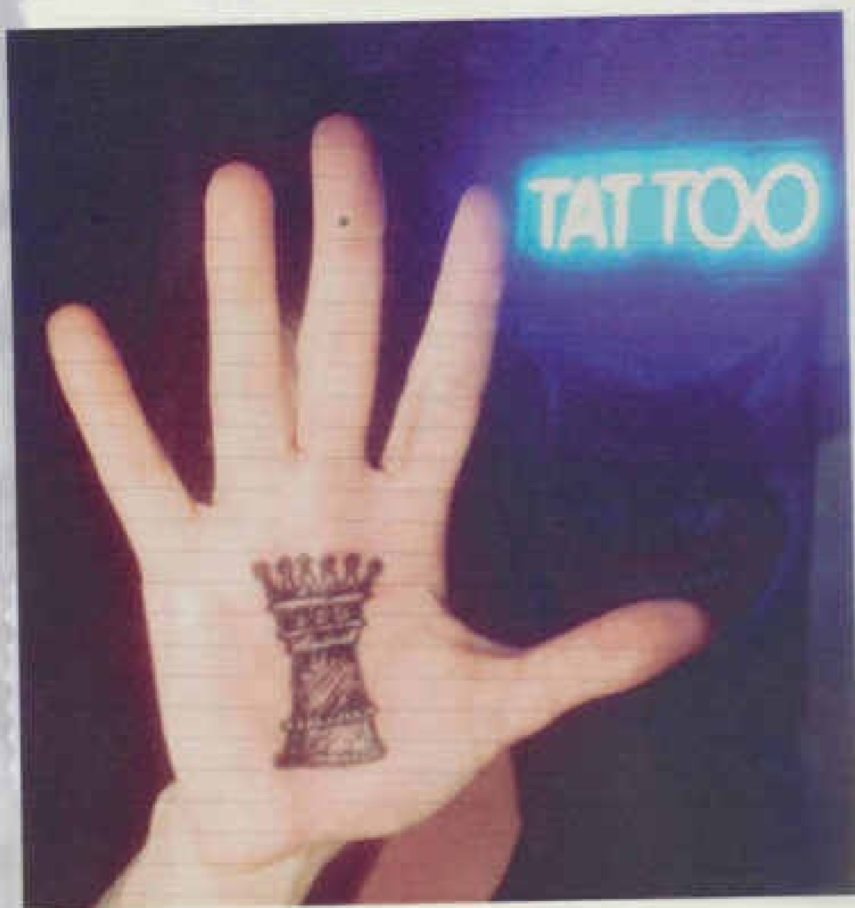
Caro: deixar-me partir.
Não tenho vergonha de
Admitir numa língua que
Não é minha: eu gostaria de ficar.
Meu amor estúpido, você
Não sabe que não se deve
Jogar com um poeta?
Vou imortalizar você nesses
Versos imperfeitos, escritos
Em francês,
Para lembra-lo que eu sou
Sua, sua, sua, sua amante
Devotada.
E que sua vulgaridade
Pagou pelo bilhete da minha
Partida.
O trem voltou a passar, ao
Longe, apitando:
Amoodeio, amoodeio,
Amoodeio,
Fazendo as peças do
tabuleiro tremerem.

38 (cont.)

TORNA RENTÁVEL E DESCARTÁVEL

O RESP

ATLAS MNEMOSYNE (1924-1929) CAMADAS GEOLÓGICAS



CUSPO, VOMITO,
XINGO, MAS ESCREVO

ELE AMA QUE A AMA
MAS CLARO QUE NÃO!
OU AO MENOS NÃO TEM
IDÉIA DE QUEM PENSA
AMAR. ENTÃO NÃO AMA

APENAS

SE ELA PUDESSE,
FARIA UM LINDO
DESENHO
EXPLICANDO.
OI, VOCÊ NÃO
PODE ME AMAR
VOCÊ NEM SEQUER
ME CONHECE.
NÃO QUE CONHECER
SEJA NECESSÁRIO
PARA SE AMAR ALGUÉM
MAS SE VOCÊ ME CONHECESSE
NÃO IRIA ME AMAR
E SE AO MENOS EU
SOUBESSE DESENHAR,
TALVEZ, TALVEZ
VOCÊ PUDESSE VER
QUE NÃO DEVERIA
ME AMAR

PORRA
CARALHO
BOCETA!
QUE MERDA!

A DE VALORES ESTÉTICOS
A DE PALAVRAS IMPRESSAS

TORNA RENTÁVEL E DESCARTÁVEL

ATLAS MNEMOSYNE (1924-1929) CAMADAS GEOLÓGICAS

O vinho entra pela boca
E o amor pelos olhos
Isso é tudo o que sabemos
de verdade.
Antes de envelhecer e morrer
eu levo o copo até os meus lábios
olho para você
e suspiro.



DIDI HUBERMAN

CUSPO VOMITO
XINGO. MAS ESCREVO

39. ***

Há certas águas que não
matam a sede,
Você já notou?
Como a saudade que não
Nos conduz a
Nenhuma epifania.
Saudade deveria sempre
Render um verso
Perfeito, visto que para
Nada serve.
Acordamos cansados por
Senti-la,
Se é que dormimos.
Ela nos rouba o presente,
Nos cega o futuro.
Estou assim agora: presa
Ao passado quando
Estive com você.
É claro, sou sábia, que nada
Do que lembro
É verdade.
O criei numa memória, toda
Feita de
Papelão pintado.
Uma maquete de arquétipos
Românticos.

ATLAS MNEMOSYNE (1924 1929) CAMADAS GEOLÓGICAS

O VIN
E DAH
ISSO
DE U
ANTES
EU LE
OLHO
E SU

FOTO
DAS
ROSAS
SECAS
AMARELAS

126

DIDI HUBERMAN

CUSPO VÔMITO,
XINGO. MAS ESCREVO

Ref. Formato A - 4 = 210 x 297 mm

Nesse local em que rosas
Amarelas,
De você ganhei,
Nos mantenho
Grampeados.
Mente tonta essa minha,
Não me canso de desenhar
Um outro ideal que me
Deixa sempre.
Poemas salvam-me da
Eterna estupidez de
Sentir-me abandonada, mas
Eles são tão
Raros...
Já sei, já sei, repito a
Rejeição da infância,
Quando matei minha mãe e
Perdi meu pai para uma
Nova mulher.
Me explicaram direitinho,
Sou uma doente
Muito bem medicada.
Reconheço ser viciada em
Desprezo.
Estarei sempre esperando,
Na tal escada já
Tantas vezes descrita, um
Alguém que voltará
- precisará ir, senão não há

ATLAS MNEMOSYNE (1924 1929) CAMADAS GEOLOGICAS

TALVEZ AQUI
FIQUEM AS
ROSAS AMARELAS

128

DIDI HUBERMAN

CUSPO. VOMITO.
XINGO. MAS ESCREVO

39 (cont.)

como voltar –

Para mim, com as rosas na

Mão, e um pedido

De desculpas nos olhos,

Lábios e braços.

Nade em minha direção!

Rezo atordoada pela

Insônia, crendo que você

Seja digno do meu

Perdão, e sigo com sede.

PERDA DE VALORES ESTÉTICOS
PERDA DE PALAVRAS IMPRESSAS
DE POESIA
ÉTICA É SENSO ESTÉTICO
ROUBAR É ANTI-ESTÉTICO
ESTÉTICA É ALGO QUE
NÃO SE COMPRA
ESTÉTICA NÃO SE BAIXA
ÉTICA NÃO É UM APLICATIVO



ÉPOCA BURRA
A CAFONICE É A MOEDA
NACIONAL
UM POVO QUE NÃO RACIOCINA NÃO SE
DEFENDE
OS QUE DEFENDEM O QUE NÃO
PARECE CONCRETO = ARTE
POESIA
SONHOS
ESTÉTICA
PARECEM LOUCOS OU
SÃO EXCLUÍDOS
ÉPOCA DO LEGAL
O LEGAL É ALGO CAFONA
BEM MAQUIADO QUE SE
TORNA RENTÁVEL E DESCARTÁVEL

40. ***

Essa tagarelice de euzinhos estúpidos
Em minha mente: - Shiiiiiii,
Calem-se!
Ora amam, ora odeiam, me exaurem
A poesia.
Do que valem os livros,
Preces, se prevalece
O caos desse diálogo
Infindável.
Uma ladainha de vozes vulgares de
Vendedores que empurram joias ocas,
Tome! Leve! Está barato!
Flores dos falsos que elogiam:
Linda! Genial! Inigualável.
Todo o clérigo que anuncia:
Pecadora! Vil! Mentirosa!
A mente, esse palco com uma enorme
Acústica, é o cenário da pantomina que
Faço parte.
Assisto, atuo, escrevo,
Canto e, cansada,
Não
Durmo.

RDA DE VALORES ESTÉTICOS
RDA DE PALAVRAS IMODESTAS
POESIA
ICA É SENSO E
UBAR É ANTI-
STÉTICA É ALG
ÃO SE COMPRA
STÉTICA NÃO
TICA NÃO É U

ÉPOCA
A CAFC
NACIO
UM POVO Q
DEFENDE
OS QUE DE
PARECE C

PARECEM
SÃO EXI
ÉPOCA
O LEGA
BEM MAQUIADO QUE SE
TORNA RENTÁVEL E DESCARTÁVEL

ELIZABETH LE BRUN

VIKTOR LOWENFELD

MATISSE : ESCRITOS E REFLEXÕES DE UM ARTISTA

OS ADJETIVOS SÃO SEDUTORES E VAGABUNDOS

O PODER DA ARTE
SIMON SCHAMA

FRANÇOIS BOUCHER

DISCIONÁRIO ANALÓGICO

APOLO/DIONÍSIO

2 CAMINHOS:
GRUTA ESCURA
TEMPLO

DESENHO VELADO

OESIA

MORTA

OPERACIONAL
OU
NÔMADE

COEXISTIR
DIA E NOITE

MANEIRIS

18/08/15

DESIG RESE



A mão de Vênus.
Ela para por um
Breve instante,
Mas logo continua a andar.
De novo para, não
Olha para trás,
Apenas espera.
Aguarda ser
Resgatada dessa viagem.
Nada acontece.
Nenhuma palavra.
Então continuo
Andando nessa areia
Movediça do tempo,
Que me levará de você,
Sem mais parar.
Sem esperança.
Somente indo.
Sem nenhuma
Escapatória,
Sem pausas,
Sem desculpas,
Afora a mesma,
A de ser eu.
Essa que nunca
Poderá ficar.

— DS, O RESTO!

POESIA
ESTÉTICA
ÉPOCA
A
UM POVO
DEFENDE
OS QUE
PARECE



PARECE
SÃO EX
ÉPOCA
O LEG
BEM MAQUIAD
TORNA

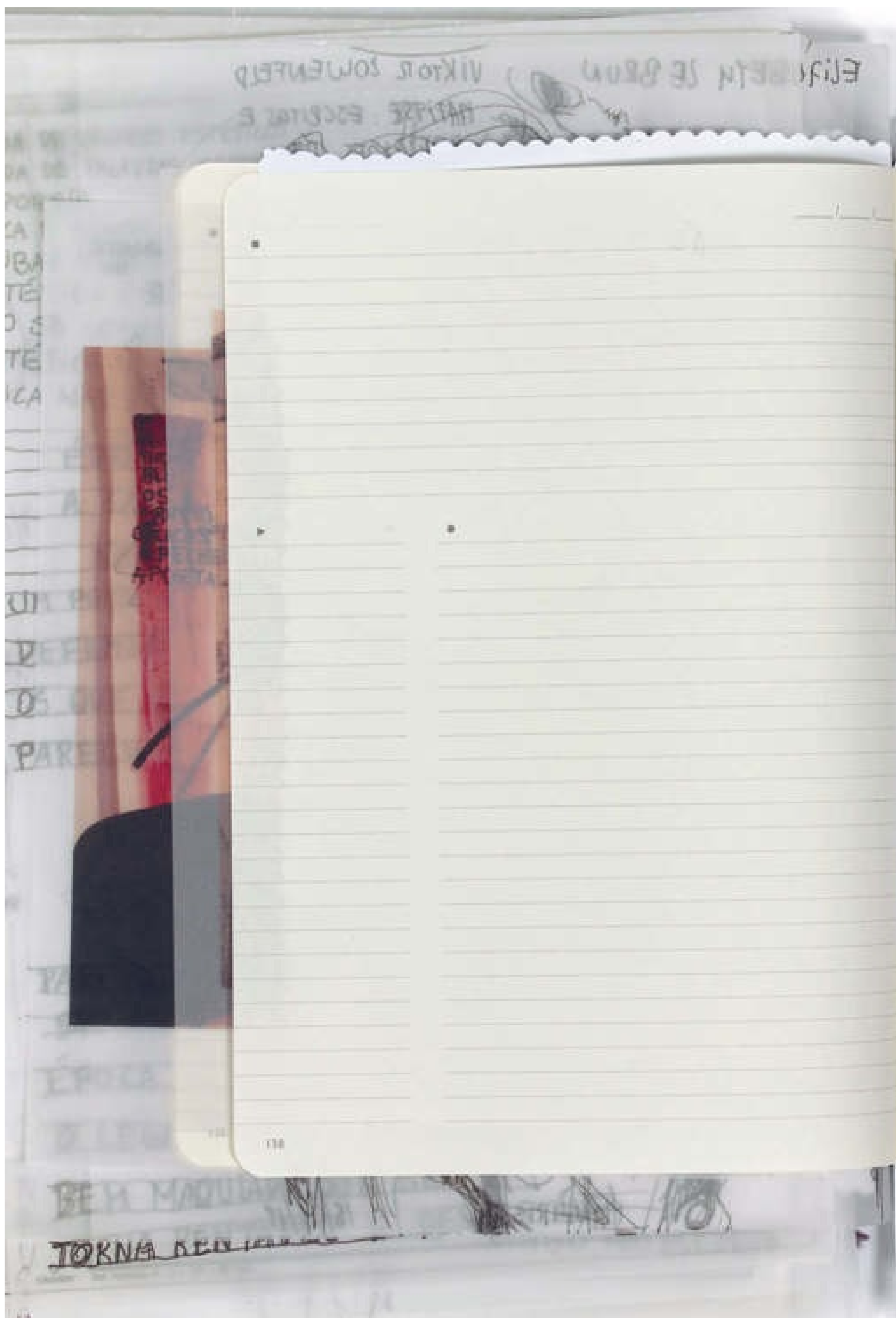
A contundência do barulho de um vidro quebrando

DEIXEI TUDO ALI: OS GRAMPOS, OS CACOS, E FECHEI A PORTA.

Hoje eu quebrei um jarro.

que não tenho mais.

— DS, O RESTO !



37 (cont)

O vidro de textura fina produziu cacos que cobriram
o mármore do meu banheiro.
Vi o jarro caindo lentamente - porque conseguimos ver
cada segundo da queda, quando somos nós
que derrubamos.

Depois observei os grampos entre o cacos,
e alguns cacos nos meus pés descalços.

Senti uma grande vergonha por ter sido assim tão relapsa.
Senti saudades dos meus cabelos e de um tempo,
não muito remoto, quando eu ainda usava grampos.
Senti uma vergonha ainda maior por não ter tido o ânimo, e a dignidade,
para catar eu mesma essas fagulhas finas e perigosas.

Deixei tudo ali: os grampos, os cacos, e fechei a porta.

que o amarrei num. ıa âncora de

CONFUNDIR.

— DS/O RESP /



TIRAR DO OUTRO POEMA

25.

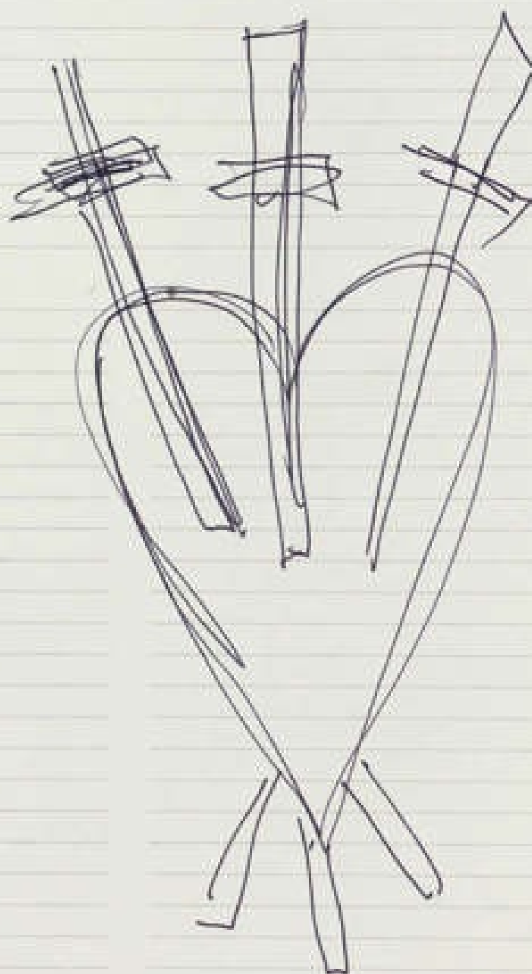
GIOCONDA

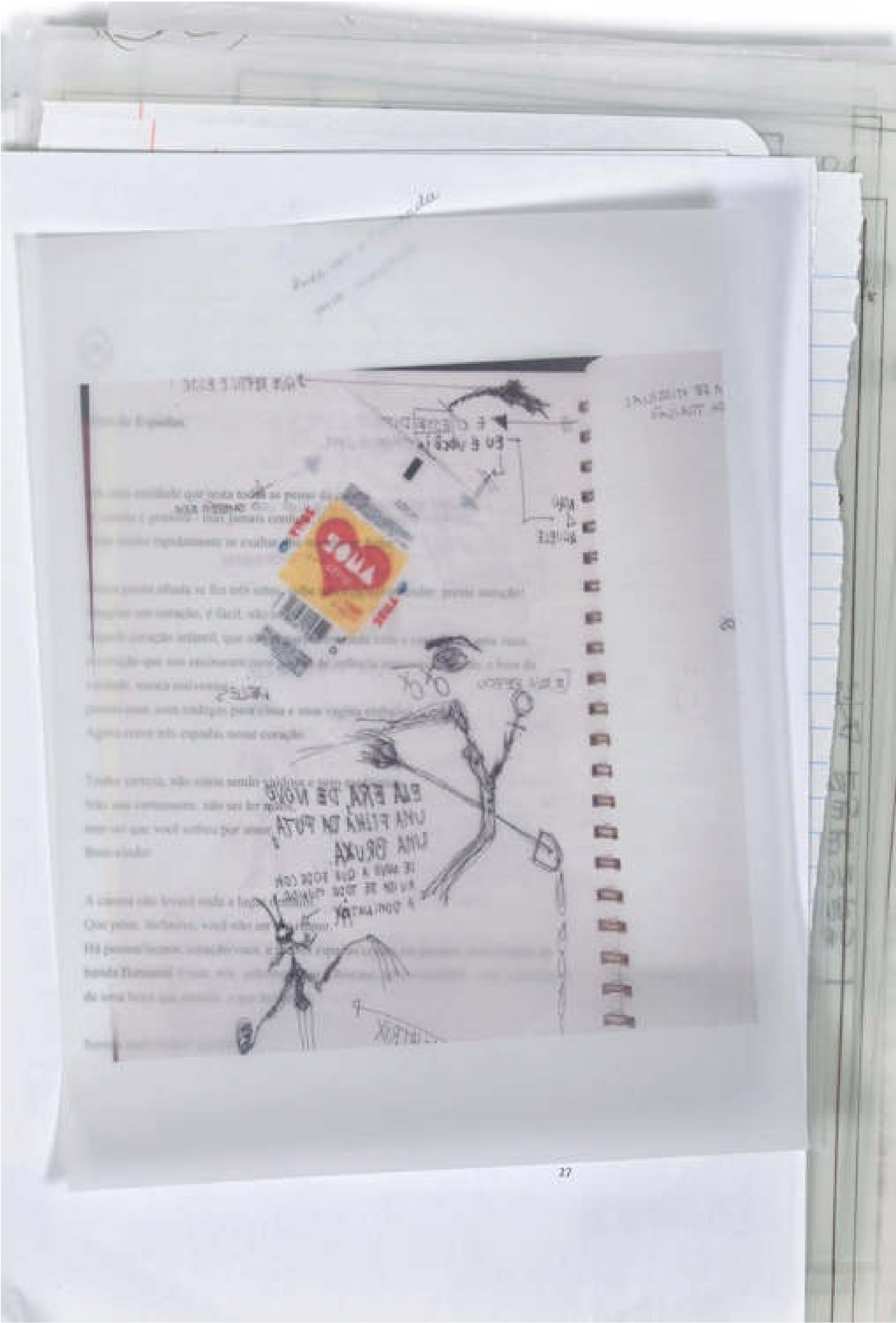
RASGADO
E FALTA
O RESTO
DO POEMA

Porque você,
cais imaginário,
barco furado,
preso em âncora de isopor,
não tem brio
para lidar com a verdade;
você teme o tempo,
os credores,
nega a dor; acredita em
orgasmos simulados,
a sua ignorância me
fez pensar no nada.
Olhei profundamente para
o seu abismo vazio
e me comovi.
Lá, onde naufraguei a
minha poesia,
nessa água turva,
que pensava já conhecer
- Mas que em seu continente
pareceu-me plástica demais,
anilina demais -,
bebi doçura,
o achei tão frágil,
chorei seus medos,
c ,eoli seus sapos,
engas, guei com a sua saliva,
energi i. nteira,
agora posso · rir da sua cara.
No entanto, bar. co furado, eu
que o amarrei nun .a âncora de

ESTOU COMEÇANDO A ME
CONFUNDIR.

— DS/O RESTO /




ELA ERA, DE NOVO,
UMA FILHA DA PUTA,
UMA BRUXA

A MÃO ESQUERDA DE VÊNUS
QUE AFAGA SEUS CABELOS E
TOCA-LHE UMA PUNHETA
CANHOTA,
NÃO SABE RESPEITAR O
TEMPO.
O TEMPO, E SUA GRAVIDADE
SATURNINA, NÃO ~~CABE~~ LHE
CABE ENTENDER



A MÃO QUER PRAZER
E ESFREGA-SE TODA
ENTRE AS MINHAS
PERNAS

ELA É GENIOSA E ESPERA
RECEBER O TANTO QUE
OFERECE.
NÃO SABE QUE O DURO
MARTE  SE ACOVARDA
POR SER BEM MAIS FRÁGIL

POR SER BEM MAIS FRÁGIL
DO QUE ELA. É DIFÍCIL MESMO DE ENTENDER!

OS TECIDOS, REDE, BORDADOS
DE SUA MORADIA, NÃO
TEVE UM PREGO QUE
FIXASSE A IMAGEM DE UM
CUIDADO TÃO ESPERADO.

VÊNUS COM SUA MÃO NERVOSA
ESTAPEIA O ROSTO QUE QUER
LAMBER.

VOCÊ ME DEIXA



A MÃO ESQUERDA FICA MORTA
AO LADO DO MEU CORPO
BRANCO E TODO ~~RABISCADO~~
RABISCADO

E VOCÊ, BEM SEI, DEVE ESTAR
MEIO MORTO
COM O CORPO SEM SER TOCADO.

E SATURNO, CATEGÓRICO, DIZ:
BEM FEITO!


EU SÓ QUERIA
SER UM
POUCO
MERDA
ESPECIAL
EU TE
NUM PANO
DE GUARDAR
CONFETES.
ESTÚPIDA


O OUTRO
LADO
ESTÁ
LONGE

06/02/2015 AVIÃO SP-NY

EU BORDO O LABIRINTO VERMELHO QUENTE
DAS MINHAS VEIAS. COMO MANTRAS
REPITO AS PALAVRAS ~~INÚMERAS VEZES~~.
NAS ~~[illegible]~~ VOLTAS QUE A AGULHA FAZ.
POR VEZES ME FURO E NÃO ~~[illegible]~~ O PANO,
~~GOSTO [illegible]~~ DE LEVAR ~~O~~ ESSE ~~SUSTO~~.
~~É MINHA DIGITAL O SANGUE QUE~~
~~DEIXO ALI~~
GOSTO DE LEVAR ESSE SUSTO
É MINHA DIGITAL O SANGUE QUE
~~[illegible]~~ DEIXO ALI.
MINHAS LÁGRIMAS, ~~[illegible]~~ CERVEJOS,
SE ME REVELO EXPONDO AS
FRAQUEZAS, CONFUSÃO, RAIVA,
NÃO ME CONSTRANJO
HÁ MUITO CANSEI DE DESCULPAR-ME
SOU ESSA, E ACEITO NÃO SER.
QUERIDA,
~~[illegible]~~,
~~[illegible]~~
SE ME ARREPENDO DE ALGO,
DIGO AQUI E ~~[illegible]~~ BORDAREI.
FOI TER SAÍDO DE MIM,
PARA DEIXAR ALGUNS ENTRAREM

ROMANZES

22/07/15
S.P.

NÃO IREI MUDAR ESSA VESTE EM QUE
HABITO HÁ MUITO.
MINHA CASA, ORA TÃO ILUMINADA,
ORA DE UM SOMBRIO DA COR → PEKINÊS
MAIS NEGRA DE UM POÇO VAZIO.
→ PELO SOL MAIS FRESCO DO OUTONO DE
~~[illegible]~~ MAIO
→ NÃO IREI MUDAR, FATO.
TODAS AS VEZES QUE DISSE QUE
IRIA, ACREDITEI QUE PUDESSE,
MAS NÃO MUDEI,
OU TALVEZ TENHA MUDADO UM
POUCO, POIS NÃO ACREDITO MAIS
NISSO.
NÃO VOU MUDAR, E ASSUMO. → QUE
POR MAIS HORRÍVEL SEJA O
POÇO QUE POR VEZES ME
JOGO, ELE É O MEU POÇO, → DE A VOCÊ
TBM
E ALI ENXERGO COISAS LINDAS.
SE O SOL FRESCO DO MEU
OUTONO NÃO AQUECE O ANO
INTEIRO, ELE SABE ACOLHER
OS QUE ME AGUENTAM NA
ESCURIDÃO.

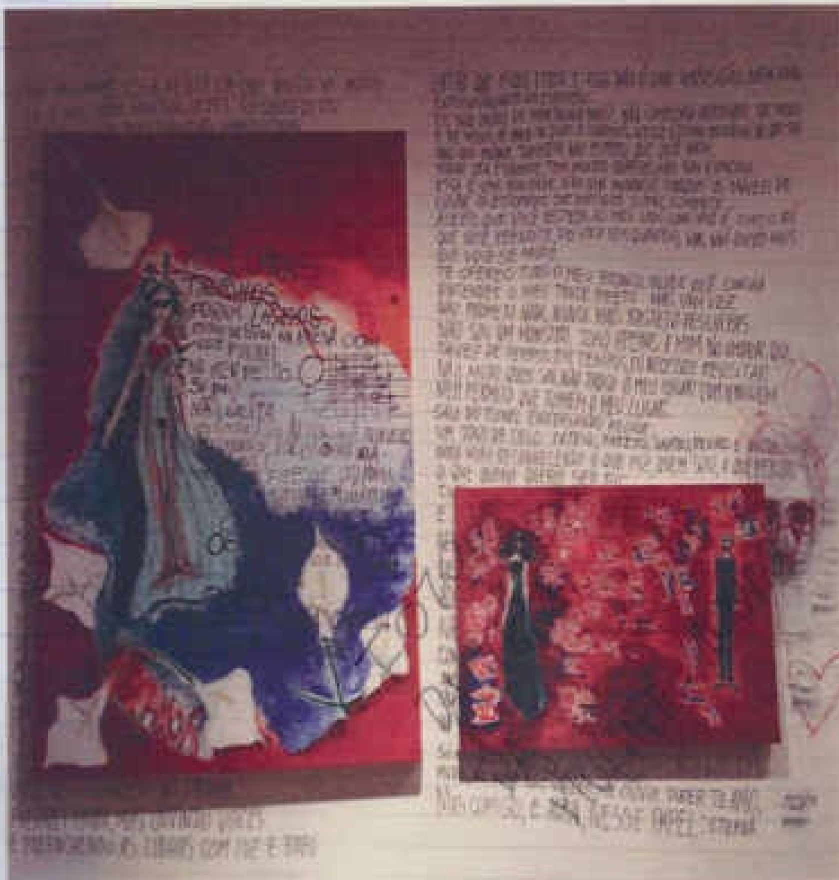
NÃO PROMETO MAIS NADA.
NÃO SOU UM MONSTRO,
JOGO APENAS A MIM
NO UMBRAL ~~DA~~ ONDE,
TALVEZ - NECESSITO ~~VISITAR~~ REVISITAR,
NÃO MUDO QUEM SOU, NÃO
TROCO MEU LUGAR COM NINGUÉM.
SAIO DO TÚNEL ENXERGANDO
MELHOR,
VOLTO PARA MIM RECONHECENDO
O QUE FIZ, QUEM SOU, O
QUE QUERO.

QUERO SER EU: INTEIRA,
INEXATA, LINDA, HORROSA.
NÃO ME DEFENDO,
NÃO ME DESCULPO.
~~MAS~~ ACEITO O DESEJO DE
TÊ-LO AO MEU LADO.
ACEITO A AUSÊNCIA DO
QUE DESEJO.
SÓ NÃO ACEITO NÃO TER-ME
COMIGO.
MUDA SE VOCÊ QUISER

NÃO IREI MUDAR.
FICAREI MUDA, MUDA MAIS
VESTIDA DE MIM MESMA.
MINHA CASA SOU EU!...
MUDA MAIS OUVINDO VOZES,
E PREENCHENDO LINHAS
COM LUZ E BREU.

QUE FIQUE CERTO: NÃO MUDO
DE MIM NUNCA MAIS!
NÃO COMPENSA ARRUMAR, DE NOVO
E DE NOVO, AS MALAS DE MEU
ETERNO RETORNO AO QUE SOU.

NÃO VOU MUDAR,
TAMBÉM NÃO ESPERO QUE
VOCÊ MUDE, ESTA É UMA NOVIDADE, MAS COMO UM ESTOFADO NOVO NO MESMO SOFÁ; É NÃO UMA MUDANÇA.
ACEITO QUE VOCÊ
ESTEJA AO MEU LADO, COMO VOCÊ É.
TE OFERECI TODO O
MEU BRANCO,
TALVEZ VOCÊ CONSIGA ME
ACOMPANHAR TAMBÉM NO
NEGRO, MAIS UMA VEZ.



NÃO ME OUVIU DIZER TE AMO,
MAS COMIGO E AQUI NESSE
PAPEL; ETERNA.

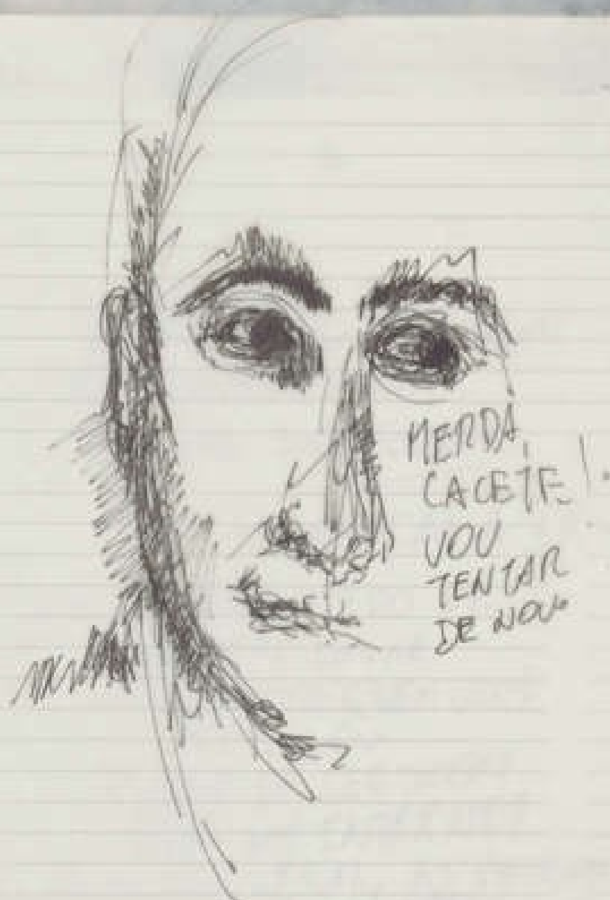


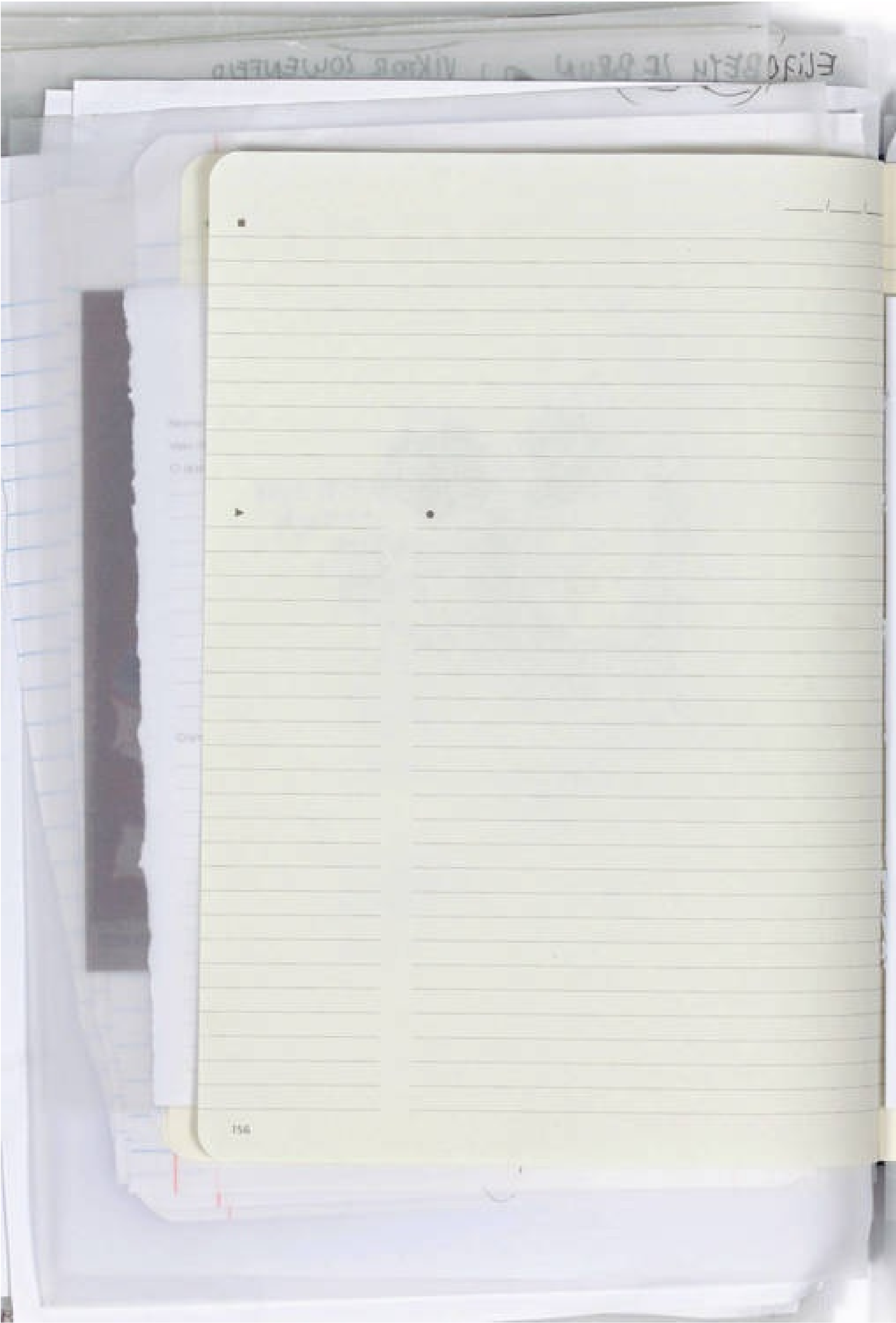
23.07. → RECOMEÇO →

MEUS CHIFRES TAURINOS FORAM
LAÇADOS,
ESTOU DEITADA NA
ARENA COM ESSE
PUNHAL NO
MEU PEITO.

SE DÓI?
NÃO, EXCITA




MERDA,
CACETE!
VOU
TENTAR
DE NOVO


156



SOBRE NÓS DOIS: DUAS
TENHO ESTRIAS
NÃO SOU JOVEM
GRAÇAS À DEUS!
TENHO MEDO DE DECEPCIONAR.
NÃO SOU QUEM VOCÊ IDEALIZOU.
PARE DE LER SOBRE MIM NA INTERNET
NO GERAL, AS PESSOAS NÃO GOSTAM DE MIM
NO GERAL ADORO SER AMADA, SE SOU VISTA!

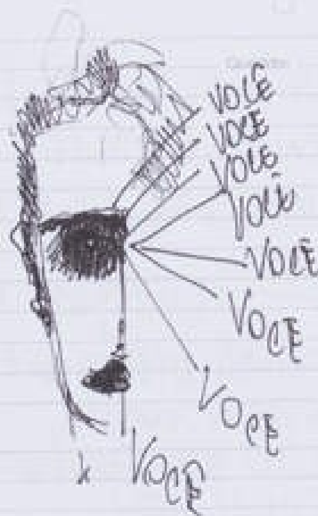
BIBLIOGRAFIA LEGENDA
PARA O TRABALHO
EGON SCHIELE
CARTOLINA NEGRA
DATA DE NASCIMENTO / MORTE
ONDE ESTÁ A OBRA
LUZ
DRAMA
FLUIR
AUTO RETRATOS
LUZ
ENGOMADEIRA
PICASSO
APRENDER
APRENDER
APRENDER
TRAR NANQUIM
POEMA DO DORES
AUTO-RETRATO
FILME
ÃO DAS IMAGENS
MEDITATIONS
WILLIAM TURNER
JOHN CHAMBERLAIN - CONTEMPORÂNEO
SALONE FEMININO

Salgado | Doce | Quente | Frio

Nome do Prato:

Visto por: Quando:

O que vai:



Como é que faz:



BIBLIOGRAFIA LEGENDA
PARA O TRABALHO
EGON SCHIELE
CARTOLINA NEGRA
DATA DE NASCIMENTO/MORTE
ONDE ESTÁ A OBRA
LUZ
DRAMA
FILMER
AUTO RETRATOS
LUZ
1-4 ENGOMADEIRA
PICASSO
RENDER
RENDER
ENDER
RAR NANQUIM
OEMA DO DONE
AUTO.RETRATO
FILME
AO DAS IMAGENS
MEDITATIONS
WILLIAM TURNER
JOHN CHAMBERLAIN - CONTEMPORÂNEO
SALOMÉ FEMININO MASCULINO



Salgado ☐ Doce ☐ Quente ☐ Fri ☐

Nome do Prato:

Veio de: Quando:

O que vai:

Como é que faz:



BIBLIOGRAFIA LEGENDA
PARA O CADERNO
EGON SCHIELE
CARTOLINA NEGRA
DATA DE NASCIMENTO/MORTE
ONDE ESTÁ A OBRA
LUZ
DRAMA
FEMER
AUTO RETRATOS
LUZ
1 → ENGOMADEIRO
PICASSO

Nome do Prato: PAIXÃO
Vale de: VOCÊ
O que vai: MALUQUICE, FOME, AUSÊNCIA DE FOME, ANSIEDADE, MEDO, CORAGEM, SONO E DÚVIDAS DE TODAS AS ORDENS.

Como é que faz: DEIXE ROLAR. SE JOGA.
MAS DEPOIS NÃO RECLAME.

RENDER
RENDER
RENDER
ENDER
ZAR NANQUIM
DENA DO DORE
TO. RETRATO
FILME
O DOS IMAGENS
MEDITATIONS

WILLIAM TURNER
JOHN CHAMBERLAIN - CONTEMPORÂNEO
SALOMÉ FEMININO MASCULINO



Salgado Doce Quente Frio

Nome do Prato:

Vem de: Quando:

O que vai:

Como é que faz:

BIBLIOGRAFIA LEGENDA
PARA O TRABALHO
EGON SCHIELE
CARTOLINA NEGRA
DATA DE NASCIMENTO / NOME
ONDE ESTÁ A OBRA
LUZ
DRAMA
AUTO RETRATOS
LUZ
ENGOMADEIRO
PICASSO
AR NANQUIM
ENA DO DORET
O.RETRATO
FILME
DOS IMAGENS
MEDITATIONS

VOCÊ
EU
VOCÊ FALA PALAVRÕES DEMAIS!
EU SÓ QUERO. BOM, FODA-SE, O QUE QUERO!

WILLIAM TURNER
JOHN CHAMBERLAIN - CONTEMPORÂNEO
SALONE FEMININO



BIBLIOGRAFIA LEGENDA
PARA O TRABALHO
EGON SCHIELE
CARTOLINA NEGRA
DATA DE NASCIMENTO / MORTE
AONDE ESTÁ A OBRA



LUZ
DROGA
FENER
AUTO RETRATOS
LUZ
ENGOMADEIRA
PICASSO

APRENDER
APRENDER
APRENDER
COMPRAR NANQUIM

POEMA DO DORET
AUTO-RETRATO

"ARTE DEGENERADA"
"ARQUITETURA DO DESTRUIÇÃO" – FILME
REPUBLICA DE PLATÃO
NUDNIK NASTYA – APROPRIAÇÃO DOS IMAGENS
EXISTENTES PINZO AZUL
EDWARD ~~EDWARD~~ HOPPER
RICHARD TUSCHMAN – HOPPER MEDITATIONS
EDWARD HOPPER
A LUZ DE VERMEER
Willian TURNER
JOHN CHAMBERLAIN – CONTEMPORÂNEO
SALOMÉ FEMININO VS MASCULINO

OFICINA DA PALAVRA E IMAGEM

~~[struck-through word]~~

ESTRANHAMENTE FAMILIAR
FREUD

COBRAS
EXTERNAS
QUE ENVIAM
MENSAGENS
PARA VOCÊ

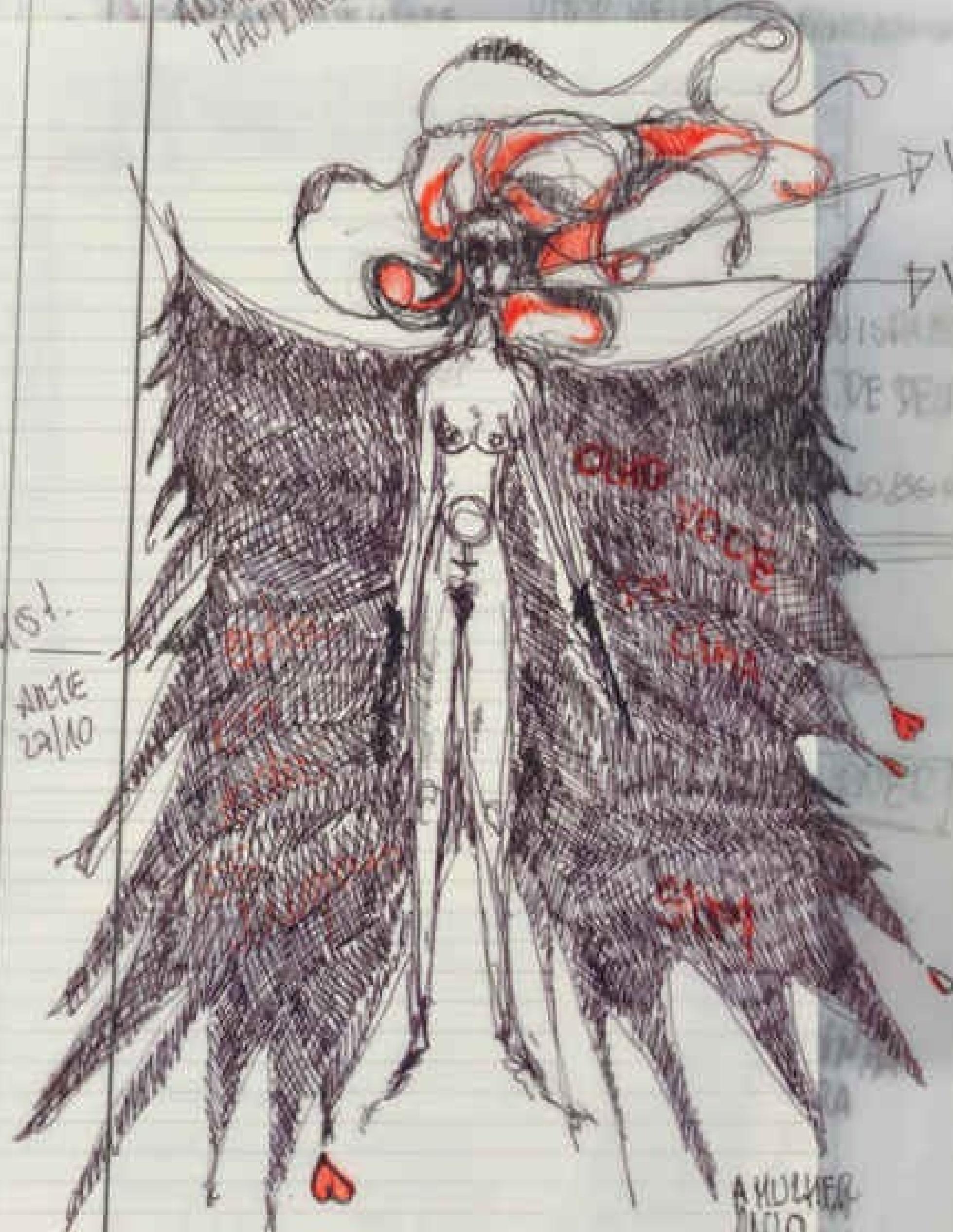
COBRAS
RASTEJANTES
DESAGRADÁVEIS,
MAS OK.

OS QUE NÃO DUVIDAM
NÃO POSSUEM COBRAS
RASTEJANTES
QUESTIONO ESSES
MOVIMENTOS INTERNOS
AS COBRAS EXTERNAS
SÃOS OS PENSAMENTOS
QUE ENVIO PARA VOCÊ,
VOCÊ QUE TEM CERTEZAS.
E SE EU LHE DISSESSE
QUE ELAS NÃO EXISTEM:
AS CERTEZAS.
OU QUE ELAS SÃO TÃO
MÓVEIS QUANTOS AS PEÇONHENTAS

AS SERPENTES

"A LINGUAGEM É A GLÓRIA E A
DESGRAÇA DO HOMEM"

TRADUÇÃO
DE UM
TEXTO
NUM
TRABALHO
VISUAL


VOCÊ
VOCÊ
OLHO VOCÊ DE CIMA
SIM
A MULHER ANJO

OFICINA DA PALAVRA E IMAGEM



"A LINGUAGEM É A GLÓRIA E A DESGRAÇA DO HOMEM"

ESPAÇO MODERNO
- ALBERTO TASSINARI

VITOR MEIRELLES - PANORAMA

A PAISAGEM É A PERSPECTIVA DO HOMEM,
A NATUREZA ESTÁ ANTES DO OLHAR E
DA REALIZAÇÃO DO HOMEM.

CANALETTO

PETRARCA - POETA.
- CARTA TERCERO DEL MONTE VENTOSO
- SUBIR A MONTANHA — PRECISO SUBIR A MONTANHA.

JACOB VAN RUISDAEL

O LIVRO DAS HORAS

VERMEER - VISTA DE DELFOS

O HOMEM ESTÁ NA TERRA,
PENSANDO NO CÉU

SOBRE A PERSPECTIVA E O ESPAÇO FENOMENOLÓGICO
- MAURICE MERLEAU - PONTY

HERMIT

HISTÓRIA DA ARTE VOLUME

A HORA E
ESTÁ
ARIST

- 1418
PERSPECTIVA.
ENDE AONDE
O MUNDO.

CHÃO TURNER

PLATÃO

SANZIO
ESCOLA DE ATENAS.

A EXPERIÊ
ESTÉTICO
TIPO DE
ESPAÇO
CONFORM
NOS EST
A REFLE

PETER BR
- O CAÇADOR
NAS NEV
1565

BONSEGNO
PANORAMA



MINHA
CARA
DE
JOTA
OCA!

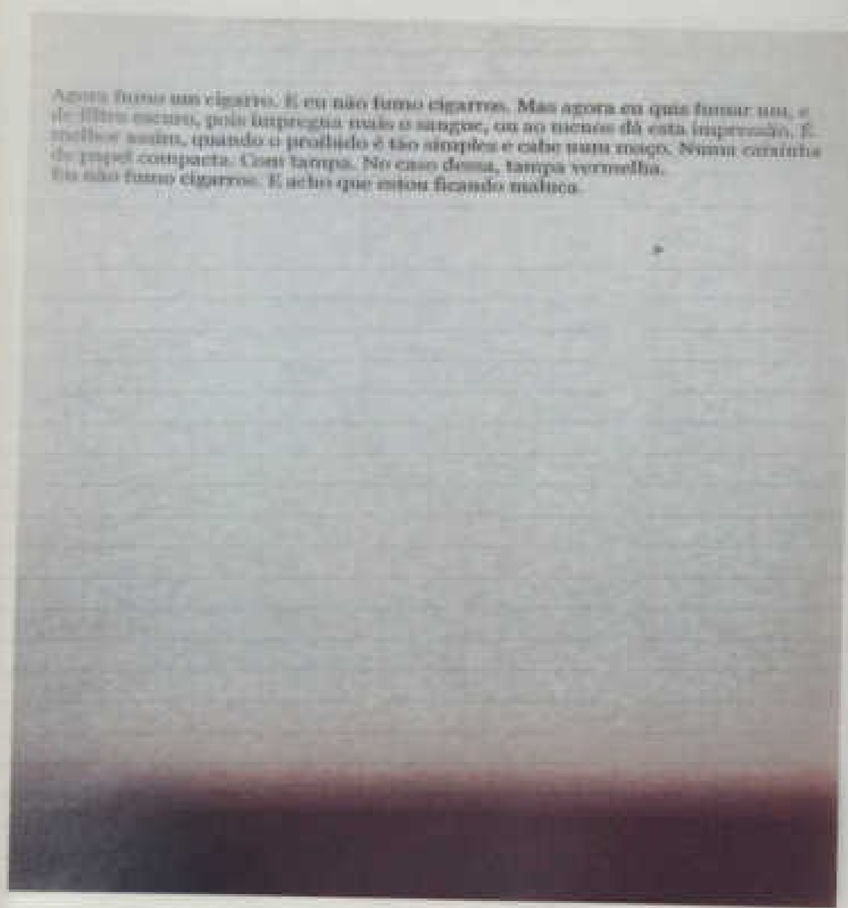
ESTARRECIMENTO - AQUILO QUE CHOCA, ABORRECE, DESCONCERTA F.Y.

- DISSIMULAÇÃO
- SONSICE, QUE É A DISSIMULAÇÃO BURRA
- O HÁBITO DA COMISERAÇÃO.
- A BOA EDUCAÇÃO COMO DISFARCE.
- GENTE QUE MASCA O MESMO CHICLETE POR HORAS
- INTERESSEIROS
- FALTA DE HIGIENE.
- GENTE QUE FALA MERDA COM BOA DICÇÃO - "MASTIGA" AS SÍLABAS COM CLAREZA.
- REFERÊNCIAS, GENTE QUE TEM REFERÊNCIA PARA TUDO.
- GENTE QUE SENSUALIZA O TEMPO TODO
- SEDUTORES COMPULSIVOS
- O ABUSO DO DIMINUTIVO
- O ABUSO DE CITAÇÕES
- TIQUES BARULHENTOS

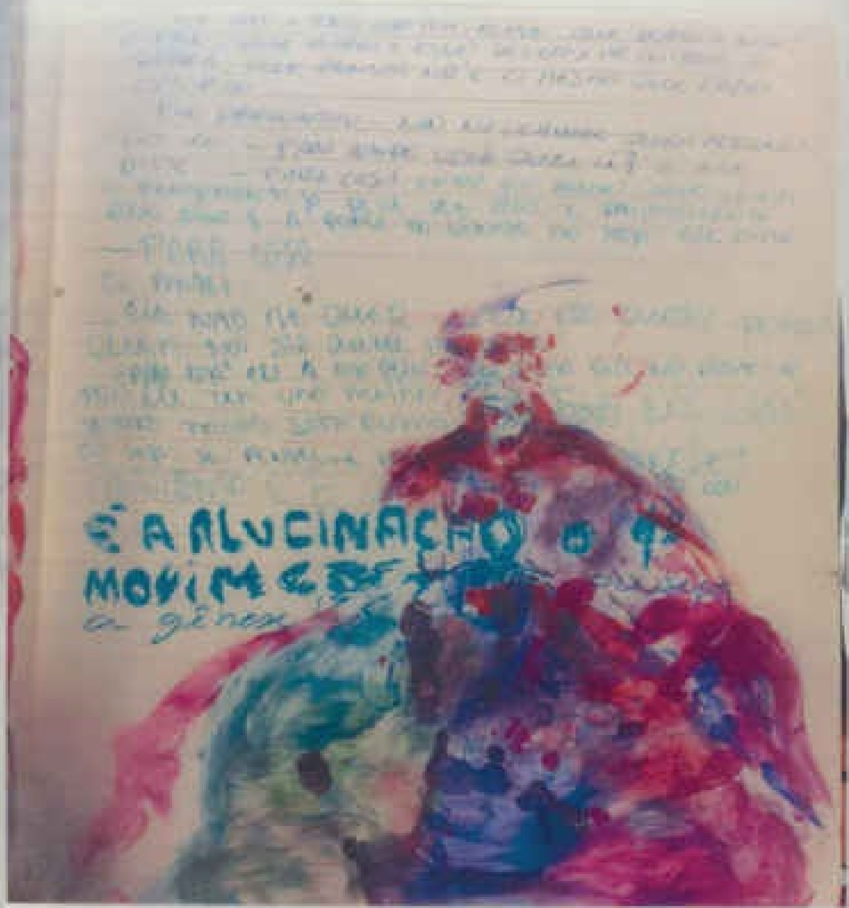
POSTURAS QUE ESTARRECEM F.Y.

- DISSIMULAÇÃO
- SONSICE + O - = A DISSIMULAÇÃO

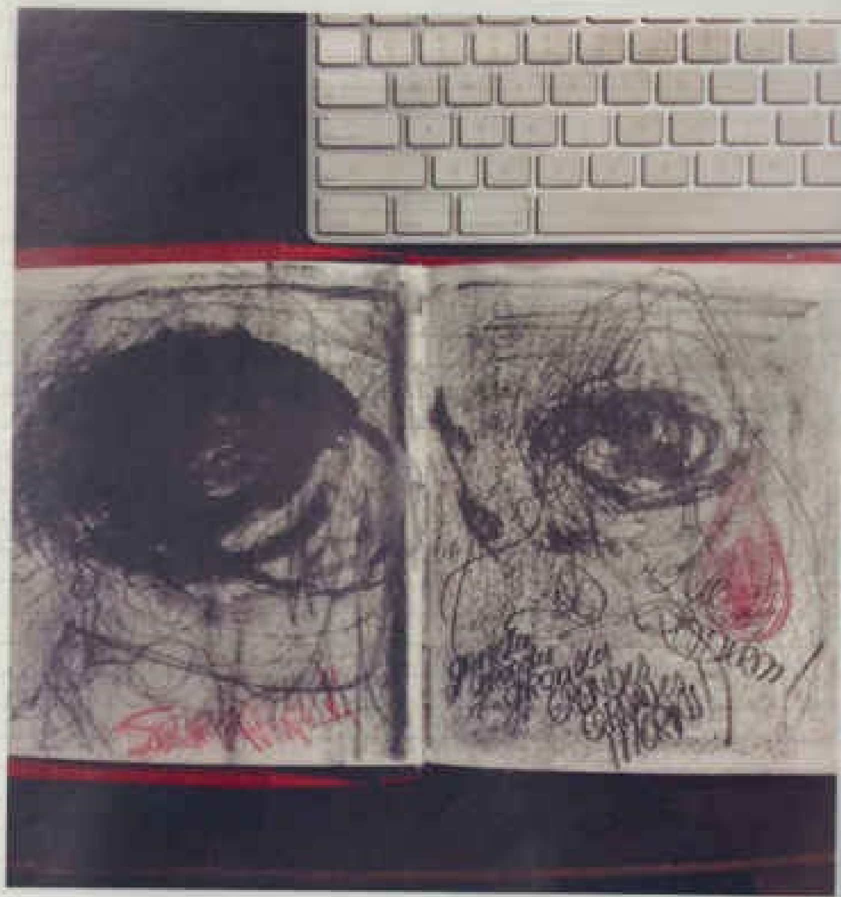



Agora fumo um cigarro. E eu não fumo cigarros. Mas agora eu quis fumar um, e de filtro escuro, pois impregna mais o sangue, ou ao menos dá esta impressão. É melhor assim, quando o proibido é tão simples e cabe num maço. Numa caixinha de papel compacta. Com tampa. No caso desta, tampa vermelha.
Eu não fumo cigarros. E acho que estou ficando maluca.

ESTARRE
DESCON
• DISSIMU
• SONSIC
• O HÁBI
• A BOA
• GENTE
• INTER
• FALTA D
• GENTE
AS SUAB
• REFER
PARA TU
• GENTE
• SEDUTOR
• O ABUSO
• O ABUSO
• TIQUES



• DISSIMULAÇÃO
• SONSICE + O − = A DISSIMULAÇÃO



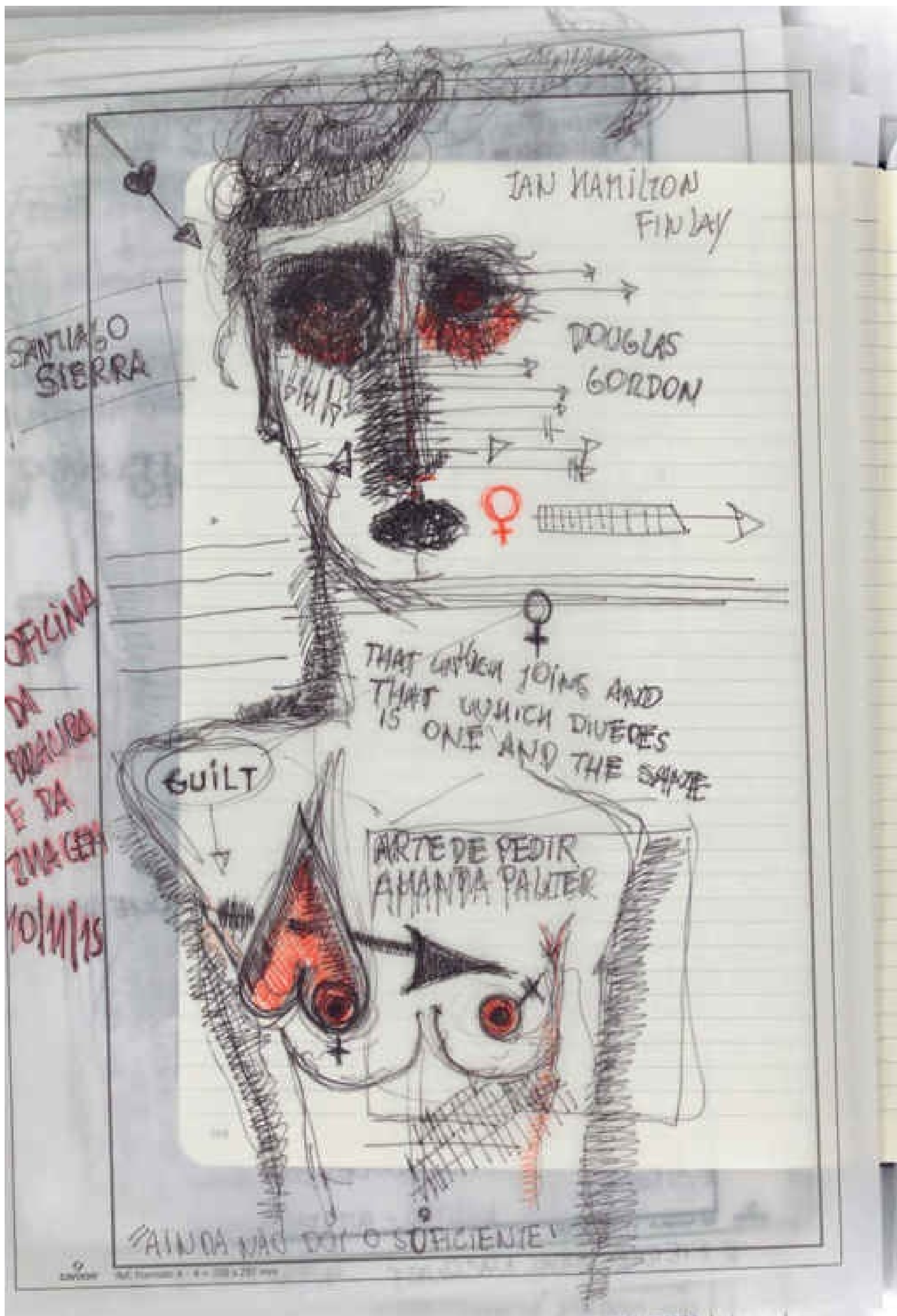


CONFUSÃO
SAUDADES
DÚVIDA
MEDO

MORAL DO INTERESSE → INDIVIDUAL
MORTE A
E TRANSCENDER
RITO SACRIFICIAL
O GARÇOM DO CAFÉ
SARTRE
ATENÇÃO
MANIPULAÇÃO
OS FENÔMENOS SÃO OPACOS
SERES HUMANOS OPACOS
SARTRE O HOMEM NÃO É COISA
ONDE ESTÁ
NÃO É COISA
DEUSES NÃO SE LIMITAR A MEDIOCRIDADE
→ TRANSCENDER A SI MESMO
PORQUE TEM CONSCIÊNCIA DE SI
MÁQUINAS DESEJANTES
TEORIA ATÔMICA
JEREMY BENTHAM
ESTOICISMO - SER CONFORME
AS COISAS
É PREFERÍVEL
O MAL CONHECIDO
QUE O MAL
DESCONHECIDO
LOTERO
HAMLET É
UM ESTÓICO.

AGONIA - AUSÊNCIA DE DOR FÍSICA
ATARAXIA - AUSÊNCIA
NÃO DOR
ESPIRITUAL
EUDAMONIA
FELICIDADE
ÉTICA
28/10/15
MORAL DO INTERESSE
JEREMY BENTHAM
EPICURO
OS GRANDES TEMAS
A DIVINDADE
NÃO TEMER OS DEUSES NEM A MORTE
MORTE -
OS HOMENS SE APROXIMAM DOS DEUSES
PRAZER
O QUE PRODUZ O PRAZER AO
MOVIMENTO E NÃO NO REPOUSO
ESTÁ SEMPRE INSATISFEITO

→ PIERRE - VIDAL NACQUET
→ JEAN PIERRE VERNANT



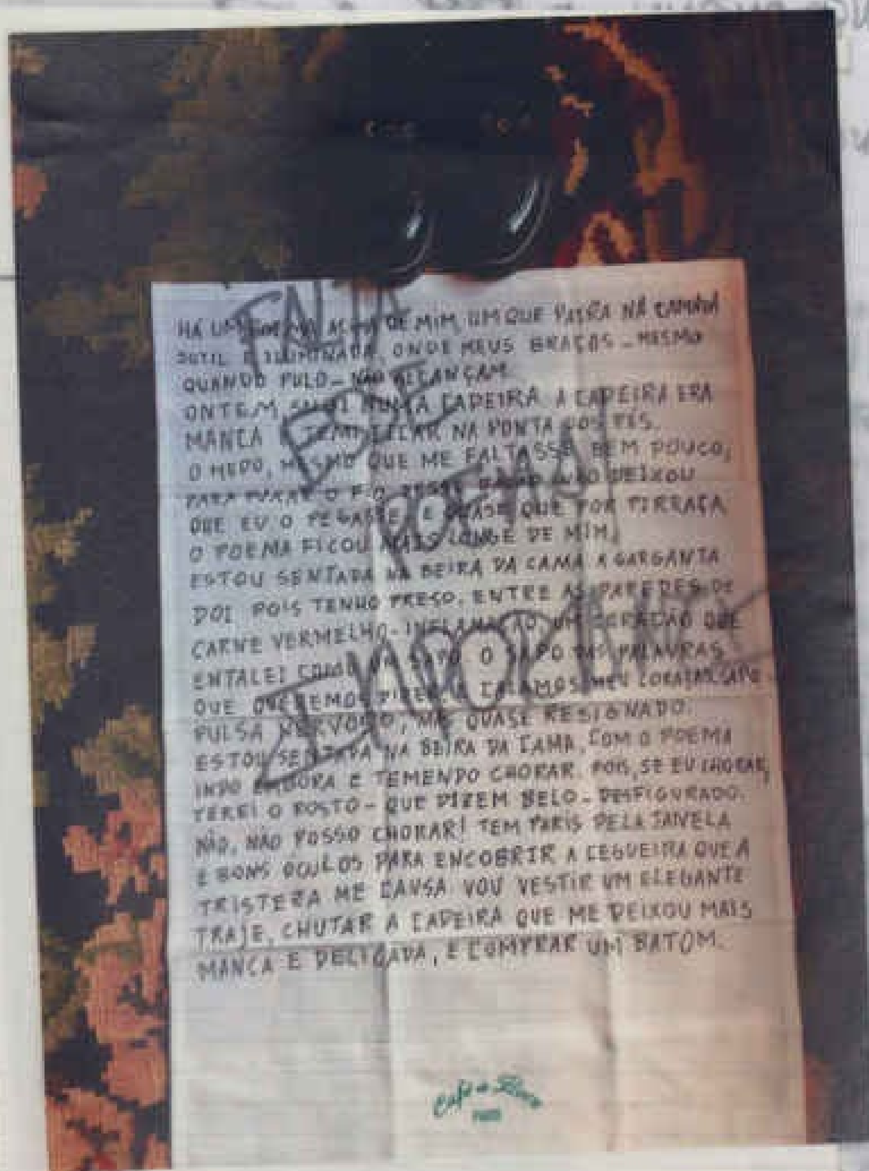
IAN HAMILTON FINLAY
DOUGLAS GORDON
SANTIAGO SIERRA
OFICINA DA DRAGURA E DA IMAGEM
10/11/15
THAT WHICH JOINS AND THAT WHICH DIVIDES IS ONE AND THE SAME
GUILT
ARTE DE PEDIR
AMANDA PALMER
"AINDA NÃO DÓI O SUFICIENTE"

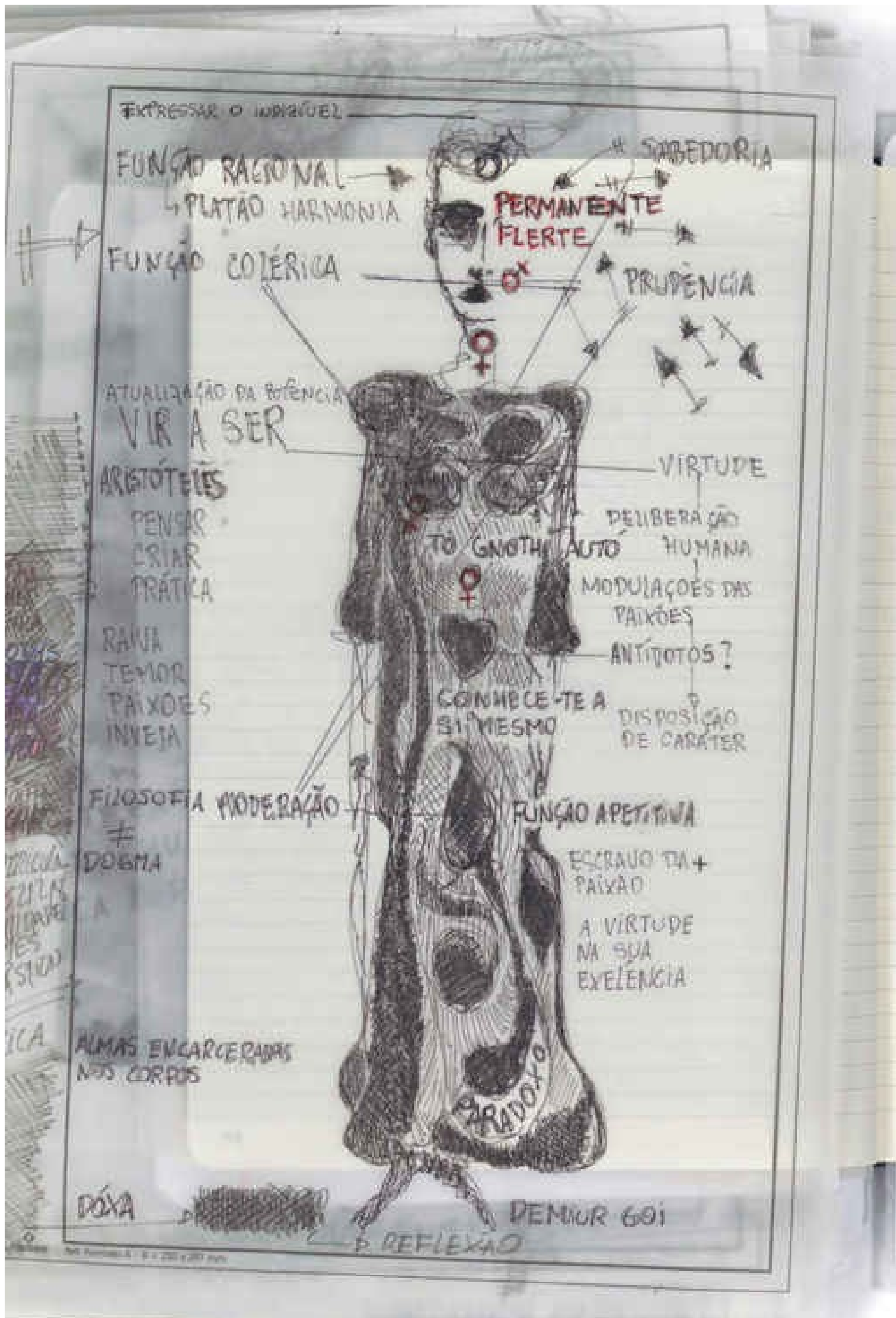
DESEJO-LHE ~~[illegible]~~:
O DESFARDO DE NÃO TER
CULPA ~~[illegible]~~,
~~DESISTAM~~
TAPA UM BEM SABE AONDE
LHE DÓI AS FIVELAS
DESSA CAMISA DE FORÇA, QUE NOS ACOSTUMAMOS
TROCO A MINHA POR UM A USAR
ABRAÇO DE MARINHEIRO,
ALI DENTRO TEREI CORAGEM
PARA CONCLUIR A TAL
DA VIAGEM, TÃO BEM
CANTADA POR UM POETA, QUE NÃO EU.
NÃO SEREI MAIS SUA
TATUAGEM,
NÃO ~~MAIS~~ ~~AS~~ MINHAS PERNAS ABRIREI
E PORTAS PARA VOCÊ.
DESEJO-LHE A PAZ
DE NÃO ME TER
E QUE A POESIA NOS
LIVRE DE NÓS, NESSA
~~AMENA~~
NOTURNA JORNADA.

TIAGO
SIERRA

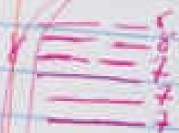
EMA ACIMA DE MIM, EM QUE
LUMINADA ONDE MEUS BRAÇOS - MESMO
PULO - NÃO ALCANÇAM.
I, SUBI NUMA CADEIRA. A CADEIRA ERA
E TEMI FICAR NA PONTA DOS
MESMO QUE ME FALTASSE BEM
KAR O FIO DESSE QUASE QUE POR PIRRAÇ
LONGE DE MIM.
DA CAMA. A GARGANT
QUEREMOS DIZER ENTRE AS PAREDE
NERVOSO MEU CORAÇ
SENTADA BELOS DELA
TEZA ME CAUSA UM ELEGAN
E, CHUTAR A CADEIRA QUE ME DEIXOU MA
CA E DELICADA, E COMPRAR UM BATOM

"AINDA NÃO DÓI O SUFICIENTE!"


FALTA
ESSE
POEMA!
DE MIM, UM QUE PASSA NA CAMADA
ONDE MEUS BRAÇOS - MESMO
QUANDO PULO -
A CADEIRA ERA
NA PONTA DOS PÉS.
O MEDO,
QUE ME FALTASSE BEM POUCO,
QUE POR PIRRAÇA
QUE EU O PEGASSE
O POEMA FICOU
DE MIM.
ESTOU SENTADA NA BEIRA DA CAMA. A GARGANTA
DOI POIS TENHO PRESO, ENTRE AS PAREDES DE
CARNE VERMELHO -
ENTALEI
O SAPO
PALAVRAS
QUE
PULSA
QUASE RESIGNADO.
ESTOU
NA BEIRA DA CAMA, COM O POEMA
INDO EMBORA E TEMENDO CHORAR. POIS, SE EU CHORAR,
TEREI O ROSTO - QUE DIZEM BELO - DESFIGURADO.
NÃO, NÃO POSSO CHORAR! TEM PARIS PELA JANELA
E BONS ÓCULOS PARA ENCOBRIR A CEGUEIRA QUE A
TRISTEZA ME CAUSA. VOU VESTIR UM ELEGANTE
TRAJE, CHUTAR A CADEIRA QUE ME DEIXOU MAIS
MANCA E DELICADA, E COMPRAR UM BATOM.


EXPRESSAR O INDIZÍVEL
FUNÇÃO RACIONAL
PLATÃO HARMONIA
SABEDORIA
PERMANENTE
FLERTE
FUNÇÃO COLÉRICA
PRUDÊNCIA
ATUALIZAÇÃO DA POTÊNCIA
VIR A SER
ARISTÓTELES
PENSAR
CRIAR
PRÁTICA
VIRTUDE
DELIBERAÇÃO
HUMANA
TO GNOTHI AUTO
MODULAÇÕES DAS
PAIXÕES
ANTÍDOTOS ?
RAIVA
TEMOR
PAIXÕES
INVEJA
CONHECE-TE A
SI MESMO
DISPOSIÇÃO
DE CARÁTER
FILOSOFIA MODERAÇÃO
FUNÇÃO APETITIVA
≠
DOGMA
ESCRAVO DA +
PAIXÃO
A VIRTUDE
NA SUA
EXELÊNCIA
ALMAS ENCARCERADAS
NOS CORPOS
PARADOXO
DÓXA
DEMIUR GOI
REFLEXÃO

11. T'AI / PAZ



40. HSIEH / LIBERAÇÃO





52 PROGRESSO

43.

Às vezes sinto vontade de faltar com a verdade,

Ser cínica, mas nunca vil,

nem mesmo mentirosa.

Omissa?

Não, omitir é para os fracos!

Talvez irônica,

Dúbia.

Charmosa, claro.

Eu contaria um pouco aqui,

Um pouco ali.

Com o tom certo, bem calmo

Ou não - dependendo para quem

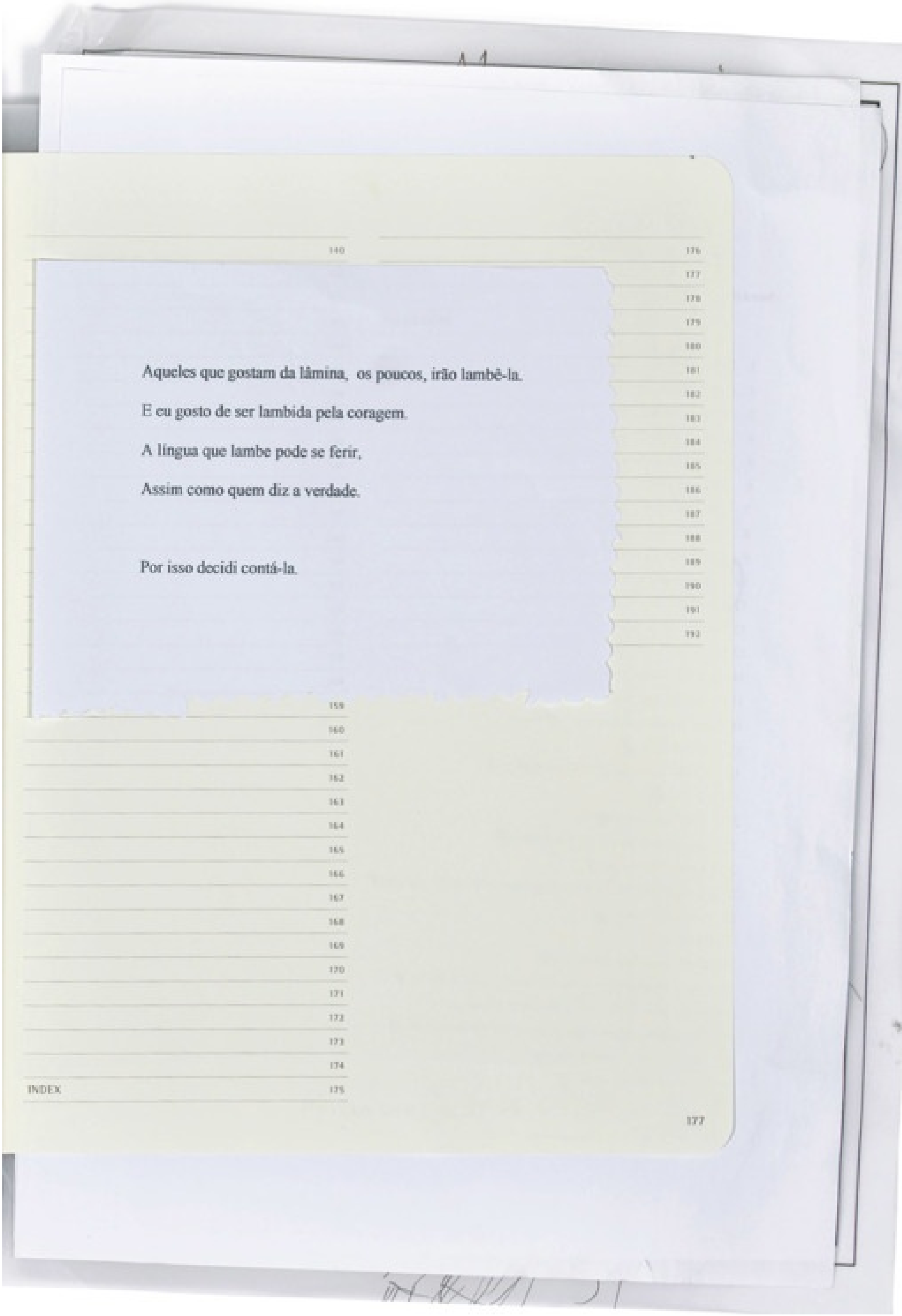
Conto.

Os amantes - homens ou mulheres - não me cobrariam tanto,

E eu poderia ter quantos eu quisesse.

Mas é que a verdade é excitante, máscula,

Como uma espada.



Aqueles que gostam da lâmina, os poucos, irão lambê-la.

E eu gosto de ser lambida pela coragem.

A língua que lambe pode se ferir,

Assim como quem diz a verdade.

Por isso decidi contá-la.

Sumário

FALTA O TEXTO DO TEU, UMA NOITE COMIGO ———

32. Não há palavra mais
33. Uma área estreita
34. Crânio
35. O que fica é um enorme físico. Ah...
36. A mão esquerda de Vênus X coloquei em outro lugar
37. Queria dormir
38. As palavras preenchem o vácuo gelado e úmido do meu coração
39. Mas o destino não seria algo involuntário?
40. A minha cabeça está vazia
41. L'entêtement est mon nom de famille X
42. Deixá-lo é tão difícil
43. A contundência do barulho de um vidro quebrando
44. Às vezes sinto vontade de faltar com a verdade

HÁ CERTAS ÁGUAS QUE NÃO MATAM A SEDE

- POEMA CAIS IMAGINÁRIO - COLOQUEI METADE (ACHEI) — OK
- 8 DE ESPADAS — OK

"A PELE, POR SUA VEZ, NADA MAIS É DO QUE O FORA DE DENTRO."

ESSA PELE NÃO CONTORNA

VOCÊ COME ISSO?

ESSA PELE NÃO ME CONTORNA,
POUCO OU MUITO CAIBO
NELA.
ESSA MANCHA QUE A MÃO
CRIA, APÓS PAUSAR NO
LINHO DAQUILO QUE
ESCREVO, É O ESPECTRO
QUE TRANSBORDO DE MIM.
NÃO ESTOU DENTRO
SOMENTE, E ESTOU SOMENTE
DENTRO, CASO QUEIRA.
QUANDO MUDO, É PORQUE
ESTOU MAIS AINDA EM
MIM.
E SE CIRCULO NO OUTRO,
MÓVEL OU NÃO, É PORQUE
DESEJO DISTRAÍ-ME DESSE
FLUXO, CRIANDO ESTAR COM
NUNCA ESTIVE COM NINGUÉM
ASSUMO NESSA MANCHA
QUE ESCREVO
DESCULPA SE O ENGANEI
MAS COZI-ME SOMENTE CONTIGO

FUNDAMENTOS
DA PESQUISA
E POÉTICAS
VISUAIS
SALUNI 25/02

CONTIGO

• PERSÉFONE _ SIMBOLOGIA DO ROMÃ

COR VERMELHA



AMA A IDEIA DO AMOR
E NÃO O OUTRO

HIST. ARTE 23/02

CERTO!

DEMOS CERTO,

QUANDO

DÁ CERTO.

REPETIDO!

ALEXANDRE MACHADO



AGRADECIMENTOS

AOS ANJOS

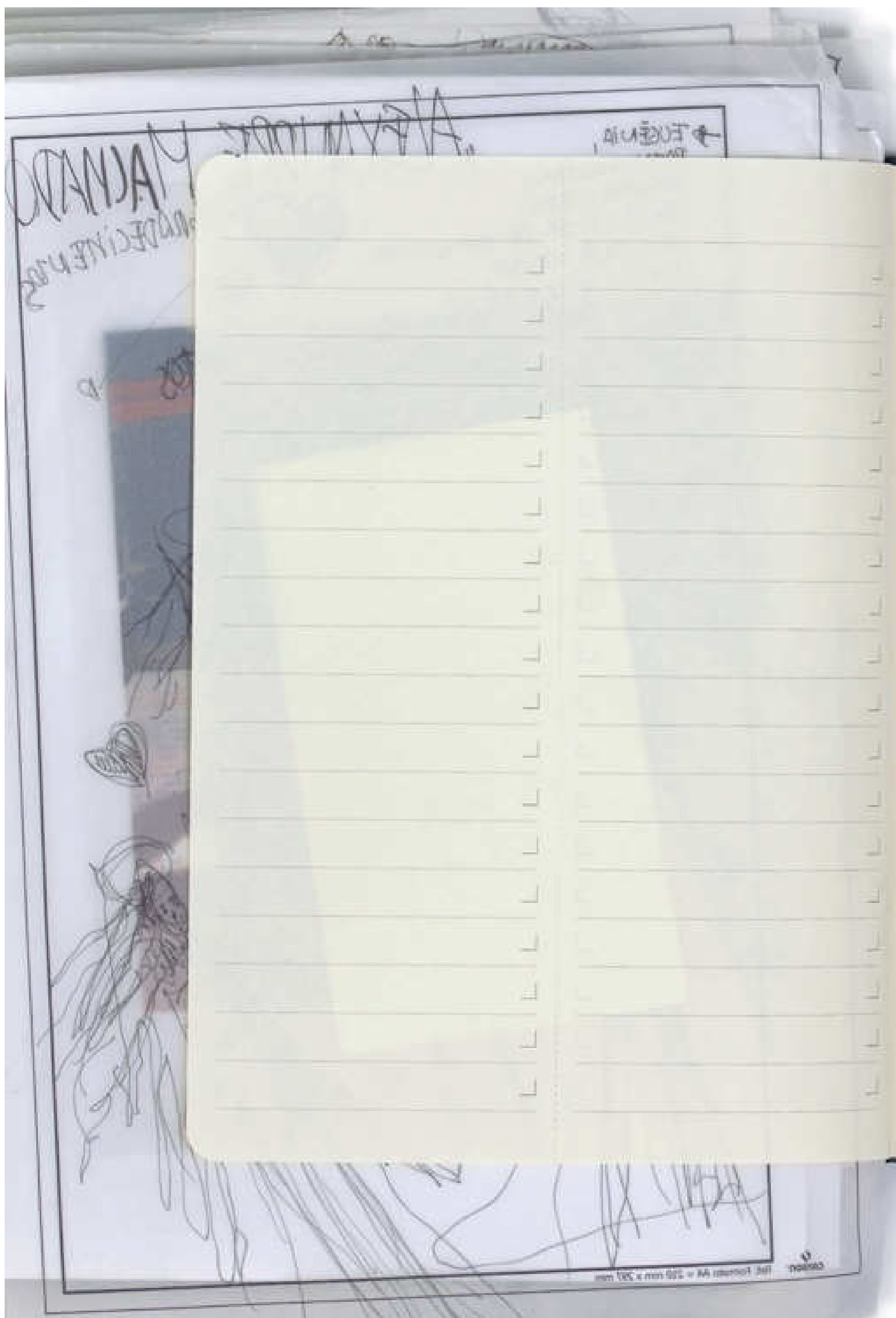
→ EUGÊNIA,
PATRICIA AMARAL,
EDUARDO (PARIS)
DANIEL (PROF. DE PORTUGUÊS)
GALLIANE NEVES,
MÔNICA FIGUEIREDO,
LU GUIMARÃES,
NELIR
CHARLES COSAC
BOB WOLFENSON
GRAZI (PROF. DE HISTÓRIA)
CARLI (PROF. HIST. DA ARTE)
EL LOCO

MARCELA AND



FAMÍLIA
AMIGOS, AMIGOS
QUE ME AGUENTAM









A mão esquerda de Vênus

Fernanda Young

GLOBO LIVROS

Em memória de Laura Figueiredo.

E para minha irmã, Renata Young:

Queria lhe dar uma joia,
Que me endividasse para o resto da vida.
Derradeira e límpida feito um brilhante,
Lágrima lapidada, azulada-pedra.
Queria lhe dar uma joia
Feito este poema, só que não bruto.
É o solitário que queria em seus dedos,
Um soneto anelado.

“O fato central de minha vida
Foi a existência de palavras
A possibilidade de tecê-las
Em poesia.”
-- Jorge Luis Borges

Prefácio

Há alguns anos, eu encontrei em uma caixa, das muitas que recebi, cheias de livros, da minha amiga Mônica Figueiredo, um maço de cartas amarrado em uma fita de cetim. Estávamos arrumando a biblioteca, eu, Renata e as minhas filhas mais velhas, que na época deviam ter uns onze anos. Essa biblioteca tem várias dezenas de livros que são da família Figueiredo, aliás, justo por causa dessa doação, mandei construir um lugar para receber tantas obras, que, somadas às minhas, tornou-se mesmo um local especial. Batizamos de Biblioteca Fernanda Figueiredo. A casinha simples, projetada para guardar livros, é azul. Ali, no pouco que há de parede sem estantes, coloquei fotos dos pais de Mônica: Abelardo e Laurinha – as cartas que encontrei entre os livros eram de Laurinha. Renata, minha irmã, começou a lê-las em voz alta. Imediatamente interrompendo, ao se dar conta do conteúdo “inapropriado” para as sobrinhas. Que, é claro, também se deram conta, e ficaram aborrecidíssimas. Mais tarde, já sozinhas, e com a autorização de Mônica, eu e Renata lemos algumas; e creio que ali, com esses lindos papéis finos, nos quais as cartas eram escritas, *A mão esquerda de vênus* começou a existir da maneira que aqui publico; lá, naquela fria noite mineira. Há poemas anteriores, claro – desde que lancei o meu único livro de poesias, em 2006, venho reunindo escritos; escrever versos é uma coisa complexa, tanto que são somente dois livros em vinte anos de obra editada. Sou romancista, essa é a minha estrutura. Mas comecei a jornada, que me trouxe até aqui, escrevendo poesia; na verdade, recitando, pois antes de aprender a escrever já me sabia escritora. Não sabia, entretanto, o quanto seria complicado conseguir dominar esta língua perfeita, que, tenho a total certeza, jamais entenderei completamente. Uma língua que debocha da gente, provoca-nos sempre alguma dúvida, uma certa vergonha por talvez estar cometendo algum acinte; e provavelmente, por todas as dificuldades que tive, tenha me tornado a escritora que hoje sou: ainda insegura diante de tantas regras e exceções, e por isso mesmo tendo que ser corajosa a ponto de criar algumas leis só minhas. E também isso é poesia. Todos os meses que trabalhei com minha editora, Eugênia Ribas-Vieira, detalhadamente, em cada verso de cada poema, muitas foram as vezes que questionamos as pontuações feitas, algumas que podem ser consideradas erradas. Mas não. Poesia é mesmo uma estrutura cruel, visto que, se não conseguimos ler corretamente um poema, ele não fará sentido algum. Há versos que, sozinhos, contam páginas e páginas de uma história; outros encerram, na medida cirúrgica, exatamente o que querem dizer. É como se um

romance coubesse ali. Ou uma incisiva missiva filosófica, afiada e sem negociações. Este livro que, agora, neste exato momento, enquanto escrevo este texto, – para agradecer, para oferecer alguns segredos a mais – está quase para deixar de ser só meu, para tornar-se “coisa”, para ser de todos que o quiserem ler, foi lido centenas de vezes por mim. Em voz alta, em silêncio, para alguns, alguns poemas… Para Eugênia, muitas vezes, todos. Creio que poesia deve ser lida em voz alta. Bom, dever não é lá um verbo com o qual eu concorde muito, principalmente quando estamos lidando com arte. Na arte, não se deve nada, afora salvar o artista de uma angústia insustentável. Afora fazer com que quem cria consiga sobreviver a realidade que vê, não aguenta, e precisa mudar. E porque esses poemas me salvaram, talvez sirvam para mais alguém. Também por isso, mas não só por isso, teimei em publicar *A mão esquerda de vênus* neste ano, em que comemoro o aniversário do lançamento do meu primeiro romance, em 1996. São treze livros em vinte anos, e eu amo o número treze. E, ao escrever “eu amo”, lembro-me de retornar a Laurinha, que, como eu, era taurina. Como taurinas, somos regidas por Vênus – enquanto venusianas, amamos demais. As cartas que encontrei, e que ainda estão comigo, são cartas de amor. E eu amo cartas de amor. Amor, ódio, desabafo, mágoa, ciúmes, culpa, perdão, desprezo, começos e fins. Essas cartas foram endereçadas, quase todas, fora algumas para familiares, a um grande amor. Pensar em como Laurinha conseguiu pegá-las de volta é mesmo um labirinto de hipóteses, que, como escritora, delicia-me. A maioria mantém o envelope respectivo, muitas delas enviadas para outros países. Pelo que entendi, eles formaram um casal andarilho, ora proibidos, ora assumidos, apaixonados, etílicos. Ela, mais velha que ele; ele, às voltas com uma mulher cheia de manias – taurinices –, lenços, chapéus, pulseiras, músicas, poesias, batons, filhas, anéis, uísques, caixinhas, cartões-postais. Acumuladora, contadora de histórias, escritora de diários. E, se o encontrar das cartas fez-me de imediato querer escrever algo, tendo Laura Figueiredo como musa, após receber de Mônica mais de cem diários, escritos por Laurinha desde a adolescência até dias antes de sua morte, aos 69 anos, eu interrompi outro projeto, e comecei esse. Ingenuamente, pensei num romance, que mesclaria ficção e biografia; mas a paixão que a conduziu em sua vida, onde a liberdade, estética, arte estiveram sempre presentes, fez-me criar este livro em suas mãos. Que ainda não é “coisa”, hoje, nesta segunda-feira, 7 de março, quando, às pressas por causa do lançamento previsto para o dia 26 de abril de 2016, cinco dias depois do aniversário de Laura, cinco dias antes do meu, escrevo este texto. Para você, que agora o lê, fazendo-o não mais meu, ou não somente meu; eu lhe agradeço.

Agradeço a sua atenção. O anel que uso, sem jamais tirar, em que se lê “LF”, em prata, numa pedra de ônix retangular, e que agora mesmo paro para contemplar, foi presente de P para LF. Está na minha mão esquerda. Não sou canhota, mas escrevi cada verso, fiz cada desenho, cada bordado, pintura, fotografia, com o meu coração. Grata a ponto de ficar corajosa, permito-me ser cafona. Então, encerro esta “carta” com um apaixonado: te amo.

Sua FY.

1.

Eu bordo o labirinto quente das minhas veias.
Repito as palavras como mantras, nas voltas que a agulha faz.
Por vezes me furo e não o pano, gosto de levar esse susto.
É a digital de sangue que deixo ali: minhas lágrimas, cervejas, rompantes.
Se me revelo expondo as fraquezas, confusão, raiva,
Não me constranjo.
Há muito cansei de
Desculpar-me.
Sou essa, e aceito não ser querida.
Se me arrependo de algo,
Digo aqui e bordarei:
Foi ter saído de mim,
Para deixar alguns entrarem.

2.

Uma multidão de olhos
Julgando
Ou não,
Gostando ou
Não, podendo
Ou não, querendo
Ou não, gozando
Ou não, à toa ou não.

3.

Há um poema acima de mim,
Um que paira na camada sutil e
Iluminada, onde meus braços
– mesmo quando pulo – não alcançam.
Ontem, subi numa cadeira.
A cadeira era manca e temi ficar na ponta dos pés.
O medo, mesmo que me faltasse bem pouco,
Para puxar o fio desse balão,
Não deixou que eu o pegasse.
E quase que por pirraça,
O poema ficou mais longe de mim.
Estou sentada na beira da cama.
A garganta dói pois tenho preso,
Entre paredes de carne vermelho-inflamação,
Um coração que entalei como um sapo.
O sapo das palavras que queremos dizer,
E calamos.
Meu coração-sapo pulsa nervoso e
Quase resignado.
Estou sentada na beira da cama,
Temendo chorar
Com o poema indo embora.
Pois, se eu chorar, terei o rosto – que dizem belo –
Desfigurado.
Não, não posso chorar!
Tem Paris pela janela e bons óculos para encobrir
A cegueira que a tristeza me causa.
Vou vestir um elegante traje,
Chutar a cadeira que me deixou mais manca e delicada,
E comprar um batom.

4.

Só há uma ideia do que a minha natureza
entende como paixão.
O corpo reage assim: taquicardíaco,
etílico, esfomeado.
Na ansiedade torno-me aquela que
não suporto,
a mesma que esperava na escada,
querendo ser levada
para algum lugar, longe dali.
O que aguardo é ficar longe
dessa menina que está sentada nos
degraus frios da escada.
E nas horas em que o mármore branco,
dessas horas, horas de uma tabela tonal
cinza-rato, gelam meu sexo, minha pele,
fico em dúvida se quero,
realmente, que o outro chegue.
Duvidar do que desejo angustia tanto,
a ponto de me fazer fugir.
E quando decido ir, ameaço,
testando aquele de quem espero ter atenção.
Deixando tudo mais tenso,
nervoso,
excitante.
Então, molhada eu fico, ainda ali
nos tais degraus de ansiedade,
lisos e frios,
de mármore-medo.

5.

Para Chiara Martini

Sou uma casa completa.
Tenho recantos em minhas
Dobras, lareira e um belo
Jardim de tulipas negras.

Também sou uma caravela
Que corre ruidosa e
Escorregadia sobre os oceanos
Que conduzem a novos
Continentes.

E uma caneta macia de um
Garçom orgulhoso; ele gosta
De ouvir: – Que caneta boa!
Quando assinam a conta.

Posso ser os elásticos de
Pompom nas chiquinhas de
Uma menina que chora,
Chata, no pátio ao lado.

Ou um simples copo de água
Oferecido a alguém que
Trouxe uma pesada
Encomenda.

Quiçá sou eu, sim, eu.
Eu mesma. Sofisticada e
Demencial. Essa que fala
Demais e diz que te ama,
Que não quer ir, e não quer
Ficar aqui.
Esse aqui que vaga e
Ressente.

6.

Tenho que desistir,
Amanhã farei isso.
Hoje quero dormir
Ainda acreditando
Que não sou uma
Idiota fodida.
E que quando eu
Acordar direi: chega!
Não existem seres
Elementares,
Não acredito em
Reencarnação,
Quero comer bacon,
Mas hoje vou dormir
Pensando que sou
Única e sua.

7.

Agora fumo um cigarro. E eu não fumo cigarros. Mas agora eu quis fumar um, e de filtro escuro, pois impregna mais o sangue, ou ao menos dá esta impressão. É melhor assim, quando o proibido é tão simples e cabe num maço. Numa caixinha de papel compacta. Com tampa. No caso dessa, tampa vermelha.

Eu não fumo cigarros. E acho que estou ficando maluca.

8.

Sou a anti-Monalisa,
Sou desproporcional.
Toda a minha roupa é feita de
Retalhos, bordada com
Rezas que faço para acordar
E dormir.
Um mantra que repito:
Você vai conseguir.
Eu cuidarei de você.
Seja prudente, minha
Menininha boa e tola.
Arrumo os meus cabelos e
Passo o tal batom vermelho.
Todo o corpo moldado na
Disciplina.
E a fina pele de porcelana
Fria branca desenhada,
Coberta de condecorações,
Amores, vinganças, versos,
Arrumo os cabelos, nunca
Satisfeita, passo o mesmo
Batom vermelho.

Sou uma pinhata perfeita,
Jamais uma Monalisa.

9.

Desejo-lhe o desfardo de não ter culpa,
Cada um bem sabe onde doem as fivelas
Dessa camisa de força
– que nos acostumamos a usar.
Troco a minha por um abraço de marinheiro.
Lá dentro terei coragem para concluir a tal
Viagem, tão bem contada por um poeta,
Que não eu.
Não serei mais sua tatuagem.
Não abrirei mais minhas pernas e portas
Para você.
Desejo-lhe a paz de não me ter
E que essa poesia nos livre de nós.
Não há mais longa jornada,
Nem nunca houve.
O despertador do Não sempre tocou:
Tsk-tsk, tsk-tsk, tsk-tsk.

10.

Nada é bom para mim, aprenda.
Eu pareço razoável, até mesmo
Bela, mas sou essa, bem estranha.
E muitas vezes doente.
Não se deixe levar por minha
Tradução de My Funny Valentine,
Eu sou a mais escrota do bairro
De qualquer cidade.
Mas eu irei mudar meu cabelo,
E não será por você.
Vou te contar minha história,
E você irá achar que é mentira.
Tudo que posso te dizer é:
Fique.
Hoje não é o nosso dia,
Mas fique.

11.

Para Betty Lago

Queria ser simples. De tudo que já quis,
juro, esse me parece o mais disparatado
dos desejos. De todas as ideias de
merda que tive, essa é a que mais fere.
Queria não me importar se o Noturno número dois
que escuto é mal interpretado. Porque
afinal não entendo de piano e não posso
dizer que essa é uma merda de uma
interpretação. Mas eu sei que é uma
merda e isso me fere os nervos mais que
os ouvidos. Fere tanto quanto a ideia de
ser simples. Queria ser simples a ponto
de ser querida. Querida por ser querida e
não por ser especial. O especial é
complexo. Raro. Intratável em sua
ausência de singeleza. Porque eu poderia
anunciar que sou delicada, e implorar sem
implorar, por cuidados. Queria ser simples
e ser cuidada com esmero. Porque a minha
delicada simplicidade iria sugerir atenção.
A leveza da simplicidade me traria sopas,
bombons, margaridas. Mas eu ganhei fama
e minha criada acaba de trazer um petisco
que só vende em uma padaria bem longe.

12.

Não irei mudar essa veste em que habito há muito,
Já a descrevi inúmeras vezes, reconheço os remendos,
As reentrâncias amarrotadas, em que disfarço o bolor
Com cânfora e alfazema.
Minha casa, ora tão iluminada pelo mais fresco sol do outono de maio,
Ora de um sombrio da cor mais negra que um poço artesanal chinês, vazio, possa ter.
Não irei mudar, fato.
Todas as vezes que disse que iria, acreditei que pudesse,
Não menti, mas não mudei;
Ou talvez tenha mudado um pouco, bem pouco,
Pois não acredito mais nisso, nem vou mentir.
Não vou mudar e assumo.
Por mais horrível que seja o tal poço que por vezes me jogo, e a você também,
Ele é o meu poço.
E ali enxergo coisas lindas.
Se o sol fresco do meu outono não o aquece o ano inteiro,
Ele sabe acolhê-lo, e aos que me aguentam na escuridão.
Não irei mudar!
Ficarei muda,
Muda mas vestida de mim mesma.
Minha casa sou eu,
Nela há muitas lembranças espalhadas,
Um tanto de poeira, devido aos inúmeros livros e tapetes,
Há cerveja, há giz de cera, há um varal de fotografias no jardim.
Ficarei muda, mas ouvindo vozes
E preenchendo as linhas com luz e breu.
Então que fique certo – e isso não é uma imposição,
Nem uma explicação, nem um esporro:
Eu não mudo de mim nunca mais!
Não compensa arrumar, de novo e de novo, as malas cheias de tules e chapéus,
Nesse eterno retorno ao que sou.
Não vou mudar,
Também não espero que você mude,
Minha casa é grande, tem muitos quartos, mas sou espaçosa.

Essa é uma novidade, não uma mudança.
Troquei os móveis de lugar, o estofado de alguns antigos sofás.
Aceito que você esteja ao meu lado, como você é,
Torço até que você pernoite de vez em quando.
Te ofereci todo o meu branco,
Talvez você consiga entender o meu traje preto
… mais uma vez,
Não prometo mais nada.
Nunca mais me rastejo em desculpas.
Não sou um monstro,
Jogo apenas a mim no umbral que
Talvez eu, de tempos em tempos,
Necessite revisitar.
Não mudo quem sou, não troco meu lugar com ninguém,
Nem permito que tomem o meu lugar.
Saio do túnel enxergando melhor,
Um jogo de cego: tateio, farejo, lambo, reviro.
Volto para mim reconhecendo o que fiz,
Quem machuquei, quase sempre somente a mim mesma, bem sei me machucar,
Quem sou, o que perco,
O que quero.
Quero ser eu: inteira, inexata, linda, horrorosa.
De novo: não me defendo nem me desculpo.
Aceito quem sou. Aceito o desejo recorrente de tê-lo,
Por vezes, ao meu lado.
Aceito a ausência do que desejo, não por punição,
Mas por uma espécie de desfecho, como anunciam os céticos, inevitável.
Ou porque sempre há um porvir, visto que na minha casa não há fechaduras nas portas.
Só não aceito não me ter comigo.
Fico muda, se você não quiser me ouvir dizer te amo,
Mas comigo, e aqui, nesse papel: eterna.

13.

Odeio ouvir campainha ao longe.
Ou ela toca por mim, ou não deve tocar.
Não, não há ninguém em casa, é melhor ir embora.
Quem você quer, não quer atender a sua chamada!
Será lindo se alguma máquina disparar:
você irá chorar e recitar para ela.
Mas a campainha continua estridente.
E você continua um otário.
Teimosos esses, que procuram os que não estão.
Ou que fingem não estar.
Tenho essa sensibilidade para detectar esperas.
Como se todos os ansiosos estivessem conectados a mim.
Sou aquele que aguarda, sem sinal, nem guarda-chuva, na sua porta.
Aquele, que não tem um cigarro em casa,
que não consegue dormir pois espera uma notícia sua.
Sou você, que deseja que eu seja quem jamais serei.
Eu, que quero você, sendo esse mesmo,
que não me dará o que aguardo.
A pessoa nunca se cura do que é.

14.

Shiiiiiii! Você escuta? Lá?
Os Guardiões do Ontem,
aqueles que cantam sobre
o que não podemos fazer?
Eles avisam: Parem!
Não devem!
Há sangue nesse beijo,
não devem,
não selem os lábios nesse beijo!
Não olhem!
Não lambam seus próprios lábios,
seu próprio beijo, nesse beijo!
É um lamento, mais que uma ordem,
e nós debochamos dessas almas amargas,
que creem saber de tudo, nos beijando.
Os Guardiões do Ontem cantam
hoje para alguns que,
como nós, não acreditam em pragas.

Em certo momento, todos choram.

15.

Expressão paralisada,
Retinas dilatadas,
Coriza.
Opaca pele ressecada
Pelo susto do flagra
Voltou a ser, de novo, humana.
Esse período pós-flagra,
Quando cremos ter
Sobrevivido ao crime.
Não, ninguém passará impune.
Alguém aqui pensou que poderia
Rir tanto, gozar tanto,
Tantos amores, assim,
Sem condenação?
A igreja nada lhe ensinou,
Triste crédula apaixonada?
Já não seria tempo de recolher
Sua beleza, seu sexo,
Enterrando toda seda,
Poesia, nesse deserto inevitável
Do esquecimento?
Ah, querida! Você é mesmo tola!
O seu rosto lembra o patético
De uma joia oca.

16.

Fazer carinho em si mesmo
É insatisfatório,
Pois não sabemos o que sentir:
O ser tocado ou o tocar.
Já no erógeno
Onde é mexido há mais do
Que uma pessoa,
Não apenas o eu
Que manipula a mão.
Vencemos a inescrutável
Solidão,
Eu sou você, você é ora
Você, ora outro, ora ela
Entre as minhas pernas,
Na boca,
Nos seios,
E aonde mais houver
Fissuras.

17.

Eu, você e elas

Querido, querido, meu querido,
Bem sei que você está gastando o
Tempo com outras.
Mas cada dia, chore, você
Está mais perto da morte.
Eu, você e elas.
Eu não temo o tempo, nem a
Morte.
Esse é o caminho que nos iguala,
As putas e os poetas, todos no
Mesmo barco do adeus.
Você nada entendeu quando
Contei que sou mágica.
Você é cético,
Você gosta de vulgares.
Eu de seculares hábitos,
Viciada em eternidade.
Só de falar, gozo.
Sou aquela que conhece
Histórias infindáveis,
Aquela que com a língua
Afiada na lâmina,
Novas lendas para você,
Inventou.
Mas alguns não toleram o
Corte da flecha que entra
Pelos ouvidos.
A seta sempre é maior
Na saída.
O mundo fica mais doloroso
E lindo.
No entanto os seus olhos,
Treinados para estratégias e
Lucros, não o deixam enxergar

O que há por baixo de minhas
Exuberantes vestes.
E eu me despi para você,
Eu o deixei entrar,
Querendo ser vista.
Mas não sei a dança do ventre,
Minha moeda é o verbo em minha
Boca, a mesma que você tanto beijou,
Sem nada pagar.
Agora não há mais verso nenhum
Que lhe caiba,
Meu querido mercador.
Você roubou minha inspiração
Sendo cego e falando errado.
Então ficarei quieta,
O punhal da sua ignorância me
Roubou a inspiração.
Resta-me aguardar outro rei para
Enfeitiçar, beijar e torná-lo obra,
Para enfim guardar em papel o que
Já foi amor.

18.

Há certas águas que não matam a sede,
Você já notou?
Como a saudade que não nos conduz a
Nenhuma epifania.
Saudade deveria sempre render um verso
Perfeito, visto que para nada serve.
Acordamos cansados por senti-la,
Se é que dormimos.
Ela nos rouba o presente, nos cega o futuro.
Estou assim agora: presa ao passado quando
Estive com você.
É claro, sou sábia, que nada do que lembro
É verdade.
O criei numa memória, toda feita de
Papelão pintado.
Uma maquete de arquétipos
Românticos.
Nesse local em que rosas amarelas,
De você ganhei,
Nos mantenho grampeados.
Mente tonta essa a minha,
Não me canso de desenhar
Um outro ideal que me deixa sempre.
Poemas salvam-me da eterna estupidez de
Sentir-me abandonada, mas eles são tão
Raros…
Já sei, já sei, repito a rejeição da infância,
Quando matei minha mãe e
Perdi meu pai para uma nova mulher.
Me explicaram direitinho, sou uma doente
Muito bem medicada.
Reconheço ser viciada em desprezo.
Estarei sempre esperando, na tal escada já
Tantas vezes descrita, um alguém que voltará
Precisará ir, senão não há como voltar –

Para mim, com as rosas na mão, e um pedido
De desculpas nos olhos, lábios e braços.
Nade em minha direção! Rezo atordoada pela
Insônia, crendo que você seja digno do meu
Perdão, e sigo com sede.

19.

Três de Espadas

Há uma entidade que testa todas as penas da caneta.
A caneta é geniosa – mas jamais confusa.
Pode muito rapidamente se exaltar, o mandar se foder.

Dessa ponta afiada se fez três setas, saiba não é difícil entender: preste atenção!
Imagine um coração, é fácil, não tema!
Aquele coração infantil, que não se parece em nada com o coração de uma vaca;
o coração que nos ensinaram num jardim de infância impossível, onde, a bem da verdade, nunca estivemos;
pronto esse, com nádegas para cima e uma vagina embaixo.
Agora crave três espadas nesse coração.

Tenho certeza, não estou sendo vaidosa e nem mediúnica.
Não sou cartomante, não sei ler mãos,
mas sei que você sofreu por amor.
Bem-vindo!

A caneta não levará nada a lugar nenhum.
Que pena, inclusive, você não ser um isopor.
Há pessoa-isopor, coração-vaca, e há três espadas-cruzes em pessoas com coração de bunda flutuante. Essas, nós, sofremos com o descaso, com a ausência , com a lembrança de uma boca que mentiu, e que beijamos.

Somos mais lindos, acredite.

20.

Lacuna Lacaneana

Deram-me asas, no meio delas
há uma pedra: uma esmeralda perfeita.
Quando as asas brilhantes apareceram
em minhas costas,
jurei que voaria.
Jurei que voaria para bem longe.
Jurei que voaria, porra!
Mas a pedra bruta e rara
que sustenta
as asas,
não costura o rasgo.
Tenho asas cravejadas de brilhantes,
mas não tenho agulhas, linhas
que me façam cicatrizar
e não voo.
Sou tão patética quanto um pássaro
andando. Mais risível que uma galinha.
De um lado dou pequenos saltos
barulhentos, levantando mais poeira
que impulsos.
Enquanto, do outro, eu sento e choco
os ovos da omelete para o jantar.
Sem andar não sou A Senhora,
Sem levantar voo não sou A Prostituta.
Eu não existo.

21.

Esse estado permanente do aguardar,
Por que tanta maldade?
Eu, estatelada em meu leito de
Prostituta, toda paramentada:
Laço no pescoço, flor na cabeça,
Pulseira de ouro no meu fino
Pulso, presentes de amantes
Presentes.
Você não me traz nem uma
Taça de vinho,
Você me faz esperar,
Você me tira do celestial,
Você rouba a minha Vênus,
Você me vicia nas mortais
Químicas do medo e da insegurança,
Você entra em minhas epifanias,
Fuzila meu tempo com a burrice
Da ansiedade;
Triste, desolada, despida,
Choro.
Você é velho e você não pode
Nada.
Você me deixa só
E cria-me à sua semelhança:
Presa.
Nua, enfeitada com adornos
Que me revelam puta.
A mais estúpida de todas:
Essa que aguarda o homem
Que não traz a moeda.
E se há algo que o redime dessa
Mágoa é que eu assim quis.
Culpada, torno-me santa.

22.

Pedido à Mnemosine

Deusa, Deusa, Deusa! Imploro
Rastejante e exausta,
Deixe-me em paz.
Vejo-o nos sonhos,
Vejo-o nas músicas,
Nos rios,
Em um inóspito pote de
Conservas.
Lembro-me dele em meu
Cheiro.
Não me suporto
Nessa lembrança constante,
Pois o perdi,
Acordo e durmo em pesadelo,
Deixe-me em paz,
Deusa da memória, má e
Rancorosa.
Imploro pelo esquecimento,
E nessa lacuna,
Com amnésia dele,
Viverei ausente.

Perdão.

23.

É quando uma barata tem o peso exato para quebrar alguém. E ela quebrou! Tudo que parecia ser possível aguentar, mesmo que de forma já visivelmente esgotada, e frágil, foi por água abaixo com a barata na banheira. Não, não é justo. Encarou leões nas últimas semanas, e poderia rolar com um numa savana, porém uma barata – do tamanho de uma orelha e alta – era sacanagem demais, diabólica demais, simbolicamente inútil demais; principalmente por ela estar sentada no vaso sanitário, prestes a fazer xixi, pensando no homem que não via há vinte dias e que não demonstrou nenhum desejo em tê-la. Uma barata, enquanto ele estava na sala, querendo ir embora jantar em sua casa, teve o peso que seus nervos não podiam aguentar. E por isso, teve um colapso. Viu a barata quando iria começar a urinar, e saiu vestindo a calça, com a calcinha ainda nas cochas, berrando e pulando e estranhamente, sem sombra de dúvidas, cantando: "brilha, brilha estrelinha". Ele soube que havia uma barata na banheira e prontamente a matou. Mas uma barata morta, não deixa de ser uma barata vista. E mesmo os barulhos feitos por ele, enquanto a matava, não diminuíram a sensação de podridão e de inferno, que uma barata traz. Uma barata num banheiro. Numa banheira limpa. Uma barata que veio dos canos de outras casas, das entranhas, uma barata que assistiu a outros dramas, dramas que vieram com ela – a barata – e por isso a fez vil, cascuda e testemunha de algo que também deveria ter de podre, no banheiro em que ela mijava… a barata a quebrou. E ela chorou. Ele foi. E a barata ficou na latinha do banheiro.

24.
Você partiu como
um soldado,
um exilado político,
um fugitivo disfarçado.
Não houve nem mesmo
um digno adeus.
Não houve um
beijo
jogado na estação de trem,
um bilhete amarrotado,
guardado no meu
peito.
Nenhum telegrama criptografado,
não houve uma
guimba de cigarro
copo com marca de batom,
a última música que ouvimos,
não foi a nossa música.
Não houve nem
mesmo um aperto
cordial de mãos,
quanto mais um
lençol manchado
por nós dois.
Não houve um tapa na cara,
uma mordida.
A assepsia do
adeus que não foi
falado.
A liturgia da nossa
separação foi uma
mensagem teclada
às pressas.
Deus, como isso
dói!
Essa sensação de

ter sido banalizada,
de fazer parte da
lista das muitas
que você magoou.
Mas em mim,
mesmo sendo um
nome a mais nessa
lista, e isso
me constrange tanto,
ficaram os versos
que escrevi.
Os versos que
estão a caminho,
os que sei,
irão fazer desse
encontro algo mais
digno do que
apenas um erro.
Estou na lista, mas
Sou grata.
Não o espero, esse
soldado que foi
para as trincheiras.
Não o procuro,
esse fugitivo,
disfarçado,
não o quero,
exilado político.
Você é como um
ilusionista,
apareceu
retumbante,
trazendo presentes
na cartola, para
depois
sumir da minha
vida

deixando um rastro
de poemas em
mim,
eu irei imortalizá-lo,
galante Don Juan,
no meu bloco de anotações.

25.

Para Gioconda Garbi

Porque você,
cais imaginário,
barco furado,
preso em âncora de isopor,
não tem brio
para lidar com a verdade;
você teme o tempo,
os credores,
nega a dor; acredita em
orgasmos simulados,
a sua ignorância me
fez pensar no nada.
Olhei profundamente para
o seu abismo vazio
e me comovi.
Lá, onde naufraguei a
minha poesia,
nessa água turva,
que pensava já conhecer
– Mas que em seu continente
pareceu-me plástica demais,
anilina demais –,
bebi doçura,
o achei tão frágil,
chorei seus medos,
engoli seus sapos,
engasguei com a sua saliva,
emergi inteira,
agora posso rir da sua cara.
No entanto, barco furado, eu
que o amarrei numa âncora de
isopor, nesse lindo cenário,
de uma paleta de
inúmeros verdes e azuis,

do meu cais imaginário.
Então resta, entre um
esgar e outro de involuntário
nervoso, rir da minha própria cara.

E estou rindo! Rindo, rindo muito.

26.

As três vozes que dizem Sim,
As três vozes que dizem Não,
musas que cantam em minha
cabeça a mesma ladainha da dúvida.
Reconheço o timbre de cada uma.
Há aquela que sussurra um Sim atraente de amante, ela me excita com doçura;
essa mesma, contradiz o convite com um Não duro e certeiro. Um Não que resume:
não há nada aqui para você: suma!
Uma outra, um pouco mais estridente, afirma: Sim!, com a pontuação de uma ordem. Ela não dá chance alguma para um talvez, com a sua contundência.
Mas logo canta um Não choroso, de quem implora não ser machucada.
Já a mais rouca das três cantarola monocórdica e
com inesgotável teimosia: Sim, Não, Sim, Não, Sim, Não.
Ela me enfada com o mistério de sua contradição, e o seu tom asséptico me faz dormir.
Essa mulheres vestem-se com esmero, seus cabelos são
longos, e nunca envelhecem.
Convivo com elas desde pequena. Escuto vozes que me cansam, confundem, mas que me guiam
no entrelaçado novelo de um poema.
Quando chego até a ponta da linha, elas calam o que eu escrevo.
Então faz-se o silêncio que salva.

27.

Com você aprendi A, o que faz de um A um A bonito.
Não tenho uma boa letra,
Tenho um bom martelo,
Tenho uma boa tesoura,
Tenho alfinetes,
Agulhas.
Tenho alguns amigos que tem um bom A,
Mas o seu, de fato, é o mais bonito.
Talvez seja porque você o aprendeu com alguém
Que amou e que tinha um nome que começa com A.
O A deve ter um ângulo reto em seu bico,
De ser triangular, e sua abertura deve ser
Curta e o traço interno deve se esforçar
Para conter-se entre as pernas longas
E abertas do A.
Eu nunca tive um A
Bom A, nem B, nem C
Tenho dúvidas se o Z é para lá ou para cá.
Mas eu tenho pregos,
Arame,
Britadeira.
Eu tenho cadeado, uma faixa e uma corrente.
Ali guardarei seu A e voltarei ao meu singelo A.
Devolvo-lhe seu amor, fico com o meu.

28.

Quero escrever algo que te rasgue as retinas –,
não tenha medo,
caso eu consiga, você irá
gostar dessas cores novas
que inventei –
para que você enxergue o plano
e o contraplano ao mesmo
tempo.
Sua mente será, então, uma tela,
assim, dessa forma não
mais contínua,
tudo será possível:
todas as constelações
serão suas
porque você irá conhecê-las,
cada uma, mesmo que não
consiga contar.
Se eu escrever versos
perfeitos
descrevendo como eu vejo
o mundo –,
ele é lindo! Todo abstrato e
sensação! –
você poderá romper a
perspectiva que dizem
certa,
e eu deixarei você entrar em
todos os meus buracos.

29.

Meu Saturno faz uma conjunção com o seu ascendente
Você é louco por mim?
Quem é mais forte?
Oposição a Netuno, não pode beber
Netuno oposição ao ascendente
Netuno faz oposição a Vênus
Você deve ter muito pesadelo!
Você deveria entender os mitos
Eu sou de plêiade
Sol conjunção com Vênus
Amor superior, amor carnal

Crer que eu seja uma estrela
– não sou!
Netuno oposição!
Remédio, bebida, droga

Touro é retração
Dez pontos de insegurança

Plutão na quarta casa
Um tanto introspectivo
Eu posso colocar o Sol na
Sua vida e lhe expandir
Meu Sol faz conjugação com o
Seu ascendente
O beijo é bom

Compatíveis
Sou mais forte
Mais intempestiva
Eu posso ir embora
Não lido com rejeição
Nessa geometria eu
Posso me confundir.

30.

Não raro o que é raro perde
para a vulgaridade.
O que é a tez diáfana de uma pele,
próxima a descarada faixa
ínfima de branco – sobra
protegida por lycra –,
no entre-nádegas,
de um corpo esturricado
pelo sol?
Quem está interessado nas dores
da alma romântica,
podendo se ater aos tilintares
brindes nas redes sociais?
Não, não há mais ouvidos afinados para
os cravos da existência poética!
Quem se importará se Eros
é tão somente
o ego do nosso herói enamorado?
E quem saberá que o vigésimo segundo
trunfo do tarô, O Mundo,
deve fazer desse jovem um Eu
bem mais astuto do que
aquele euzinho,
que se divide entre as duas damas,
na sexta carta?
Ora, ora, ora, sua tola!
Ninguém te convenceu que
não há arquétipos para
nossa cultura atual?
Apenas siga adiante,
Tentando disfarçar
sua singularidade.
Se puder dance alguma
dança estúpida,
E ria dentes encapados.

Nunca reclame!
Não! Jamais! Não há tempo
para lamúrias!
Não revele ter no peito um
coração talhado
no amor romântico.
Não diga mais para mais ninguém:
eternamente sua!
Não revele que guarda
pétalas de rosas amarelas,
no livro de poemas de amor.
Não! Não! Não! Não escreva
poemas de amor.
Não raro o raro é trocado pela
mais vulgar opção ao lado.
E o raro chora porque dói andar pelos
labirintos internos que o
tornaram assim,
Tão raro, um Eu solitário e
pálido.

31.

Não é porque sou punk. Não é porque sou raivosa. Não é porque sou mulher. Não é porque tive o cu comido. Não é porque fui passada para trás. Não é porque estou de saco cheio. Não é porque bebo. Não é porque eu te amei. Não é porque eu minto. Não é porque eu sou uma filha da puta. Não é porque estou de saco cheio. Não é porque eu sou tatuada. Não é porque sou disléxica. Não é porque ontem esqueci de tomar meu remédio. Não é porque eu tenho asma. Não é porque você me inveja. Não é porque estou gorda. Não é porque hoje é sábado. Não é porque meu pai foi embora. Não é porque dizem que sou gay. Não é porque a minha mão está cansada. Não é porque me chamo Fernanda. Não é porque meu sobrenome é Young. Não é porque estou com fome. Não é porque nasci em Niterói. Não é porque eu nasci no dia primeiro de maio de mil novecentos e setenta. Não é porque sou mãe. Não é porque sou escritora. Não é porque estou escrevendo nessa tela. Não é porque deveria dormir. Não é porque a música que toca me lembra de quando eu era adolescente. Não é porque a minha boceta coça. Não é porque eu devo ver como estão as crianças. Não é porque eu preciso passar filtro solar. Não é porque eu tenho preguiça de procurar documentos. Não é porque é necessário poupar água. Não é porque amanhã é domingo. Não é porque eu odeio domingo. Não é porque não falo com meu pai. Não é porque tenho sono. Não é porque sou irmã. Não é porque já quebrei a clavícula. Não é porque odeio vinho branco. Não é porque sou tatuada. Não é porque eu amo pizza. Não é porque não leio jornal. Não é porque acho chato MPB. Não é porque posso ser grossa. Não é porque sou sensível. Não é porque sou sardenta. Não é porque tenho 43 anos. Não é porque tenho vontade de quebrar tudo. Não é porque corro. Não é porque sou hinduísta. Não é porque faço tudo para não ficar como a minha tia. Não é porque talvez eu fique. Não é porque aqui embaixo é mais difícil de escrever. Não é porque eu não sei desenhar. Não é porque faz um calor do caralho. Não é porque tenho medo. Não é porque eu sei que quem tem medo é burro.

32.

Não há palavra mais
esperançosa do que tomara,
Seja para rogar uma praga
ou para uma vindoura trepada.
Tomara, envio essa reza!
Tomara!
Tomara!
Por favor, tomara.
Tomara que você leia esses
meus versos tão mal
acabados, toscos, e lembre:
eu, eu, eu, eu, eu lhe quis.
Tomara que você se arrependa,
não creio ser possível,
já que você é burro.
Tomara que eu consiga
melhorar essa merda desse poema,
já que não sou burra.

Tomara que um batom vermelho
me salve do ridículo que é
chorar por você.

33.

Uma área estreita,
Delicada ruga
– Que nego,
Não quero rugas!
Um fino bordado,
Um fino fio de ouro,
Nesse vaso delicado.
Delicado vaso
Que não quero!
Vermelho sangue,
Sangue que não quero
Que vaze.
Você se enfiou,
Estranho invasor,
Excêntrico,
Minha faixa de Gaza.

34.

Crânio

As suas outras costelas me
encarceraram em seu plexo.
Toc-toc-toc, bati com
timidez, logo que notei
Que deveria partir.
Ninguém abriu a porta.
Pedi, chorei, arranhei seu
interno. Nada.
Você não me quis, mas me
prendeu. Você não me quis,
mas me costurou em você.

Sou um órgão
transplantado.
Era para ser a costela
fêmea, mas virei
um totem, um crânio de
princesa mumificado.
À luz da lua, eu fosforesço
em seu peito.
As outras costelas são
opacas,
submissas no harém que
organiza suas
funções vitais. Eu não, eu
continuo tentando
sair. Devo-lhe causar algum
incômodo,
afinal não me resigno:
quero ir embora.

Irei. Saiba que sou osso
duro de roer,
feita de natureza celta da

mais afiada
Lâmina.
Irei. Saiba que quando
menos você esperar,
essa costela quebrada,
muitas vezes, um
cristal, irá surgir feito
poema para bem longe
de você.
E o mais absurdo dessas
metáforas é
que eu gostaria de escutar:
não vá!
E o mais absurdo é que
você agirá feito um idiota
que perde um braço, e
continua sentindo cócegas
no vazio.

35.

O que fica é um enorme e tísico Ah…
Um Ah que não há mais em meus pulmões, mas já houve e ainda ouço:
Um Ah……….. com hálito de sangue na alma,
Ah de mofo-verde-cela de prisão.
Ah… álcool de rosas, cachaça para moças.
Um Ah… longo, enjoativo, quase refrescante
Um Ah…………. Halls do adeus.

36.

A mão esquerda de Vênus
Que afaga seus cabelos e
Toca-lhe uma punheta canhota,
Não sabe respeitar o Tempo.
Do Tempo, e sua gravidade
Saturnina, ela debocha
Pela mais pura ansiedade.

A mão quer prazer e
Esfrega-se toda
Entre as – minhas –
Pernas.

Ela é geniosa e espera
Receber o tanto que oferece.
Não sabe que o duro Marte se
Assusta por ser mais frágil.
Por ser bem mais frágil do que
Ela – é difícil mesmo de entender!

Os tapetes, rede, bordados,
De sua moradia, não teve um
Prego que fixasse a imagem
De um cuidado tão esperado.

Então Vênus com a sua mão
Nervosa estapeia o rosto que
Quer lamber.

Você me deixa.

A mão esquerda fica morta
Ao lado do meu corpo
Branco e rabiscado.

E você, bem sei, deve estar
Meio morto,
Com o corpo sem ser tocado.

Enquanto Saturno categórico e amargo
Diz: bem feito.

37.

Queria dormir.
Vivo na conjugação do
Eu queria dormir,
Eu queria descansar,
Eu queria dormir
Com você,
Eu queria viajar
Com você.
Eu sou o sujeito da
Conjugação do queria.
E é claro que não devia.
Mas devia também.
É uma conjugação minha.
Eu-queria-e-não-devia.
Eu queria, e como não posso,
Fiz algo que não devia.
Então devia desistir,
Queria.

38.

As palavras preenchem o vácuo gelado e úmido do meu coração. Entopem minhas veias com sangue de letras descritivas. A P G M T O soltas no céu de minha boca. Vogais, consoantes, acentos, pontuações em todos os fios do meu cabelo ralo: OUTRORA CRINA DE CAVALO.
São as palavras que organizam o caos da minha mente, que não sucumbem ao drama hereditário.
Palavras que guardam segredos, que mentem em nome da verdade, simulam alegria, fazem rir, gritam por ajuda.
SOCORRO a palavra que salta pelos meus olhos.
POR FAVOR imploram pelas narinas.
BARATA, PERCEVEJO, INCENSO, SAPATO, MENINA, LIVRO, palavras que substituem a serotonina que meu cérebro não produz.
SAUDADE, DESCASO, MEDO, INSISTÊNCIA, palavras que escrevo neste caderno de capa vermelha.
PRETO, GÂNGLIOS, GENTE, NASCE, MORRER, palavras que encerram este poema RUIM.

ELE (irônico): Mas o destino não seria algo involuntário? Traçado por mãos cósmicas, sagradas, mapas astrais?

ELA: Não, o destino não é um roteiro esotérico. Não é algo que pode ser visto por um meio adivinhatório.
Quiromancia, tarô, búzios, borra de café. Nada pode enxergar aquilo que já foi escolhido há muito.
Ações racionais ou involuntárias,
São escolhas.
Escolhas conduzem aquilo que pode ser chamado de destino.
E o destino, que muitos debocham,
é um emaranhado de nós que nos ligam, nunca de forma aleatória,
uns aos outros.
Não podemos mensurar o que é o infinito. Não podemos fazer nada,
afora traçar uma linha que dita:
nos anos quatro mil antes de Cristo, alguém inventou uma forma de dizer algo sobre uma superfície, e esses signos se tornariam,
um dia, um poema meu para você.
Se podemos crer que
esse poeta da antiguidade
– poeta ou burocrata ou delator –
definiu nessa linha o que seria o início de uma era, por que não podemos aceitar que não há nada que seja casual?
Que o que é dito foi criado num momento anterior a palavra?
Que uma decisão tem inúmeros desejos que não se reduzem a um pensamento?
Não podemos decifrar o enigma que me conduz, sempre,
ao mesmo papel de
inconveniente por amar você.
A vida fez de mim uma oponente desse jogo abstrato,
mas que repete ridiculamente as regras do War.
Ou do Banco Imobiliário.
Quem derruba o quê?
Quem ganha o quê?
Casas para a frente e para trás.
Sou um pino vermelho no tabuleiro.
O pino que por total força do costume, parece ser o

mais destemido.
Pois, querido pino azul, eu sinto medo!

Nessa parte, a “física quântica” dela já não o interessa,
e ele mexe no celular.

ELA: Se não há ciência, runas, rimas, que explique porque sempre se repete esse padrão, como um código morse,
que me conduz a dor,
devo crer que seja, então, pecado.
E não sei ser pecadora,
temo padecer nesse meu destino,
que é o inferno de amar.
Estou no ofício de descrever o amor há muito,
e bem sei que não serei salva.

Ele responde três e-mails.

40.
Minha cabeça está vazia
Assuntos que enjoam
Essas máximas parecem,
E são tão desinteressantes
Sem fôlego, com sono,
Sinto esse quase pânico,
Por estar assim tão exausta.
Nesse país cruel,
Em que poesia parece
Não parece importar.
Como importar?
Se não maquia,
Se não emagrece,
Se não vende.
Quem crê, ainda,
Que o papel seja
Necessário?
Quem lê poesia?
A língua portuguesa
Está morta, afinal.
− Não! A minha língua
Está em minha boca,
Em meus olhos, em
Sua boca.
Entre as nossas
Pernas.
O meu conteúdo
− o amor − não
Cola nesse gelo
Que cala.
Me nego a desistir!
Cuspo, vomito,
Xingo.
Mas escrevo
Te amo.

41.

Para Eduardo Celestino

L’ entêtement est mon nom de famille,
mais le doute est mon époux infidèle.
Maintenant, le bruit du train qui passe est agréable, mais il va bientôt me blesser profondément.

Quelqu’un m’a dit que je suis un peu bien,
un autre me dit que je suis incroyable;
mais personne ne sait qui je suis
parce que peu de gens savent qui ils sont.
Des égos qui jouent aux échecs.
Certains, plus sages, maintiennent la reine suspendue
car son silence déconcerte l’adversaire.
Je vais taire ma voix et vous laisser dans le silence de ma parole,
je serai dans votre mémoire l’erreur la plus coûteuse:
laissez-moi aller.
Je n’ai pas honte de l’admettre dans une langue qui n’est pas la mienne.
Je voudrais rester.

Et vous, mon amour aveugle, ne savez-vous pas que l’on ne joue guère avec un poète?
Je vais vous immortaliser dans des versets imparfaits, rédigés en français,
pour vous rappeler que je suis votre amant dévouée
et que la vulgarité a payé le billet pour mon départ.

Le train passa au loin et une fois encore il siffla
J’t’aime, j’tedéteste, j’t’aime, j’tedéteste,
et les pièces du jeu se mirent à trembler.

Para Patrícia Amaral

A teimosia é o meu sobrenome,
mas a dúvida é minha esposa infiel.
Agora o ruído do trem que passa é agradável, e logo me doerá
intensamente.

Foi-me dito que eu sou quase legal,
outro me disse que sou a pessoa mais incrível;
mas ninguém sabe quem sou
poucos sabem quem são.
São egos jogando xadrez.
Alguns, os mais sábios, mantêm a rainha em suspensão,
seu silêncio desconcerta o adversário.
Eu vou fechar meu português e deixá-lo na ausência de minha palavra,
eu vou estar em sua memória como o erro mais caro:
deixar-me partir.
Não tenho vergonha de admitir numa língua que não é minha.
Eu gostaria de ficar.

Meu amor estúpido, você, não sabe que não se deve jogar com um poeta?
Vou imortalizar você nesses versos imperfeitos, escritos em francês,
para lembrá-lo que eu sou sua, sua, sua, sua amante devotada.
e que sua vulgaridade pagou pelo bilhete da minha partida.

O trem voltou a passar, ao longe, apitando:
amoodeio, amoodeio, amoodeio,
fazendo as peças do tabuleiro tremerem.

42.

Deixá-lo é tão difícil
Quanto escrever
Uma carta com a mão esquerda.
Os nervos agonizam.
Os sentidos se confundem.
Não há nada de natural nesse
Meu ato de partida.
Corro para longe de você.
Nado para longe.
Tento sentir ódio,
A velha solução da
Raiva como estímulo.
Não funciona.
Bebo para tornar a
Realidade mais acessível,
Fica tudo mais claro.
Resolvo usar a técnica infalível
Da terceira pessoa.
Vejo de cima,
Não sou mais eu.
Ufa! Sinto alívio.
Narro o que vejo:
Uma mulher indo embora.
Uma mulher indo
Embora sem
Querer ir.
Ela leva na mala
Um molho de
Cartas não enviadas,
Todas escritas com
A mão de Vênus.
Ela para por um
Breve instante,
Mas logo continua a andar.
De novo para, não

Olha para trás,
Apenas espera.
Aguarda ser
Resgatada dessa viagem.
Nada acontece.
Nenhuma palavra.
Então continuo
Andando nessa areia
Movediça do tempo,
Que me levará de você,
Sem mais parar.
Sem esperança.
Somente indo.
Sem nenhuma
Escapatória,
Sem pausas,
Sem desculpas,
Afora a mesma,
A de ser eu.
Essa que nunca
Poderá ficar.

43.

A contundência do barulho de um vidro quebrando,
inigualável barulho que faz os
rostos terem a mesma expressão de um ai!, constrangidos,
enquanto culpados.

Ou o esgar nervoso de quem terá que acusar
o desajeitado causador do estrago.
Será uma baixela de família, ou um desses recipientes
vulgares que se levam ao forno?

Há algo de desesperador no ruído da porcelana
que se parte.
Algo de agourento no espelho que lasca nas mãos
desajeitadas de uma mulher.

Uma taça que racha no brinde eufórico dos bêbados – não existem
votos de sorte que disfarcem o mal-estar de um cristal que trinca.

No vidro de perfume que um ciumento zune na parede,
não há nenhuma poesia.
… Já tive um espatifado assim, bem sei.

Escutamos tantos vidros quebrando em nossas vidas,
que muitos de nós – os mais sensíveis – reconhecemos
o valor da peça perdida, mesmo à distância.

Hoje eu quebrei um jarro. Um jarro simples que
um dia guardou uma orquídea.
Ele me servia como porta-grampos de um cabelo longo
que não tenho mais.

O vidro de textura fina produziu cacos que cobriram
o mármore do meu banheiro.
Vi o jarro caindo lentamente – porque conseguimos ver
cada segundo da queda, quando somos nós
que derrubamos.

Depois observei os grampos entre o cacos,

e alguns cacos nos meus pés descalços.

Senti uma grande vergonha por ter sido assim tão relapsa.
Senti saudades dos meus cabelos e de um tempo,
não muito remoto, quando eu ainda usava grampos.
Senti uma vergonha ainda maior por não ter tido o ânimo, e a dignidade,
para catar eu mesma essas fagulhas finas e perigosas.

Deixei tudo ali: os grampos, os cacos, e fechei a porta.

44.

Às vezes sinto vontade de faltar com a verdade,
Ser cínica, mas nunca vil,
nem mesmo mentirosa.

Omissa?
Não, omitir é para os fracos!
Talvez irônica,
Dúbia.
Charmosa, claro.

Eu contaria um pouco aqui,
Um pouco ali.
Com o tom certo, bem calmo
Ou não – dependendo para quem
Conto.

Os amantes – homens ou mulheres – não me cobrariam tanto,
E eu poderia ter quantos eu quisesse.

Mas é que a verdade é excitante, máscula,
Como uma espada.

Aqueles que gostam da lâmina, os poucos, irão lambê-la.
E eu gosto de ser lambida pela coragem.
A língua que lambe pode se ferir,
Assim como quem diz a verdade.

Por isso decidi contá-la.

45.

Essa pele não me contorna,
Pouco ou muito caibo
Nela.
Essa mancha que a mão cria,
Após esbarrar na linha
Daquilo que escrevo, ela sim,
É o espectro do que transborda de
Mim.
Não estou dentro somente,
E estou somente dentro, caso
Queira.
Quando mudo é porque estou
Ainda mais em mim.
E se circulo no outro, móvel ou
Não, é porque desejo distrair-me
Desse fluxo, crendo estar com um.
Nunca estive com ninguém!
Assumo nessa mancha que
Escrevo.
Desculpa se o enganei,
Casei-me somente
Comigo.

307. As palavras preenchem o vácuo gelado e úmido do meu coração
309. Mas o destino não seria algo involuntário?
313. Minha cabeça está vazia
315. L’entêtement est mon nom de famille
317. Deixá-lo é tão difícil
321. A contundência do barulho de um vidro quebrando
325. Às vezes sinto vontade de faltar com a verdade
327. Essa pele não me contorna

Copyright © 2016 Editora Globo S.A.

Copyright do texto e das ilustrações © 2016 Fernanda Young

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida – em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc. – nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados sem a expressa autorização da editora.

Editora responsável:Eugênia Ribas-Vieira
Editora assistente: Sarah Czapski Simoni
Editor digital: Erick Santos Cardoso
Projeto gráfico, diagramação e capa: Daniel Trench
Assistente de design: Manu Vasconcelos
Digitalização de imagens: Motivo
Revisão: Elisa Martins

Texto fixado conforme as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995).

1ª edição, 2016

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO
NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Y68m

Young, Fernanda
A mão esquerda de Vênus / Fernanda Young. – 1. ed. – São Paulo : Globo Livros, 2016.

ISBN 978-85-250-6273-4

1. Poesia brasileira. I. Título.

16-31334 CDD: 869.91
CDU: 821.134.3(81)-1

Direitos de edição em língua portuguesa para o Brasil adquiridos por
Editora Globo S.A.

Av. Nove de Julho, 5.229 01407-907, São Paulo, SP, Brasil
www.globolivros.com.br